This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

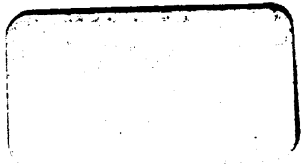
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

A 466995 DUPL

PROPERTY OF THE
University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS



MEMORIAS

II

BULHÃO PATO,
SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

MEMORIAS

HOMENS POLITICOS

TOMO II

LISBOA
TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS
1894

X0,X
B93me

V.2

INDICE

Os primeiros annos da regeneração:

O duque de Saldanha 3
Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello 7
Rodrigo da Fonseca Magalhães 11
O conde de Thomar 23
Coimbra em 1852 35
A Rainha D. Maria II em Coimbra 45
Sebastião José de Carvalho—visconde de Chancelleiros 63
O conde de Casal Ribeiro 69
D. Maria Krus 75
A Regeneração 77
José Luciano de Castro 85
José Maria Latino Coelho 89
José Estevão na ilha do Fayal.—O dia dos seus annos 109
Diogo de Noronha.—A ponte de Algalé 121
João de Lemos 133

Manuel Maria da Silva Bruschy e Antonio Joaquim Gomes de Abreu..... 165
José da Silva Mendes Leal..... 171
D. Pedro V..... 207
Jayme Constantino de Freitas Moniz..... 223
O marquez de Niza.—Um jantar em sua casa com o general Prim..... 241
15 de maio de 1851.—Entrada do marechal Saldanha em Lisboa..... 259
Jacintho Augusto de Sant'Anna e Vasconcellos. — visconde das Nogueiras..... 271
Jacintho Augusto de Freitas e Oliveira.—O banquete do louco..... 283
José Cardoso Vieira de Castro..... 303
Antonio de Serpa Pimentel (autobiographia)..... 313

OS PRIMEIROS ANNOS DA REGENERAÇÃO

O DUQUE DE SALDANHA

A Regeneração estava na força da sua actividade; actividade como a das fainas do oceano, mas com mar bonançoso, tripulação fraterna, céu limpo, sol radiante, vento fresco, propicio e largo! Que horisontes aquelles, comparados aos de agora! Os moços de hoje não podem fazer o parallelo. Estão livres de uma dôr cruciante!

O marechal duque de Saldanha presidia ao Gabinete. Caracter singular, feito de anthiteses. Soldado de esphera elevada — não só intrepido,

mas prudente; precatado a ponto, que os seus mais intimos só no campo da batalha, e no momento preciso lhes sabiam dos planos, onde a sciencia da guerra se alliava á intelligencia culta e superior. Sangue frio; abraçar o campo num relancear de olhos; medir com precisão; resolver subito; evitar o perigo sempre que devia; affrontal-o com a maxima serenidade sempre que a circumstancia urgia, eram as suas condições de general eminente. Disseram-me, os que haviam combatido a seu lado, nas grandes refregas, que aquelle homem, tão bondoso e affavel no trato familiar, em fusilando os relampagos e estoirando o trovão das baterias, ao dar ordens, assumia, ás vezes, aspecto que apavorava!

Politico indeciso—acovardando-se não raro; enredador e voltivolo sempre. Modestissimo no apreciar das suas verdadeiras façanhas, apparatoso e charlatão na importancia que attribuia ás suas finuras diplomaticas, e aos seus talentos politicos.

Sobrio — não fumava, não bebia; a sua alimentação favorita era uma enorme travessa de arroz á portugueza, e dava um banquete, todos os dias, para sustentar parasitas!

Ambicioso — sempre o dinheiro lhe parecia pouco; mas para o distribuir pelos parentes, afilhados, amigos, e deitar o resto pela janella fóra! A casa de Santo Ambrosio, do pateo ás salas, um formigueiro de pretendentes! O marechal, radiante, em vez de se enfadar, attendia-os a todos. Alguns eram sycophantes, que vinham espionar-lhe os actos!

Humano — depois da lucta na batalha não consentia que se tocasse num vencido. Nem por sombras vingativo. Jámais perseguiu ninguem. Blasonava que havia de esmagar as hydras revolucionarias, em 1848. Vendo que alguns foram para o Limoeiro, mandou dar a maxima liberdade aos presos, que eram visitados, e acariciados pelos parentes mais proximos do duque!

Passados já os oitenta annos, no alto da

Ajuda, atirou-se á bocca dos canhões, como se quizesse ganhar as esporas de cavalleiro! Triste foi que a espada percuciente, que abateu Bourmont, o vencedor d'Argel, jogasse os laureis de cem combates, pelas sombras, numa aventura de *condottiere!*

Actor, sem a grande arte de Rodrigo—mas comediante tambem.

ANTONIO MARIA DE FONTES PEREIRA DE MELLO

—

Rodrigo da Fonseca Magalhães tomara conta da derrota politica, e seria cabido o equivoco, se derrota quizesse dizer — desbarato! O velho estadista, a meu ver, foi fatal! Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello manobrava ao catavento. Moço, resoluto; ambicioso de gloria e de mando; de inconcussa probidade; parlamentar eminente; insinuante nas maneiras e na figura. Um pouco mais alto que o vulgar entre nós; delgado, sadio, activo; vontade decidida e tenaz; olhar penetrante; sempre no

seu posto; sem perder jámais o aprumo, e guardando restrictamente as chamadas conveniencias. Apurado no trajo; acompanhando as phrases, scintillantes e expontaneas, com o jogo da physionomia e o gesto expressivo. Previdente. Assimilando todas as idéas que lhe pareciam uteis, e esse era o seu principal talento; confiando em si, mas conhecendo-se—não quiz nunca rever um discurso; sabia que lhe faltava colorido e cunho litterario. Imperativo, com quanto extremamente cortez.

Não aprecio, particularisando, os seus actos; avalio-lhe a intelligencia e os dotes como homem. Tinha animo elevado, coração largo; nem sombras de inveja; nada de mesquinho na sua organisação. Adorava a familia; as nuvens politicas desfaziam-se, como elle dizia, assim que entrava no lar, onde era a affabilidade viva.

Estudou de mais o breviario de Rodrigo da Fonseca Magalhães. Tinha cegueira por aquelle homem: foi o seu erro capital.

Recebeu ingratidões nefandas; nunca se vin-

gou! Teve na vida torrentes de luz, durante mais de trinta annos, em que foi o archonte da politica portugueza; nenhuma sombra na morte, que o tomou nos braços, onde adormeceu sem contracções de agonia. Para os que o choraram — foram muitos e eu fui um d'elles — morreu cedo; para a posteridade e para a gloria, morreu tarde. Já não tinha pulso com que podesse dominar a corrente dos novos, que lhe haviam tomado as lições, que elle tivera do outro — do *Raposa*. Começava a sentil-o amargamente, quando baqueou! E comtudo, e apesar de tudo, baqueou um grande homem!

Eu fiz-lhe o epitaphio, na epocha em que tratavam de levantar-lhe um monumento. É este:

Luctou, da aurora á noite, audaz, sereno e forte;
E sorria, ao brandir a espada rutilante!
Ninguem teve mais luz no labutar constante;
Menos sombras ninguem, quando chegou a morte!

RODRIGO DA FONSECA MAGALHÃES

Rodrigo da Fonseca Magalhães, nos primeiros annos da Regeneração, era Ministro do Reino. A natureza dotara generosamente aquelle homem. Alto, robusto, peito largo e arcado; pescoço taurino; cabeça arejada, cabello crespo, lanciolado e forte. Cabeça e feições tinham expressão bravia. Nos olhos e sorriso, singular sagacidade,—sagacidade que não se desmentia nos actos, e que fez com que lhe puzessem, por cognomento, o nome de certo animal damninho e arteiro—*Raposa*.

Cicero, de que elle possuia a correcção da fórma, entre os antigos era o seu escriptor predilecto. Commentava-o á meza, com os amigos, achando analogias picantes entre alguns passos da nossa scena politica e outros do desabar da republica.

Votava grande despreso aos homens, como todos os scepticos. Prova-o a seguinte anecdota. Rodrigo estava ás portas da morte. Sobre a madrugada, perguntou as horas ao creado; este, que já tinha fumos de litterato, vendo o alvor da manhã, disse-lhe:

—Sr. conselheiro, isto, pelo *opusculo* da manhã, devem ser cinco horas.

Rodrigo resmungou:

—Opusculo, opusculo! Com bestas vivi sempre, e com bestas morro!

Seria licito duvidar se, durante a vida, teve alguma affeição sincera, de tal modo sabia simular as paixões!

Orador de primeira ordem, faltava-lhe fogo de tribuno; o demais possuia tudo—imagina-

ção, fórma, conceitos graves, chistes, mordacidade, réplicas, apartes, phrase abundante, e tersa, ás vezes, como a de Antonio Vieira. Saber copioso. Em recursos parlamentares, para saír gentilmente d'um passo difficil, nunca jámais ninguem, no nosso paiz, o egualou. Sabia commover, quando queria. No primeiro discurso, que pronunciou na Camara dos Pares, alludindo ao seu modesto nascimento, aos tempos da sua mocidade, e narrando a separação e a despedida das divisões portuguezas e inglezas em Bayonna, no fim da guerra peninsular, por tal modo o fez, que arrancou lagrimas!

. Tinha expedientes para tudo; deitava mão a uma aresta, e escapava-se das ondas!

Nas ambages e meneios diplomaticos, nos ditos agudos, nem Talleyrand lhe daria de rosto. Uma noite, estava eu conversando com elle em casa do ministro de Hespanha, Escossura, orador eminente, quando atravessou a porta, que ficava proxima, certa condessa, uma das leoas mais picantes que tinha Lisboa, e inimiga

politica de Rodrigo, por causa d'alguem... A condessa disse-lhe, com sorriso ironico:

—Que faz por aqui, sr. conselheiro?

—Vejo as bellezas que passam, minha senhora!

A condessa, que raiava na linha fatal dos quarenta, mordeu os beiços, ainda assim vermelhos como as bagas da romã.

*
* *

A rainha D. Maria II, que adorava o marido, apesar de rainha era mulher, e um dia teve ciumes; ciumes da sobrinha de um homem muito notavel do reino visinho, que, n'essa epocha, representava o seu paiz em Portugal.

A sobrinha do diplomata—uma viuva de vinte e cinco annos—era esbelta; a cinta um annel, o pé sevilhano, cabello de azeviche, em ondas, pallida como Santa Philomena dos bosqués, labios vermelhos, um lunar na face, mãos

de dedos afilados, que revoluteavam um leque, que tinha voz e dizia coisas!... Numa palavra uma perdição de mulher!

Os zelos seriam infundados, decerto, mas a rainha sacudiu a cabeça, pulando como a leoa ferida! Chamou Rodrigo da Fonseca Magalhães, e as primeiras palavras foram peremptorias:

—Aquella mulher, dentro de oito dias, fóra de Portugal!

O caso era grave, gravissimo! Rodrigo, durante horas,—durou horas o debate—exhauriu os seus recursos, para persuadil-a de que seria impossivel cumprir tal ordem. Não logrou convencel-a! Por ultima instancia, a rainha, perdendo completamente a continencia, disse-lhe:

—Não sabe o que é uma mulher com ciumes?

E pregou-lhe um formidavel beliscão num braço!

Rodrigo da Fonseca saíu, promettendo fazer milagres. Então surgiu o magico com as suas artes, o encantador com todos os seus sortile-

gios. Poucos dias depois a tentadora viuva, a convite da rainha de Hespanha, partia satisfeitissima de Portugal!

Rodrigo, triumphante, foi abraçado por D. Maria II.

*

* *

O astuto ministro não perdia nunca o sangue frio: esse sangue frio o salvou, um dia, talvez, da forca. Morava elle na rua Formosa, entrando pelo lado dos Paulistas, numa casa á esquerda, que fica pegada com uma estalagem, que ainda lá existe. Era no tempo de D. Miguel, e a policia teve ordens apertadas para lhe deitar a mão. Á entrada da noite, Rodrigo descia a escada, em trajo frasqueiro, descarapuçado, talvez para fazer alguma compra, trazendo na mão um candieiro de latão de tres bicos. De repente entram os malsins, e um d'elles, suppondo que elle fosse um creado, perguntou:

—Rodrigo da Fonseca Magalhães?

Este, com a maior serenidade, em ar confidencial e no castelhano mais puro, respondeu:

—*Arriba está.*

Os homens subiram. Elle poz o candieiro nos degraus da escada, em duas pernadas chegou ás Chagas, saltou o muro do jardim do conde da Cunha, D. José, e d'essa casa, disfarçado em gallego, fugiu para o extrangeiro.

*

* *

Rodrigo da Fonseca Magalhães não era mal entranhado, e tinha animo generoso. Estava elle no ministerio, quando lhe appareceu, ao entrar da Secretaria, um homem muito conhecido em Lisboa—o famoso *Pomada florestal.* Vinha pedir-lhe, pela centessima vez, mais um favor de dinheiro. Rodrigo, impacientado, disse-lhe:

—Nem um real! Deixe-me em paz!

—Sr. conselheiro, se me não faz o que lhe peço, mato-me.

—Pois mate-se, mas deixe-me em paz, já lhe disse! E voltou-lhe as costas.

No dia seguinte, quando subia para o seu Ministerio, cae-lhe aos pés uma senhora, de luto, coberta com um grande véo de viuvez. E, toda em pranto, exclamou:

—Valha-me, pelo amor de Deus, sr. conselheiro, que estou desgraçada!

—Que foi, que lhe aconteceu?

—Foi meu marido,—Figueiredo Guimarães —que se matou!

Rodrigo mandou-lhe dar uma quantia maior que a que o homem lhe pedira na vespera.

Saindo da Secretaria, metteu-se na traquitana, com o seu inseparavel companheiro de muitos annos, José Carlos de Freitas Jacome, excellente homem, de quem fui amigo, e que me contou esta anecdota. Á porta do Arsenal, dam de cara com o *Pomada,* lepidamente entrajado, que lhe dizia adeus, muito risonho!

Rodrigo da Fonseca, em vez de se indignar, soltou uma gargalhada, e disse para o seu amigo:

—Logrou-me, o patife; mas teve graça!

O capital defeito do memoravel estadista foi a falta de senso moral. Ria como Democrito, mas não ria só das loucuras humanas; cynico no sangue, aproveitava essas loucuras para satisfazer conveniencias politicas, que paixões não as teve nunca. Durante a estada no poder jámais usou da corrupção em proveito proprio; guardava-a para derrancar os outros. Veneras e titulos regeitou-os sempre. Conhecedor profundo da alma e das vaidades mundanas, tinha á mão honrarias para captar ou amordaçar inimigos, mas quando D. Maria II o obrigou a acceitar uma grã-cruz, elle, com o seu sorriso impagavel, e olhando por cima dos oculos, disse:

—Que faria eu a Sua Magestade para me inquirir com a silha mestra?!

D'um revez apodou ridiculos do Paço e magnates do reino!

Comico e tragico, como Frédérick Lemaître, ria e chorava, ao mesmo tempo, com as duas caras de Jano! Artista, adorava em Garrett o orador e grande poeta, porém ao homem, vendo-o á morte, e até na sombra do prestito funebre, mordia-lhe o caracter, no que ha de mais intimo, com epigrammas acerbos! Por isso, Rebello da Silva, no extraordinario improviso á beira do tumulo do auctor do *Fr. Luiz de Souza,* alludindo ás *Folhas caídas,* e deitando um olhar de revez para Rodrigo, disse:

— Deus perdõe áquelles que d'essa encantadora grinalda só souberam arrancar os espinhos do martyrio, para lh'os cravarem no coração!

A setta partiu direita, e Rodrigo da Fonseca Magalhães, ensarilhando os pollegares, no gesto que lhe era habitual, não poude ter mão em si que lhe não viesse uma onda de sangue á cara.

Para muitas coisas, olhava de alto e desassombrado. Alviçareiros azafamados, vieram dizer-lhe que prohibisse uma Revista do anno,

que ia no Gymnasio, revista em que o mettiam a ridiculo desaforadamente.

—Com que o publico ria e o theatro ganhe, o resto pouco importa — respondeu elle serenamente.

—Os deputados são como as casas; compram-se depois de feitos — dizia o embaidor estadista.

Os collegas riram-se e aproveitaram o salutar conceito, amplificando-o depois, com grande beneficio do thesoiro. Agora compram-se mais caros — antes e depois de feitos.

Deixou discipulos, e o mais notavel de todos elles, apesar dos seus grandes dotes, não escapou ao malefico influxo!

O CONDE DE THOMAR

Dias, que me ficaram sempre gravados na memoria e na alma, foram esses da minha primeira viagem a Coimbra. Convidou-me para ella João José Vaz Preto Geraldes.

Deixara a sua magnifica vivenda da Louza, porque tinha na Universidade, seguindo o curso de direito, seus filhos: Manuel, primogenito, Fernando Affonso, o segundo, e João, o mais novo. Fernando Affonso, juiz integerrimo, e nobre coração, morreu ha pouco.

No dia 3 de abril de 1852 mettiamo-nos no

vapor, que largava, ás sete da manhã, do Terreiro do Paço para o Carregado, João José Vaz Preto Geraldes e eu. Graças ao progresso do vapor e da gondola, e aos cavallos, de excellente passo de estrada, do arrieiro Pratas, que nos esperavam na Ponte de Asseca, chegámos á vetusta cidade de Santarem, então simplesmente villa, ás onze horas da noite. Vamos com Deus, que já era andar! Ás tres da madrugada partimos, em direcção a Thomar.

A não ser no oceano, com bom tempo, não ha levantar de sol como na campina. Todo aquelle mar ondulante de trigaes vae bater lá no sopé dos montes do sul, que se afiguram como a arrumação da terra aos navegantes.

Os variados tapizes de flores, nas grandes relvas; os novilhos brincões, os toiros bravos a pasto, ou lavrando as folhas de terra, nos terrenos, que se alevantam como a vaga larga e mansa; as codornizes reclamando e aos pares; as labercas em bando; os braços do Tejo, como

prata fundida, em varias e caprichosas voltas, formando canaes, lagos e insuas, bordadas de salgueiros recurvos; o sol, vibrando as primeiras frechas incendiadas, alteando rapidamente, e já diamantino, a inundar aquellas campinas, onde a profusão de floritas de diversas côres apresenta cambiantes varias, e nas alturas, atravessando o azul transparente, com o seu vôo sereno e largo, a cegonha, solicita amiga do lavrador!

Ás quatro da tarde entrámos em Thomar.

O castello e o convento de Christo, coroando a cidade, e o Nabão, espumante nos assúdes e serpeando por entre hortas, jardins e pomares, formam um quadro aprazivel e pittoresco. Essa noite passámol-a em casa da familia Mousinho d'Albuquerque, parentes e amigos de João José Vaz Preto.

No dia seguinte fomos ver a fabrica, então movida por enorme peso de agua, e os principaes monumentos da cidade. João José Vaz Preto ia visitar depois o conde de Thomar e

apresentar-me ao eminente estadista. Eu ardia em desejos de o ver de perto. Era uma especie de fascinação, por que nós todos — os rapazes do tempo — como bons *patuléas,* tinhamos sido inimigos d'elle.

Lembro-me que a primeira pessoa que se nos deparou no pateo da entrada, foi a sr.ª marqueza, irmã do meu presado amigo Read Cabral, vestida com o seu elegante trajo de campo — senhora de singular distincção, de raras virtudes, e então ainda na flor da encantadora formosura. Subimos.

Eu fôra creado no Collegio do Quelhas com os filhos e os sobrinhos do conde. Os filhos eram mais novos do que eu. Perdi dois de vista, e com o sr. conde actual o acaso tem feito que as nossas relações sejam de mera cortezia. Hoje, dos sobrinhos, já não resta senão Eduardo, conde de Cabral. José Emygdio, intelligente e gentilissimo moço, morreu em Madrid, de um typho e na flor da edade.

*
* *

Antonio Bernardo da Costa Cabral — conde, depois marquez de Thomar — era astuto e sagaz; ambicioso e generoso; leal com os seus partidarios e amigos, até á abnegação. Exaltado — disseram que vingativo, a ponto de pôr a preço a cabeça dos seus adversarios! Não conheço provas, nem o creio, com quanto as paixões do tempo fossem violentas e quasi a raiarem na ferocidade. Os exemplos vinham de alto!

O conde, porém, mostrou não ser rancoroso. Em 1848, se fosse homem de odios entranhados, acharia meio de perseguir o maior e mais potente inimigo que teve na imprensa — Antonio Rodrigues Sampaio. Não o fez.

Na vida intima era exemplo.

Foi decerto o homem mais odiado, e talvez o mais calumniado de Portugal, depois de 1834.

O anexim, cantado pelo povo, é a synthese d'esse odio:

«Se comem trigo os pardaes
É por causa dos *cabraes*.»

Os *cabraes* eram elle!

Não tinha o summo talento de conhecer os homens como Rodrigo da Fonseca Magalhães, nem o fino espirito, nem a cultura, principalmente litteraria, nem a luminosa e correcta palavra do mais arteiro dos nossos personagens politicos; mas era parlamentar de pulso — e uma cabeça superior. Se não fosse D. Maria II, mulher honestissima e de esphera intellectual, porém voluntariosa e tenaz — que via n'elle meio para subjugar o partido do povo, que ella abominava — o conde de Thomar teria evitado muitas calamidades e prestado grandes serviços ao paiz.

Todo o progresso material, que depois se desenvolveu com a Regeneração, andava já no seu

animo, e elle tentou inicial-o. As luctas politicas, levadas até ao sangue das batalhas, tiveram-lhe mão e absorveram-o. O povo e a mocidade detestavam-o; viam n'elle uma ameaça á liberdade. A sombra sinistra do despotismo não estava longe, e as paixões eram candentes! A indifferença ainda não entrara no espirito publico; elle sabia-o, e a prova é que recuou, quando foi da *lei das rolhas,* deante de meia duzia de assignaturas!

Era preciso que o tempo corresse, para se distinguirem, com desassombro, os defeitos salientes e as altas qualidades que possuia o marquez. Foi o que me aconteceu a mim, o mais obscuro, porém o mais desinteressado de todos os seus antagonistas.

*
* *

Na manhã de 5 de abril de 1852 entrei, pela primeira vez e ultima, em casa do conde de

Thomar. Por causa d'essa casa, foi elle torpemente injuriado e calumniado. Como os tempos mudaram!... Agora quem levanta soberbos palacios, accumula montes de oiro, blazona o nome plebeu, timbra os escudos, floreteia as corôas, entraja arminhos de par, deshonra a patria, e abre as salas allucinantes, e dá bailes esplendidos, não tem senão applausos e bençãos!

Que tristeza! Para que os moços respeitem dolorosamente os velhos, basta que pensem que só os velhos teem a experiencia das grandes tristezas!

O conde abraçou João José Vaz Preto, e tratou-me a mim, que era um rapaz, com a maxima urbanidade. Estava na força da vida, o combatido estadista. O tom bistre da sua pelle tinha-se carregado mais, com as picadas que lhe haviam dado no figado as ultimas refregas. Os olhos fusilavam com estranho brilho; sentia-se que a actividade interior era grande, nos movimentos da sua mediana, elastica e vigorosa estatura. Revelava-se nelles o poder do orga-

nismo d'um homem, que até annos provectos conservou a intelligencia lucida e segura.

O resto da vida, que foi muito longa ainda, correu-lhe approveitada e serena. Com o vasto saber, *de experiencia feito*, quantos commentarios profundos e picarescos não faria elle, vendo a dança judenga, dos homens e das coisas, passar-lhe por deante dos olhos, n'estes ultimos tempos.

Foi grande perda que não deixasse *Memorias*. Nenhum politico do nosso paiz as podia ter mais variadas, interessantes e instructivas!

Despedimo-nos do conde de Thomar. Eu não tornei a encontral-o, senão, rara vez, na sociedade, que elle, aliás, frequentava pouco.

Quiz elle, um dia, fazer par do reino a João José Vaz Preto. Este, que era do partido opposto, não acceitou. Vendo que o seu antagonista baqueara do poder, com todas as probabilidades de não mais se levantar, foi visital-o na sombra do seu retiro. A bizarria foi, e é, o mais fidalgo vinculo da familia Vaz Preto.

*

* *

Saindo de casa do conde de Thomar, fomos visitar Antonio Eleutherio Dias da Silva, por antonomasia o *Thomé de Thomar,* que nos esperava, com profuso e delicado almoço.

Antonio Eleutherio já está com Deus. Formara-se em direito. Foi muitas vezes deputado, viveu na sociedade escolhida de Lisboa, e na intimidade dos homens mais notaveis do paiz. Morreu juiz togado, e na força da vida. Deixou dois filhos: Fernando e Antonio Tamagnini da Silva, dois honrados e sympathicos rapazes, que toda a gente estima. *Thomé* era moço de intelligencia, bem posto, e de alegria estrepitosa! Votava grande veneração a João José Vaz Preto, que, apesar da sua elevada posição, saber e talento, não havia ninguem mais affectivo e benevolo com os rapazes. A casa de

Thomé era das principaes da cidade: jardim amplo, pomar e horta, cortados pelo rio Nabão. Deliciosa vivenda!

Depois do almoço, o nosso hospede montou a cavallo, e veiu acompanhar-nos por mais de uma legua.

Rude jornada, a de Lisboa a Coimbra, n'esse tempo.

Comquanto Vaz Preto passasse talvez dos sessenta annos, e eu tivesse apenas vinte e tres, sem transcender uma linha do profundo respeito ao personagem de veneravel estatura moral, sentia-me á vontade, com o meu bondoso companheiro.

Conversador agradavel, muito instruido, amava a arte e a natureza. Robusto ainda, e desenganadamente bravo — o que augmentava o valor do camarada, n'aquelles asperrimos e mal assombrados impervios.

O tempo estava magnifico, mas a primavera dos campos era menos florida e luminosa do que a minha!

Duas coisas fazem com que a vida, no declivio, não seja um completo enfado; a arte, e a recordação, embora dolorida, das sympathias vivas e sinceras, que suggerimos e nos suggeriram!

COIMBRA EM 1852

—

Chegámos ao alto de Santa Clara no declinar de uma bellissima tarde do dia sete de abril de 1852. Quando descobri o Mondego, a velha ponte — tão cheia de recordações, a cidade, em amphitheatro, os montes ondulados, crespos de oliveiras e pinheiros, tapizados de vegetação riquissima; quando respirei aquelle ambiente, onde ás galas se reune a memoria dos nomes mais brilhantes de Portugal, commovi-me. Atravessando a ponte, e entrando na Portagem, o primeiro estudante com que dei de cara foi

Carlos Ramiro Coutinho, actual visconde de Ouguella, companheiro dos meus estudos de infancia.

Tinha apenas mais um anno do que eu, e era lindo rapaz. Quando fôra matricular-se na Universidade, já se estreara na *Revolução de Setembro,* á sombra de José Estevão, amigo particular do pae — honrado homem, e liberal extreme. Carlos Ramiro Coutinho seguia o curso com grande distincção. A sua biographia está largamente traçada, nem mais, nem menos que por Camillo Castello Branco. O actual visconde de Ouguella foi, e é, um vigoroso talento, hoje robustecido por erudição solida, e, entre nós, rarissima.

Já se prenunciava o orador no moço academico. Logo aos primeiros passos, no fôro, revelou a facilidade e o calor da sua palavra. Transbordavam as salas da audiencia, quando, em causas celebres, era patrono o moço advogado. Pallido, a formosa cabeça povoada de cabellos loiros, olhos limpidos, voz velada e in-

sinuante. Enthusiasta. Não perdia lanço de propagar as suas idéas humanitarias. Antes que o parlamento decretasse a abolição da pena de morte, já o visconde de Ouguella, em apostrophes vehementes, se pronunciara contra esse castigo. Sentia-se na palavra do advogado a temperatura do tribuno. Entrou na politica com a maxima honradez e sinceridade: tão sincero e honrado foi, que o trancaram na cadeia, por muitos mezes! Do pretorio politico escapa tudo, menos um justo! Conheceu os homens e a terra em que vivia, por amarga experiencia! Retirou-se, desenganado e triste. Deitou com mais afinco a mão aos livros, a sua paixão desde a puericia.

Passados annos, n'esse retiro teve uma punhalada, que lhe atravessou o peito e a alma. Um filho, na flôr da adolescencia — o filho unico da sua casa e do seu coração — morria-lhe nos braços! As nuvens, que envolviam o politico, condensaram-se no coração do pae desventurado!

Durante mezes, não poude escrever; mas a arte, a consoladora e solicita amante, prendeu-o novamente: compoz um bello livro — *Gil Vicente*. Depois, o pendor nativo levou-o para a lucta social, e com este titulo acaba de publicar um grosso volume de poderoso estudo. Praza a Deus que alguns pontos de vista, que podem affigurar-se summamente sinistros, não sejam a expressão tristissima da verdade! Todas as lamentações de Jeremias são poucas para chorar as nossas desgraças!

*
* *

A casa de João José Vaz Preto Geraldes, em Coimbra, tornara-se o ponto de reunião da flôr dos estudantes do curso. Foi ahi, entre outros, que conheci J. B. Martens Ferrão. Era um cenobita de vinte annos. Insinuante physionomia, de olhos vivos como dois diamantes ne-

gros! A batina irreprehensivel, timido, e ao mesmo passo, quando discutia, senhor de si. Desde a infancia agarrado aos livros, mas sem sombras de pedante.

Henrique O'Neill, mais velho, era o seu companheiro inseparavel.

Martens Ferrão, no decurso da sua brilhante formatura, só fez uma extravagancia, mas que deu brado! Uma tarde de primavera, e pela sésta, sacudiu dos hombros a batina, vestiu-se de andaluz — devia ficar-lhe a matar, o fato! — e debaixo de uma larangeira, com outro condiscipulo, tão desaforado como elle, merendaram os dois pão com marmelada, e agua fresca! No dia seguinte, depois de uma magnifica lição, dada no curso, contou, com ufania, o grande rasgo aos seus intimos!

Pouco depois de doutorar-se, entrou na camara, e rompeu com valentia pelos sarçaes da politica. José Estevão, que tinha intuição critica superior, logo aos primeiros passos sentiu que estava n'aquelle moço um espirito elevado.

Alexandre Herculano e Martens eram os homens que o tribuno escutava com mais attenção. A capacidade como estadista, o saber como jurisconsulto, e o valor do verbo, são notorios no que é hoje nosso ministro junto ao Vaticano. Ha pouco ainda, e n'um momento cruel, lhe ouviram a voz commovida e eloquente.

Um dos intimos da familia Vaz Preto era Sebastião José de Carvalho, visconde de Chancelleiros.

Já em estudante tinha a physionomia moral e intellectual de hoje. Physionomia onde domina a originalidade: gesto, cara, porte, estylo oratorio, são d'elle. Não dá ares de ninguem. Os seus amigos mais dilectos eram Manuel Vaz Preto e D. Pedro de Portugal e Castro. Pedro e Manuel, desde os quinze annos, foram meus intimos. Apresentaram-me a Sebastião de Carvalho, e o mesmo foi trocarmos um aperto de mão, que ficarmos amigos.

Entre parenthesis, como estas *Memorias*—

por vezes o tenho dito — não seguem ordem, registro mais uma nota alegre da nossa mocidade. A ultima vez que os quatro jantámos juntos foi no *Penim* — taberna, diga-se a palavra, mas a cuja mesa se assentavam homens como Alexandre Herculano, Garrett, e Gonçalves Dias. Eramos moços, Sebastião com menos quatro annos. Todos cheios de vida, muitas illusões ainda, e honrados, graças a Deus!

Tres — assaz escalavrados, é verdade — ainda estão de pé. D. Pedro de Portugal e Castro, fina intelligencia, graça exuberante, alma generosa e nobilissima, esse — o nosso querido Pedro — coitado, já baqueou ha muito!

Sebastião Chancelleiros guardava em Coimbra o aprumo dos estudantes senhoris. A batina quasi tão irreprehensivel como a de Martens Ferrão; sempre de luvas. Em vez de passar as noites em casa do Troni, ou no Paço do Conde, distrahia-se n'um meio mais litterario, em casa de Vaz Preto, ou na convivencia dos Carvalhos de Vasconcellos, Antonio, Manuel e

Mathias, quando ainda vivia a irmã, Maria Candida, aquella gentilissima fidalga, feita de um raio de luar e de um ramo de rosas pallidas da primavera! Tão pallidas, que se lhe desfolharam na sepultura, por uma alvorada de abril!

Que mulheres tenho visto desapparecer! E não sei qual foi maior, se a dôr de perdel-as, se a falta que fizeram ao meu espirito! Ainda quando o amor não entre por coisa alguma, nada eguala a convivencia de uma mulher superior. Não ha artistas verdadeiros sem estas amantes, embora espirituaes, que teem o segredo da graça das linhas, das cambiantes de luz, do toque genial do quadro; que desabrocham o *Idyllio da Rua Plumet,* as estancias da Herminia, do Tasso, a *Primeira Saudade,* de Lamartine.

Miguel Angelo, vendo Victoria Colonna, é que devia ter sentido correr pelo cerebro extraordinario o sopro candente que produziu o *Juizo Final!* As mulheres! as mulheres!...

Sim, ellas é que haviam de perfumar e colorir brilhantissimamente estas paginas! Mas... a terra não é para isso!...

A RAINHA D. MARIA II EM COIMBRA

D. Maria II, intelligencia clara, attendendo a conselhos do que era, para ella, principal mentor—Rodrigo da Fonseca Magalhães, pensou em captar as massas populares e planeou uma viagem ás provincias. N'esse tempo a Universidade tinha poetas como Soares de Passos, Alexandre Braga, Antonio Ayres de Gouveia.

Antonio Ayres é dos homens de mais talento e saber que tenho conhecido. Sou insuspeito, —já lhe fiz uma violentissima e justissima satyra! Quando fallou, pela primeira vez, na Ca-

mara dos Pares, atiraram-se a elle, como São Thiago aos moiros. Os proprios, porém, que lhe revolviam a vida, jogavam chascos, e o lardeavam de epigrammas, diziam em áparte:

—Foi um discurso monumental! É a melhor oração que temos ouvido!

A politica tem d'isto!

Os poetas de 1852, na corrente dos moços academicos, eram os mais impetuosos adversarios da rainha. Ella, porém, soube captival-os, como a todos os estudantes.

A entrada da filha de D. Pedro IV na Lusa Athenas descrevi-a n'uma carta, que dirigi a A. P. Lopes de Mendonça, e foi publicada na *Revolução de Setembro*. Agora a transcrevo. Não lhe altero uma palavra. Vae com a pobreza de lingua e estylo hesitante dos meus vinte e tres annos.

«Coimbra, 27 de abril.—Meu caro Mendonça.—Tu lembravas-te de mim, quando escreveste a tua meditação, n'aquelle aprazivel retiro

da Ajuda, ao pé do nosso bom amigo Herculano, e sentado na patriarchal cadeira, onde eu por mais de uma vez tambem tenho rimado alguns centos d'octosyllabos, que tu tens escutado depois com verdadeira resignação evangelica.

Eu hontem, quando escrevia os meus apontamentos de viagem — aqui, n'estas encantadoras e luxuriantes margens do Mondego — recordei-me de ti, decidi-me a dirigir-te esta carta.

Não estremeças, meu amigo, com a idéa de que eu vá sacrificar-te ao meu enthusiasmo bucolico, n'uma longa missiva pastoril e ingenua, onde figurem rebanhos de brancos cordeirinhos, apascentando-se por prados sempre cobertos de relva e matizados de flôres.

Quando me lembrei de ti e tencionei dirigir-te esta carta, as scenas magestosas da natureza, que n'esta deliciosa terra se desenrolam ante os olhos por todos os lados, tinham-me desapparecido da imaginação, para darem logar a outras scenas, mais deslumbrantes decerto

para muitos, menos talvez para outros, mas importantes, sem duvida, para todos, e sobretudo para aquelles que pretendem ver nas manifestações do povo o sentimento que os domina.

Já vês que me refiro á chegada da côrte aqui. Queres que te falle d'este acontecimento, moral ou artisticamente? Fal-o-hei como poder.

Conheces Coimbra; vistel-a ainda quando as paixões politicas e a experiencia dos homens e das coisas, não tinham vindo desbotar as illusões da tua alma, desvanecer os sonhos doirados da tua imaginação. Vistel-a e podestel-a admirar em todo o esplendor da sua bellesa, languidamente recostada sobre o dorso de uma colina, banhando os pés nas aguas transparentes do Mondego, recuada por uma cordilheira de montes, cuja vegetação forte e basta, carrega o fundo do quadro, para que resalte mais o alvo das casas e edificios d'esta cidade, berço das sciencias e das artes, onde, em todos os tempos, tem brotado do seu seio os primeiros engenhos

do nosso paiz. Então estou certo que te havia de ter estremecido o coração; que os olhos se te haviam de orvalhar de lagrimas, porque a tua cabeça já se inflammava com os sonhos do renome e da gloria, que hoje estás conquistando com a força da tua vontade, com a energia do teu talento, com a nobreza do teu caracter. Oh! se Coimbra estivesse encravada n'um d'esses paizes onde ha estradas, verias como os viajantes a admiravam, como os romancistas a punham, nas suas descripções, a par dos mais privilegiados logares da natureza!

Estradas! Esqueci-me de tudo, perdi o fio de quanto tinha para te dizer, quasi que me caíu a penna das mãos, meu amigo! Estradas!! Sabes o que são os campos da Gollegã, depois de alguns dias de chuva?! Imaginas o que significam as seis leguas de Thomar a Ancião? Comprehendes o que quer dizer a *Picada dos Corvos?* Sabes por onde se caminha depois nas demais leguas, que ha a fazer até Coimbra? Estradas!!! Não continúo, porque tenho medo

de esgotar o tinteiro com pontos de admiração!

Eu queria fallar-te da impressão que me fez a chegada da côrte aqui, e é o que rapidamente vou fazer. A camara municipal, no pouco tempo que teve, fez o que estava ao seu alcance. Na Portagem levantou-se um arco de triumpho; na Calçada pozeram-se pyramides, adornadas de festões de flores; uma nesga de pardieiro velho caíu aos golpes da implacavel picareta, junto ao Arco d'Almedina; por toda a parte, por onde havia de passar o acompanhamento, se arearam as ruas, se cobriram as janellas com colchas de seda e de damasco. Os barcos embandeirados e dispostos em linha; os barqueiros, vestidos de gorro escarlate, collete azul, cinta e meias-calças largas, esperavam, trepados nos mastros, a chegada de SS. MM. Emfim, meu amigo, a Lusa Athenas preparou-se esplendida para receber a côrte.

Ao meio dia, pouco mais ou menos, uma girandola de foguetes e o repique dos sinos, an-

nunciaram que se avistava a comitiva real: foi n'esse momento que eu chegava á ponte.

Confesso que me surprehendeu aquelle espectaculo. Oitocentos a mil estudantes, sentados no parapeito da ponte, de gorros negros, capa e batina, produziam um effeito magestoso, contrastando com o povo, que se revolvia em ondas no caes, e, avido, se apinhava na Couraça de Lisboa. Quando o cortejo despontou no principio da ponte, como se fosse a uma voz, aquellas duas renques de vultos negros pozeram-se em pé, desembuçaram as capas, e tiraram os gorros. Então lançar os olhos por aquellas alas, e vel-as estender-se até lá ás portas da cidade, era de um effeito artistico maravilhoso!

Dois soldados de cavallo com as carabinas na mão, avançavam o coche em que vinha a Rainha. O povo rompeu em vivas, os lenços agitaram-se, e as girandolas de foguetes começaram a estalar nos ares. El-Rei vinha mais atraz, acompanhado do Principe Real e do marechal Saldanha, e flanqueado pelos ajudantes d'or-

dens. Com o seu caracter, naturalmente expansivo, vinha dando as mais vivas demonstrações de reconhecimento aos applausos, que lhe dirigiam. A Rainha, caracter mais concentrado, apparentava menos, mas, comtudo, aquelles, que estam affeitos a vel-a no seu estado normal, reconheciam-lhe no semblante os symptomas da viva impressão que agitava o seu espirito.

Deve ter sido esta uma occasião, meu amigo, em que o throno tenha tomado um poderoso exemplo, para não desviar nunca os seus interesses dos do povo.

A corôa deve ter comparado esta recepção á do Alemtejo, deve ter sentido que estes vivas espontaneos e enthusiasticos vêm da confiança que actualmente se deposita n'ella, que esta confiança nasce do modo porque se tem portado desde a queda do ministerio Thomar,—e do programma, que o duque de Saldanha arvorou no Porto.

Se um dia se desviar do caminho, que hoje começa trilhando, se o duque de Saldanha se

esquecer da palavra, que empenhou com o povo, então estes brados de enthusiasmo, que saem agora espontaneos do peito, converter-se-hão nas imprecações tremendas, com que elle, por mais de uma vez, tem feito tremer os que pretendem subjugal-o. O povo esquece as offensas porque é generoso, perdoa porque é grande, e condemna porque é forte e justiceiro.

A Rainha, depois de ter recebido as chaves da cidade das mãos da Camara, seguiu pela Calçada. N'alguns dos intervallos das pyramides que decoravam a rua, estavam, sobre uma especie de pedestal, duas creanças das Ursulinas, vestidas de branco, com cestos de flores nas mãos. As folhas de rosa principiaram a cair em nuvens sobre a cabeça de SS. MM. As nymphas do Mondego esparziam-as com mão profusa, debruçando-se e requebrando-se graciosamente nos parapeitos das janellas.

Aquelles rostos, animados pelo mais poderoso sentimento da mulher, a curiosidade, seriam capazes de inspirar muitas duzias de estrophes,

e de certo esta carta iria escripta em quintilhas, se não fosse dirigida a ti, e se eu não receiasse que tu, com a tua lingua farpada, me despedaçasses no pelourinho do teu folhetim.

As familias mais distinctas, no circulo de dez a doze leguas, affluiram a esta terra. De Vizeu, Figueira, Monte-mór, Ancião, Maiorca, etc., convergiram para o seio da Lusa Athenas clero, nobreza e povo.

A comitiva continuou, dobrando no Arco de Almedina, e proseguindo até ir desembocar na Couraça de Lisboa. O povo seguia em ondas o acompanhamento, os lenços agitavam-se nas mãos das elegantes, os foguetes estrepitavam nos ares, e os vivas eccoavam por todos os angulos da cidade. Era um espectaculo verdadeiramente esplendido. O cortejo real chegou á Sé, e, depois de celebrado o *Te-Deum,* dirigiu-se, a pé, pela rua larga, levando na frente o prestito universitario, vestido de capello e coberto com as borlas.

Á tarde SS. MM. visitaram o Museu e per-

correram alguns outros pontos; á noite illuminaram-se todas as janellas; no largo da Universidade, onde estava uma banda de musica, o palacio de D. João III, a torre, a livraria e o Observatorio, cingiram-se com uma corôa de lumes. Depois do jantar as pessoas reaes chegaram á varanda, e foram egualmente saudadas.

Os estudantes portaram-se com a dignidade que lhes é propria. A Rainha concedeu-lhes o perdão d'acto, que elles não sollicitaram, nem dando a mais leve demonstração de que o desejavam.

O corpo academico é composto de rapazes no verdor das paixões, e doidos pela maior parte; comtudo sabem ostentar uma dignidade tal, quando se trata de qualquer acto serio, ha nelles um amor de classe, um orgulho tão nobre, instinctos tão generosos, como talvez em nenhuma outra corporação se encontra! É uncção d'esta terra, onde ha tantos annos tem vivido a mocidade esperançosa, na quadra a mais bella

da vida, a das crenças, a das paixões, a das esperanças no futuro.

Com que admiração olham elles para o talento; com que franqueza, com que urbanidade, com que distincções recebem no seu seio um homem que suppõem de alguma intelligencia!

Na vespera da partida a côrte foi visitar o tumulo da Rainha Santa Isabel ao convento de Santa Clara—aquelle sitio tão rico de recordações historicas, onde foram cortados os cabellos da filha de Henrique IV de Castella, a esposa infeliz, que não chegou a juntar-se ao nosso Affonso V.

D'alli partiu para a quinta das Lagrimas, onde ha aquella fonte, de que disse o nosso Camões que

Lagrimas são agua, e o nome amores;

onde eu estive já, á sombra dos magnificos cedros que a rodeiam, e onde teria feito versos

a mais uma *Ella,* se, ha tempos para cá, não andasse com odio figadal aos octosyllabos.

Dispunham-se tambem para ver a quinta das Cannas, mas não lhes chegou o tempo. Essa quinta, onde ha a celebre Lapa dos Esteios, onde o nosso Castilho concebeu a *Primavera,* onde depois João de Lemos, Cordeiro, Lima, Couto Monteiro e Gonçalves Dias juraram crear o *Trovador,* e onde José Freire escreveu:

.....
Aqui até os freixos amam,
Até as pedras dam ais!

Oh! perdoa, desentranhado inimigo das scenas encantadoras da natureza, não resisto a descrever-te, ainda que rapidamente, aquella deliciosa estancia; descrever-t'a, implacavel folhetinista, porque a não avaliaste de certo modo, quando a viste, e, em paga d'esse atroz attentado, quero inflingir-te por castigo a descripção.

Ha por ventura nada que chegue a um homem saltar, ao caír da tarde, n'um d'estes barcos, que escorregam preguiçosamente pelas aguas do Mondego, e deixar-se ir rio acima, olhando de um e de outro lado da margem, e ver estes salgueiros, que as orlam, e admirar estes campos de uma vegetação variada e luxuriante, e sentir a brisa, que vem, perfumada e fresca, bater-lhe suavemente nas faces; depois aportar á chamada Lapa, n'esse sanctuario de verdura, onde os chorões se curvam languidos sobre as aguas, como para segredar intimamente com ellas; onde a murta brava se enlaça em graciosos festões com a rosa; onde, de espaço a espaço, se escutam os trilos e as caprichosas volatas do rouxinol cortando o absoluto silencio, que reina nessa adoravel mansão; espraiar os olhos pelo Mondego, e passar assim uma hora n'esse delicioso estado, para o qual nós não temos palavra, e que os francezes definiram, chamando-lhe *rêverie;* seguir pela alameda copada, chegar a uma meia laranja, que fica no alto, e

alargar d'alli os olhos em derredor, e ver até quanto a vista pode alcançar, respirando, ao mesmo tempo, em largos tragos a viração fresca e vivificadora da tarde;—dize—não valerá um pouco mais do que passeiar por essas ruas á *Mac-Adam,* onde as nuvens de poeira suffocam a respiração e arruinam os pulmões, ou admirar, no Passeio Publico, o *Tejo* e o *Douro,* mettidos dentro de duas saladeiras?!

No domingo, vespera do dia em que a côrte partiu d'esta cidade para o Bussaco e Graciosa, a rainha mandou distribuir esmolas pelos estabelecimentos pios, conventos, sociedade philantropica academica, etc.

O Principe Real e o Infante percorreram tudo com avidez e attenção. Segundo o juizo de pessoas despreoccupadas e competentes são admiraveis os conhecimentos, que, n'aquella edade, teem em certos ramos de sciencia. Felizmente estamos n'um tempo em que já se entende que os reis devem commungar na austera religião da sciencia e das lettras.

Adeus, meu amigo. Se entenderes que vale a pena, e não tiveres nada, que mais o mereça, dá um logar a esta carta nos dominios do teu folhetim.—Teu amigo do coração

R. A. de Bulhão Pato.»

*

* *

A Rainha, que, n'um gesto, n'um sorriso, n'uma phrase amavel, conservando vivas as feições de soberana altiva, conquistou o coração da mocidade, teve, na manhã da despedida, uma ovação ruidosa. E D. Maria II commoveu-se a tal ponto, que, apesar do imperio que exercia sobre si, desatou em lagrimas, quando, ao agitar o lenço de finissimas rendas, disse adeus aos estudantes! Os gorros revoluteavam nos ares; as exclamações estrondeavam; exclamações em que, no sentimento, havia o ardor e sinceridade dos poucos annos!

Ia para a Graciosa, para casa do pae do actual marquez, meu bom amigo, então uma creança.

Pouco depois da Rainha alli se haver hospedado passámos nós, Manuel Vaz Preto, Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro e eu, alguns dias gratissimos n'essa vivenda, verdadeiramente patricia.

Coimbra, entre queridas recordações de varias epochas em que lá estive, tem para mim a mais sagrada. Em 1852, n'esta minha primeira estada, foi que travei relações com o homem a quem devi mais amisade, mais finezas e mais obrigações de toda a ordem; homem que tinha por mim o amor exaltado de irmão extremoso. Chamava-se Francisco Montez de Champalimaud. Nunca conheci maior alma, nem maior desgraçado! O pobre martyr, ainda muito moço, morreu tysico na ilha da Madeira!

Quando saí de Coimbra, mais de cincoenta estudantes vieram acompanhar-me até Condeixa. Saí, não podendo conter as lagrimas. Tal-

vez agora os meus queridos amigos Manuel Vaz Preto e João Vaz Preto, se me lêrem, sintam os olhos humidos, rememorando esse dia, a mocidade, e os seus defunctos queridos!

SEBASTIÃO JOSÉ DE CARVALHO

VISCONDE DE CHANCELLEIROS

Em 1857 — com vinte e quatro annos de edade — Sebastião José de Carvalho, visconde de Chancelleiros, entrava na camara dos deputados. Viviam quasi todos os oradores tribunicios, que teve Portugal nos tempos modernos — Passos Manuel, José Estevão, Rodrigo da Fonseca Magalhães, Antonio Luiz de Seabra — visconde de Seabra — que ainda hoje, aos noventa e seis annos, traduz Horacio em verso — Vicente Ferrer, Rebello da Silva, Fontes, Casal Ribeiro, C. Z. Pinto Coelho, Caetano Beirão e outros.

Chancelleiros tomou a palavra. A estreia foi tal, que José Estevão, parco em elogios, como, em geral, os homens do seu tempo, no prologo de um discurso celebre, alludindo á morte do pae do moço orador, dirigiu-lhe estas memoraveis palavras:

«Não me occuparei das considerações politicas, senão alheias, pelo menos arredadas d'esta questão, com que o nobre relator da commissão respondeu a um joven orador, cuja ausencia, n'este dia, nos recorda uma grande gloria de familia e uma sensivel perda para o paiz. Chamo-lhe gloria de familia, porque, quando esse mancebo esperançoso levantava aqui a sua voz, com tanta modestia como energia, em defesa dos direitos e interesses da nação; quando, de uma intelligencia tão joven, estamos vendo sair tantas luzes e conselhos, que promettem mais do que um homem de tribuna, um homem de governo; n'essa mesma conjunctura, com differença de poucas horas, o pae d'esse mancebo despedia-se do mundo, tranquillo de con-

sciencia, sem saber que, mesmo n'esse trance, lhe estava aureolando a fronte moribunda a mais appetecida auréola do homem e do cidadão; que é deixar, depois de nós, e de nós immediatamente descendente, quem siga os nossos exemplos, quem trilhe a nossa vereda, e quem possa servir a nossa patria com a mesma illustração, virtude, e dedicação, com que nós a tivermos servido!»

A camara cobriu de applausos o tocante elogio.

*
* *

O visconde de Chancelleiros é de estatura mediana, forte, como fundido de uma só peça. Moreno, olhos pequenos, pupillas accesas e penetrantes. A cabeça grande; o cabello ergue-se, nas fontes, como duas aspas. Quando entra na lucta, a mão valida está pedindo, em vez de gladio, uma clava. Tem a musculatura e decisão

do athleta. Infunde no auditorio interesse e receio. Em certos momentos todo elle parece uma arma de arremeço. Quando houvesse paixões, no fôro, ao ar livre, ao rebentar das ondas populares, com a sua veia e a sua voz, seria um tribuno como os Gracchos! A oração, não raro, corta-se de episodios, e desconcatena-se. Nos episodios, porém, fusilam relampagos! Não é correcto, mas em cada phrase ha um corisco de talento! Improvisa sempre. Com excepções rarissimas, como a de Sheridan, discurso decorado, por mais terso e brilhante que seja, não transmitte ao auditorio uma faisca de enthusiasmo, ao passo que alguns periodos, embora imperfeitos, mas quentes do fogo do improviso, commovem. Não cito exemplos; todos os conhecemos.

Durante muitos annos a sua paixão foi a politica, como agora é a agricultura. Mas nem o regaço amoroso e acariciador da natureza logrou amortecer-lhe o fogo nativo! Quando, de raro em raro, vem á Camara, se o assanham,

é o mesmo furacão! em faiscando as espadas, o mesmo batalhador!

A honradez está-lhe no sangue, é brasão antigo da sua casa.

O CONDE DE CASAL RIBEIRO

Dos oradores que entraram no Parlamento, nos primeiros tempos da Regeneração, Casal Ribeiro foi dos maiores, com relação a todos — antigos e modernos. Poderosa organisação, robusto e luminoso cerebro. É um falcão primaz. Paira alto e vê fundo! N'elle, a phrase, larga e brilhante, tem sempre alguma coisa, que obriga os outros a pensar. As suas paixões sam tão vigorosas como o talento. É pequeno de estatura; feio — da fealdade que seduz e empolga as almas. A cara tem o tom e vigor do marmore.

Testa soberba, bocca rasgada, para dar vasão á caudal do verbo. Os olhos, limpidos, reverberam a luz intensa da phantasia. Todo o rosto se lhe afogueia, quando falla. Na tribuna cresce! Tem a consciencia da força; domina sempre. A voz potente não fraqueia com o vigor do pensamento. Possue idéas e convicções — coisa rara! Nas suas opiniões — radical; hão de acceital-o como é — inteiro, em bruto. Não tergiversa. Larga a pasta; sae da diplomacia: não o intimidam ameaças, nem o abalam supplicas! Não se apressa, nem se afana, como os pequenos que se julgam grandes. Nunca triumphou pelos enredos politicos, como os insignificantes espertos, que trepam. Quando o mordem com o tavão da perfidia é terrivel! Uma vez, na Camara dos Deputados, ha muitos annos, transbordando de razão e de indignação, esmagou o adversario, que era forte. A satyra foi tal, que a Camara e galerias manifestaram o applauso com a voz do profundo silencio!

Somos intimos desde os primeiros dias da mo-

cidade. Nunca lhe pedi a sombra d'um favor. Admiro-o, e respeito-o. Ha gente que eu admiro muito, e não respeito nada. Fez um discurso sobre o ensino, em 1862, na Camara dos Deputados, que é uma oração de Cicero. Nunca offendeu ninguem, e é desenganadamente bravo. Um dia um homem valente, e de forças fóra do commum, sympathico caracter, exaltado em politica, ia desattender Casal Ribeiro. Este parou, e olhou para elle. O inimigo—inimigo de momento—sentiu que se désse mais um passo estava morto.

Alexandre Herculano considerava-o o orador mais profundo do Parlamento. Disse-me, e a muitos que ainda vivem:

—Ha oradores que se ouvem só; o Casal ouve-se e lê-se.

É modesto, com quanto tenha a consciencia do que vale. Artista, a ponto de se commover com o rasgo de talento do seu mais poderoso adversario. Uma noite, na rua Formosa, em casa de D. Maria Krus,—foi pela epocha da

celebre questão das irmãs de caridade, em que os animos andavam candentes — Casal Ribeiro e José Estevão pegaram-se de polemica. José Estevão, no calor da refrega, teve um relampago de genio, dos que eram só d'elle. O conde de Casal Ribeiro, commovido, abraçou-se no adversario.

Um homem; acima de tudo um homem de bem! O fogo do temperamento, e a viveza imaginativa, não lhe perturbam a razão, alta e sempre serena. Se o seu mysticismo — é mystico e transcendente — lhe désse a fé politica, talvez ainda tivesse força para muito. As faculdades criticas são maiores n'elle que as faculdades de acção. Bem no fundo, embora o dissimule, creio que tem certo desdem pelos homens politicos: acha-os pequenos, ainda mesmo para terra que não é grande! Se tivesse mais confiança n'elles, ou se houvesse governado como eponymo primaz, quanto não houvera a esperar da honradez do seu caracter, e da robustez de tal cabeça! Tem pensado em

tudo, menos no que poderia verdadeiramente valer. Será que a alma, no intimo, caísse em completo desanimo? Seja o que fôr, que nol-o diga na sua autobiographia. Precisa, tem obrigação de fazel-a!

Os maiores, em certo tempo, consultavam-o, e elle, em sua casa, com a maxima simpleza, apontava-lhes sempre o caminho a seguir. Muitos lhe aproveitaram o roteiro, fizeram viagem aventureira e prospera; mas calaram o nome do piloto, que os norteava n'aquelles mares, indicando-lhes os parceis, e desenhando-lhes o portulano. Elles arribaram ás margens propicias, impavesados e conquistadores, escondendo as calvas com as corôas do laurel!

*

* *

Em 1870, antes de partir, como nosso ministro, para Pariz, o conde de Casal Ribeiro, quiz passar um dia com Alexandre Herculano

em Valle de Lobos. Escreveu-me, pedindo-me para o acompanhar. O conde estava na força da vida. Ia para França, como ministro de Portugal, no momento em que pavorosas catastrophes pareciam aniquilar aquelle grande paiz.

Durante todo esse dia, em Valle de Lobos, Casal Ribeiro esteve esplendido; é a palavra. Narrativas, anecdotas de subido valor historico, que se haviam dado entre elle e os principaes homens de Hespanha, com quem vivera na intimidade, tudo desenrolou, com a sua lucidez e a sua veia, durante as gratissimas e aproveitadas horas d'esse dia! Ás onze da noite partia para a Ribeira de Santarem: ia tomar o comboio até Coimbra, a despedir-se dos filhos.

Momentos antes da partida, a conversação hesitou, balbuciou, morreu. O conde abraçou Herculano com effusão e muito impressionado. Seriam presentimentos? Creio que não o tornou mais a ver!

D. MARIA KRUS

Referi-me, ha pouco, á casa da rua Formosa. Ha artistas que não professam ramo algum da arte; nem a pintura, nem a estatuaria, nem a architectura, nem a musica, nem as lettras. E são artistas de privilegiada organisação, comtudo. A dona da casa da rua Formosa—D. Maria Krus, pertencia a esse raro numero.

Presença sympathica. Da massa dos cabellos negros resaía o branco-palido do rosto, oval e nobre. Magnificos olhos peninsulares, cristalinos e meigos; graciosamente rasgada a bocca;

sorriso bondoso. Era a affabilidade viva, aquelle sorriso!

Educação superior. Conhecia-lhe todos os apices, todos as cambiantes, e todos os segredos. Possuia tacto singular para fugir aos enredos das salas, não menos emmaranhados e perfidos que os do theatro. Tinha artes de congraçar os que andavam picados; sabia combinar os grupos dos seus convivas, ás vezes inimigos politicos capitaes, escolher os parceiros da mesa de jogo, e os personagens que entravam no circulo da conversação — unica, a d'aquella casa.

Que lacuna deixou na sociedade de Lisboa esta illustre senhora, que, durante muitos annos, recebeu nas suas salas quanto houve de grande e distincto em Portugal! Alli se reuniram homens politicos de todos os partidos, mas principalmente os regeneradores.

A REGENERAÇÃO

Passados os primeiros tempos da Regeneração entrou na Camara dos Deputados um homem superior. A cara lembra, no tom e linhas severas, um medalhão, aberto em bronze. Não fallo d'elle. Para a lucidez da poderosa cabeça, para o seu verbo, que lhe é sempre escravo submisso do pensamento, n'uma palavra, para aquelle privilegiado e altaneiro espirito, o que tem produzido é nada, ou quasi nada!

A Regeneração foi um momento historico, que, se não podia erguer Portugal ao nivel das

grandes nações da Europa, e dar-lhe a preponderancia que teve n'outras eras, principalmente nos primeiros tempos das conquistas, tel-o-ia collocado n'uma situação vantajosa e digna. Faltou-lhe um homem. Quando não fosse um genio, um cidadão, cuja cabeça, bem organisada, hombreasse com o senso e vigor moral. Homem, que tivesse a fé no coração, e um pouco de ideal na alma—valor transcendente, conquistador das coisas mais positivas, que opéra milagres, e sem o qual, por elevada que seja a intelligencia, não se faz nada de verdadeiramente grande. Talentos houve muitos, e ainda estam por ahi alguns; honra pessoal existiu e existe tambem; mas o sentimento da honra collectiva, a solidariedade do brio e da gloria, que eleva os povos, a abnegação até á heroicidade, todos os poderes moraes, todo o ideal, n'uma palavra, de que as mediocridades escarnecem, desappareceu completamente!

Portugal estava em condições excepcionaes na hora em que chegou a Regeneração. Cami-

nhos de ferro, um sonho!... estradas, nem um palmo! As luctas politicas, depois de 1834, haviam absorvido tudo! Era uma sociedade profundamente convulsionada: a Regeneração podia ter dado o diamante!

Veiu a paz, não a paz octaviana, mas um periodo remansado e bonançoso. Apagados os odios, mortas as vindictas, raiava a serenidade, propicia ás grandes coisas! A terra, de poisio durante seculos, virgem n'algumas provincias, como no Alemtejo, pedia que a desbravassem, para que sob este céo fecundo, fosse modelo de agricultura. A terra ficou impervia! Do Brazil começava a correr para nós oiro em caudaes. Estradas e caminhos de ferro, embora impreteriveis, muitas vezes foram traçados contra os interesses do paiz, para satisfazer conveniencias particulares e partidarias! Entraram a crescer ambições desenfreadas. A obra de Rodrigo da Fonseca Magalhães proseguia. As arestas vivas, nos caracteres, iam-se boleando, e desde que, a exemplo do mestre, se desandou

a rir de tudo, a caria principiou a verrumar os ossos! As novas gerações, gafadas no berço, com excepção rarissima, acreditavam na lisura, na elevação moral, como Mafoma na carne do cerdo! Interesses materiaes! interesses materiaes! Alguns bagos de positivismo bastavam para salvar a patria!

Começaram annos de uma alegria estrepitosa. Nas sociedades dissolutas a alegria é infrene, e cambaleia como o ebrio. Os dicazes e zombeteiros, grandes democratas, primavam na mordacidade, nos epygrammas, e principalmente nas parouvelas. Os bachareis formados, eponymos que, nos ultimos tempos, têm dado o seu nome aos consulados, saltavam á praça, a correr os melancholicos e mysantropos, com as vaias do populacho ao boi de curiosos! Fallavam muitas vezes em honra, na imprensa e no Parlamento; nós é que não podiamos fallar, nem uma só vez, em corda em casa d'elles. Na grande festança, porém, a mocidade mostrava-se previdente, pratica, e sagaz. Rapazes, que,

em coisas serias, pareciam velhos! Muito castos; mordendo a liberdade por licenciosa, mas acceitando-lhe as generosas caricias! Amordaçando a immoralidade da imprensa, para exercitarem as suas virtudes na sombra. Tementes a Deus, até pediam frades! Pensando em tudo; fazendo vantajosos casamentos; excellentes maridos, optimos paes. Accumulando bons haveres, e pondo-os a bom recato. Os filhos, na opulencia, devem abençoal-os; mas, se um dia houver dois dedos de vergonha n'esta terra — cautela! — mudem de nome, que, ás vezes, o do pae é obsceno!

O paiz prosperava! Credito enorme; oiro barato, a regorgitar para a praça publica. Grandes companhias; probos administradores! A cidade crescia e aformoseava-se; bairros novos; grande Avenida, cada vez maior! *Fazem-a,* todos os dias, os elegantes e as elegantes. Estadistas, possuidores de panaceias occultas, muito modestos, na penumbra, promettiam salvar o paiz, se um dia deitassem as unhas ao poder!

Bons cidadãos no fundo; alguns com' raro talento e sympathicos, mas sem sombra de consciencia; macilentos, porque o sangue lhes esqueceu o caminho da cara. Vilipendiando tudo, até a propria intelligencia! Deixando correr por mão, quanto possa honrar as faces do homem de bem! Respondendo ás accusações documentadas, e ás maximas injurias, com chufas e tregeitos! Lavando-se pouco; repugnando-lhe a agua, porque é limpa. O paiz — exultando de jubilo!

No meio, porém, das acclamações festivas, dos applausos ruidosos, de tanto bailar e tripudiar, os melancholicos, os mysanthropos, escutavam como que uns dobres funebres, sentiam como que um cheiro a morrão de enterro, afigurava-se-lhes que todos os personagens do carnaval sinistro tinham um fortum a galés, olhos encovados, esgaseados, e a podridão das entranhas impacta no semblante!

Visões de animos apoucados, de phantasias lugubres! Portugal ahi está, como se vê: pros-

pero, bemquisto, admirado, e respeitado á face da Europa!

A grande obra de Rodrigo da Fonseca Magalhães consummou-se!

JOSÉ LUCIANO DE CASTRO

José Luciano de Castro, depois da sua formatura, que foi das mais brilhantes, entrou na Camara dos Deputados. Começou combatendo, e os botes foram logo á cabeça d'um grande luctador. Atirou-se nem mais nem menos do que a Antonio Maria Fontes Pereira de Mello!

O estudo e a politica eram as suas paixões dominantes. Nunca arredou um pé do seu posto; é, talvez, o homem mais cegamente partidario, que tem tido a politica. Quem o ouvisse na Camara, enfiado, olhos accesos atravez das lune-

tas, bigode crispado, gesto largo, voz irritada, diria estar alli um atrabiliario, um misanthropo, rancoroso porventura. Nada d'isso; tudo pela arte, ou, antes, tudo pelo partido. Combateu muito; sempre na brecha. Depois de grande lucta—não foi logo ás primeiras escaramuças—com talento, saber e inconcussa probidade, subiu ao poder.

O parlamentar destemido e violento, o partidario intransigente, é, na sua casa, da mais affectuosa cordealidade com a familia e os amigos. Tudo no seu lar é hospitaleiro e franco. No outono de 1885 passei uma temporada na vivenda da Anadia. Não me esquecerei nunca! Estava José Luciano proximo a assumir a eminencia do consulado. Nada lhe perturbava a serenidade e bom humor. A vehemencia da palavra, sempre luminosa, não tinha acrimonia, mesmo referindo-se aos mais accesos inimigos. As grandes indignações, os suppostos rancores, accendiam-se e apagavam-se no campo da batalha.

Não voltei a essa casa; quando lá tornar, e espero ainda visital-a, hei de achar uma grande falta. Alexandre de Seabra e sua virtuosissima senhora, já não existem!

Quem é que, passados annos, volta a um logar, onde lhe correram dias prosperos, e não encontra, no cemiterio proximo, alguma cruz, a cuja sombra dorme um amigo?!

JOSÉ MARIA LATINO COELHO

José Maria Latino Coelho, apertado pelos seus admiradores, resolveu-se a entrar na Camara.

Diminuta estatura; cabeça bem modelada; abundantes cabellos pretos, ondeados e longos, á moda do tempo; perfil incorrecto, mas expressivo; olhos myopes, de brilho singular; mãos delicadas, quasi feminís, acompanhavam, com a vivacidade do gesto, a mobilidade da physionomia, onde o talento fusilava em relampagos.

Nas aulas superiores obteve sempre os grandes premios, e a pouco mais dos vinte annos era professor na Escola Polytechnica!

Quando elle firmou, pela primeira vez, o nome n'um artigo, Alexandre Herculano disse:

—Este estreia-se por onde os melhores acabam!

Infatigavel no estudo, respondia, em creança, aos que, já n'esse tempo, pasmavam do seu saber:

—Os livros ensinam tudo.

Com o mesmo lapis com que resolvia um alto problema de mathematica, traçava, no meio de uma conversação viva, um artigo de doutrina ou de combate, com tal força de colorido, que estava pedindo as lunetas fumadas, que o poeta das *Meditações* precisava para ler Paulo de St. Victor! Na tribuna, a palavra, já largamente exercitada na cathedra, amoldando-se á fórma parlamentar, jorrou caudaes soberbas de linguagem vernacula, primorosa e moderna. Todavia a politica, a que o forçavam, no fundo era para

elle apenas um episodio brilhante. Possuia duas paixões que o absorviam; o amor do estudo e o amor da familia.

Os seus artigos politicos, só por si, formariam um thesoiro riquissimo de linguagem portugueza. O seu melhor livro é a biographia de Humboldt; o seu melhor discurso, o que proferiu na Camara dos Pares. No livro de Humboldt lança mão do arsenal da sciencia, e a propriedade da lingua é modelo não conhecido entre nós, e modelo em toda a parte. O estylo de Latino seria unico se, de vez em onde, fôra cortado da veia popular, e se o amor, o *eros*, que desabrochou n'um beijo a Psyk, houvesse incendiado um dia a alma do insigne escriptor!

Parece incrivel que n'aquelle corpo, franzino como o de uma creança, e já no declinar da vida, houvesse tanta força e animo! Elle— unico republicano, no meio de arminhos, escudos timbrados, leões rompentes, corôas ducaes, bagos prelaticios da Camara realenga—

expondo, com o maior desassombro e a maior vehemencia, embora com extrema polidez, idéas e opiniões, que não podiam ter um echo sumido n'aquella casa! Talvez orador algum fallou em taes circumstancias; em Portugal decerto nenhum. Teve relanços de verdadeira, de pura eloquencia! Este, por exemplo,—referindo-se á Boa Hora, ao Limoeiro, e ao Hospital de S. José:

«Aconselharia eu tambem ao sr. ministro da fazenda que, sempre com o orçamento na mão, levasse de um lado o principe de Orléans e de outro o principe de Galles, que, segundo annunciam os arautos ministeriaes, acudirá tambem ás bodas—e désse com elles um passeio pela cidade, para lhes mostrar, com exemplos na mão e eloquentes, a situação financeira e administrativa de Portugal. Leval-os-hia primeiro ao Palacio da Justiça, e, estanceando breve espaço com elles deante do edificio da Boa Hora, lh'o apontaria, sem comtudo entrar no augusto sanctuario da Themis portugueza, com

receio que se alterasse a preciosa saude principesca. Tal é a fama, que d'esse recinto se divulgou, quando, apercebendo-se, ha poucos annos, a administração do estado contra os perigos de uma tremenda epidemia, que a empreza de purificar aquelles antros pareceu mais aspera e mais perigosa que a dos celebres estabulos, commettidos á vassoira mythica do grande heroe thebano! Aconselharia mais ao sr. ministro, que, depois de mostrar aos principes a formosa architectura do nosso Palacio da Justiça, os levasse mais adeante a verem aquella casa, casa, onde vam cumprir-se tantas sentenças do poder judicial, aquelles antigos paços regios, transformados, ha tantos annos, em alcaçar do crime, e lhes dissesse: Aquelle antro é prisão principal de Lisboa e do reino. Aqui estam clausurados por simples culpas correccionaes, e aqui tambem, accumulados, os grandes facinorosos, aquelles que para aqui mandamos como para uma escola pratica de aperfeiçoamento, para que terminem, dentro d'estes muros, a

sua educação de scelerados, e acabem de exercitar-se bem no vicio e no attentado; aqui, sob o gladio expiador, mas tolerante, da justiça, são as luctas armadas mais frequentes que nos proprios campos de batalha. Não temos, porém, dinheiro para expungir de uma capital esta nodoa, que a deshonra e invilece.

«Leval-os-hia, logo em seguida, ao Hospital de S. José, e dir-lhes-hia: — Vossas Altezas podem ver, n'este logar, quasi uma copia, talvez um pouco aperfeiçoada, do que se via na edade-média, quando se edificaram os hospitaes, os lazaretos e as gafarias, sem nenhuma condição de hygiene e commodidade. Aqui teem Vossas Altezas um hospital, onde estão accumulados mais de um milhar de doentes, sem que possamos dispender um só real na fabrica e edificação de casas hospitalares, dignas de uma grande capital, e acommodadas ao estado presente da sciencia n'este ponto!»

*
* *

Latino Coelho, á feição dos verdadeiros oradores, excepções á parte e rarissimas, por mais que estudasse o discurso, improvisava sempre a fórma. Muita vez comprazia-se em a remodelar, alindando-lhe as arestas, deliciando-se, como o ornatista primoroso na officina, a lavrar os arrendados da pedra. A phrase não saía d'um jacto, mas no acabado e gracioso ninguem o egualava. Era principalmente didactico, methodico, moderado, e terso; mas, lá de onde em onde, quando chegava a irritar-se, não lhe faltavam nem vehemencia, nem as laminas cortantes da satyra.

Antes de fallar estava inquieto, hesitante, n'um grande mal estar, como que assustado; quasi sem confiança em si,—quantas vezes m'o disse—suppondo que jámais se houvesse experimentado! Assim que tomava a palavra, sen-

tia-se tão seguro, tão á vontade, como no aconchego do lar, discorrendo com os amigos, sua distracção predilecta!

Tinha tambem um modo de estudar, que era peculiar d'elle. Fosse que livro fosse, não o lia nunca de um folego. Andavam sobre a meza tres ou quatro volumes, e sempre uma grammatica de lingua muito pouco conhecida. D'um tratado de sciencia passava para um romance, uma revista, umas paginas de historia: tudo isto ficava, com a sua prodigiosa memoria, impresso e methodisado no fecundo e poderoso cerebro!

*

* *

Estudou primeiras lettras e humanidades juntamente com o dr. Gaspar Gomes. Este meu velho amigo contou-me que o seu companheiro de infancia fizera exame de classicos latinos, ao cabo de nove mezes de estudo da lingua de Virgilio! Ficaram abysmados os professores, e

eram nem mais nem menos de que Almendro, Henrique Henriques, e Padre Rocha,—o pae dos rapazes, um santo! Padre bom não é muito vulgar, por que, emfim, os padres são homens; mas quando é bom, é bom a valer!

Grego, allemão, dinamarquez, polaco e russo, apprendeu comsigo proprio! Do grego traduziu a famosa oração de Demosthenes—*A Oração da Corôa*—precedendo-a de um estudo sobre a civilisação hellenica, que funde um grosso volume; obra magistral. Do allemão verteu o *Gladiador de Ravenna,* a tragedia mais patriotica da Allemanha.

A *Oração da Corôa,* como linguagem concisa, elegante e portugueza, é modelo. Ha trechos, que sam satyras acerbas e crueis. Este, por exemplo:

«Se o meu accusador fôra Éaco, Minos, Rhadamantho, e não um artista de palavras, um rabula forense, um escriba miseravel, não creio que fossem mais terriveis as suas palavras, nem que houvesse exclamado em tom mais tragico:

ó terra, ó sol, ó virtude!... O que ha de commum, ó scelerado, entre ti e os teus, e a virtude?.....

«Não me enleia o faltar-me que contar de ti e mais dos teus; enleia-me o não saber por onde hei de começar. Direi primeiro como Thromes, teu pae, arrastava a braga dos escravos, em casa de Elpias, o mestre de escola de ao pé do templo de Theseu? Ou como tua mãe, celebrando todos os dias novas nupcias, n'um prostibulo adjacente ao heroe Calamita, te creou como a uma formosa estatua, e te destinou a ser tritagonista nos theatros? Direi depois como um certo Phormion, flautista das triremes, servo de Dio de Phrearrhia, a levantou d'aquelle honrado trafico? Mas — por Jupiter e por todos os deuses! — receio que, sendo dignas de ti as coisas, que reconto, não pareça indigna de mim a narração. N'este ponto faço pausa, e dou principio á historia da sua vida.

Não teve Eschines o berço na classe commum dos cidadãos, senão entre aquelles que o povo

amaldiçoa. Por que só tarde—tarde! que digo eu?—apenas ha dois dias se fez Eschines no mesmo ponto atheniense e orador; e, accrescentando duas syllabas ao nome de seu pae, Atrometo, em vez de Tromes, lhe chamou. A mãe appellidou-a magestosamente Glaucothea, sendo que todos sabem chamar-se verdadeiramente *Empusa,* derivado o nome dos seus costumes descompostos e depravados. E que outra origem se lhe podera attribuir? E tu, Eschines, és de teu natural tão ingrato e scelerado, que, de servo tornado livre, de miseravel opulento, pelo favor dos Athenienses, não só lhes negas a tua gratidão, mas vendes a extranhos a tua politica e os interes ses da tua patria!»

Hoje, ainda no mais acceso das paixões politicas, ninguem ousaria—e ainda bem que não—jogar a humildade do berço ás faces do adversario; mas devemos confessar que a fórma da satyra é soberba!

O hespanhol sabia-o Latino de tal modo que Valera,—de quem sou amigo, desde que elle

esteve aqui secretario da legação — quando voltou ministro, ha onze annos, me disse que raros homens do seu paiz hoje escreviam castelhano como Latino Coelho! Valera não é só romancista eminente, mas um mestre da lingua.

Pois bem, este homem, um sabio, estylista, e orador, era dado com todos, modesto e simples. Os empavesados e retumbantes datam de uns vinte annos em Portugal. Castilho, Garrett, Herculano, Magalhães Coutinho, Visconde de Seabra, Oliveira Marreca, tinham, decerto, a consciencia do que valiam, mas não se impunham nem humilhavam ninguem.

*

* *

Fallei da difficuldade que José Maria Latino Coelho tinha de tomar a palavra em publico. El-Rei D. Fernando manifestou ao dr. Thomaz de Carvalho grande desejo de ouvir Latino. D. Fernando era artista e gostava de todas as

manifestações de engenho superior. Thomaz de Carvalho pediu a D. Fernando que fosse a uma assembléa geral. Latino não faltava nunca á Academia. Appareceu El-Rei, que tratou o Secretario geral com summa deferencia e urbanidade. Reunida a assembléa, Thomaz de Carvalho fez uma oração breve, conceituosa e scintillante de graça. No epilogo interrogou Latino sobre alguns pontos de philologia. Latino Coelho, apanhado de improviso, mettido entre a espada e a parede, embora visivelmente contrariado, pediu a palavra, e fez um discurso didactico, com tal elevação e tal fórma, que nos maravilhou e commoveu a todos!

No dia seguinte, eu, ainda vivamente impressionado, escrevi-lhe uma carta. Transcrevo o que elle me respondeu, porque, além do mais, prova a sua indole affectiva e benevola:

«Meu querido Raymundo.—Junho, 23, 79. —Li com a maxima commoção a tua amabilissima carta, e confesso-te, sem hyperbole, que

ha muito tempo não recebera mais profunda impressão na minha sensibilidade. Tu sabes que sou modestissimo, por indole e educação, inimigo de tudo que não seja o estudo quieto e remançado, a paz da consciencia, que de pouco se contenta e satisfaz. Sabes egualmente, meu amigo, quanto sou escasso em taxar e avaliar essas pequenas qualidades, que a Providencia me concedeu e procurei relevar pelo estudo. Não invejo loiros, nem busco applausos. Para mim estudar é apenas a satisfação necessaria de uma exigencia intellectual. É para mim como alimentar-me. É uma funcção que se exercita, e não uma vaidade que se delicia. Apesar, porém, de tudo isto, ninguem pode ser, em grau mais eminente do que eu, sensivel ás palavras de affectiva congratulação por alguma vez, que, saindo do meu retiro habitual, consigo safar-me, sem naufragio, de alguma costeira navegação intellectual. Tu engrandeceste-me, com a tua creadora phantasia de poeta, a pequena valia da minha palavra n'aquelle modesto dis-

curso da Academia, no qual mais haveria a censurar por longo, do que louvar por oratorio. Viste-me com um d'estes poderosos microscopios, que magnificam centenares de vezes as dimensões corpusculares imperceptiveis. Mas no quereres tu avaliar-me por um d'estes maravilhosos instrumentos, n'isso mesmo está o mais cabal e mais precioso testemunho da tua amizade e benevolencia. A estas retribuo com expressões de summa gratidão. As minhas irmãs, tão tuas amigas e admiradoras, testemunham egualmente o seu reconhecimento pela delicadeza primorosa, com que as quizeste contemplar. Peço-te que beijes em meu nome as mãos da sr.ª D. Maria da Piedade, e que recebas um abraço affectuoso e fraternal do teu agradecidissimo amigo

José Maria Latino Coelho.»

*
* *

Tinha eu quinze annos quando, matriculando-me na Escola Polytechnica, travei relações com o privilegiado escriptor. Era já lente na Polytechnica e ainda discipulo na Escola do Exercito. Teria, creio eu, vinte e dois annos. Os premios e o concurso brilhantissimo, foram nada para elle—disse-m'o muitas vezes—com relação ao enthusiasmo que o inflammou, quando saíu alferes! Foi o dia mais ridente e glorioso da sua vida! Assim, desde creança, com os clarões prestigiosos da intelligencia ia illuminando, aquecendo, dando alegria ao lar, de que foi esteio até ao dia funebre, em que cerrou os olhos, lampejantes de saber e talento!

Quando tive a noticia fatal, para que não estava prevenido, porque, ás vezes, passam-se dias sem que pegue n'um periodico, senti um grande abalo! Sobre a tarde, fui até ao alto do

casal do meu *Monte*. Era um festivo e formoso dia de outomno. Toda a serra de Cintra recortava os cimos, dentados e flexuosos, sobre o chão do firmamento purissimo. Dos valles subia lentamente a neblina azulada, como incensando o que tinha deixado o mundo, sem que jámais, não direi odio, mas nem sombra de malevolencia, lhe turvasse a alma crystalina. No dia seguinte, de um folego e quasi sem levantar a penna do papel, improvisei essas estancias. O desafogo de recordar os que amámos tem o doloroso prazer, que sentimos, ao arrancar um espinho.

Se tivesses baqueado aos echos da batalha,
Vendo egual decisão nos bravos da fileira!...
Se, ao beijares o pó, tivesses, por mortalha,
A bandeira da patria—a que já foi bandeira!...

Se aqui, onde nasceste, e onde rebenta a flor
Nos impervios da serra, á luz do sol radiante,
Podesses contemplar um iris salvador,
Ao voltar para o ceu a pupilla expirante!...

Feliz, feliz de ti! Felizes nós, tambem!
Que unir, no extremo alento, a bocca aos labios pulchros
Da mão que nos creou, da patria—a santa mãe,
É ver o sol da aurora á beira dos sepulchros!

Eu, tão chegado á morte—eterna companheira!
Espero que ámanhã, no mundo sideral,
Aquelles que adorei, durante a vida inteira,
Os tenha em seu regaço essa amante ideal!

.....

Desde o primeiro alvor dos dias juvenís,
Com o teu coração em torrentes de luz,
Sem treguas, procuraste honrar o teu paiz...
Para o veres pregado aos braços d'uma cruz!

Para veres alguns, na torpe covardia,
Diffamal-o na praça e praças do estrangeiro!...
Depois de labutar com tanta valentia
Deveu de ser-te amargo o trago derradeiro!

Compleição singular! Debil como um infante,
Na cortez fidalguia extremamente affavel;
Mas, ao vibrar no campo a espada rutilante,
Ninguem lhe teve mão no pulso formidavel!

Teu corpo era um protesto aos rasgos deslumbrantes
Da tua collossal e nobre intelligencia!
Porque ha de fabricar, na terra, taes gigantes,
De barro quebradiço, a mão da Providencia?!

Já, na infancia, o teu genio abria, com assombros,
Depois da aurora á noite, o prodigioso estudo!
Que peso de lavor sobre tão frageis hombros!
Porque tu perlustraste e profundaste tudo!

Foi o amor da sciencia o teu primeiro amor!
Quer soltasses a voz na escola, ou parlamento,
Sempre o mesmo saber, e sempre a mesma flor,
No implacavel dizer do fulgido talento!

Inda, ha pouco, uma vez, na phrase mais polida,
Tu combateste só! As fréchas imprevistas
Fizeram descórar, a cada arremettida,
O mais valente e audaz dos teus antagonistas!

.....

Sobre a serra de Cintra e os valles nemorosos
Batia a prumo o sol! Ao ires a enterrar,
Foram dignos de ti os *kyries* magestosos
Dos echos da montanha e das costas do mar!

Que importa que depois, nas ruas da cidade,
Te não prestasse a turba as pompas triumphaes,
Ephemero brazão da popularidade?!...
Para ser popular eras grande de mais!

Eu não te choro a ti, mas choro os que deixaste!
Que noite no teu lar, onde tu refulgias!...
Assim Deus te poupasse, á hora em que acabaste,
A sinistra visão de tantas agonias!

JOSÉ ESTEVÃO NA ILHA DO FAYAL

O DIA DOS SEUS ANNOS

Pelos meiados de julho de 1869, n'uma manhã, largámos da ilha Terceira para o Fayal, na corveta *Estephania*. N'um livro meu, as *Paizagens*, fallei largamente d'essa temporada nos Açores e dos meus companheiros. Já quantos, na força da vida, desappareceram! O commandante era José Baptista de Andrade, robusto e destemido marinheiro, tão destemido nas fainas do mar, como resoluto em terra, quando na Africa, expondo-se tantas vezes á

morte, honrou a patria! Ahi está de pé. Deus o conserve.

Os dias que passámos no Fayal foram sempre festivos. Alli travei relações com uma familia, das mais bemquistas da ilha, e de que José Estevão me fallara muitas vezes, e sempre commovido. Encontro agora no *Archivo dos Açores,* nas *Notas Açorianas,* por Ernesto Rebello, um episodio da vida do grande orador, que se deu em casa do sargento-mór de ordenanças, Antonio d'Oliveira Pereira, chefe d'essa familia, e que de raros será conhecido.

A acção da Villa da Praia da Victoria—11 de agosto de 1829—foi, como é sabido, o primeiro triumpho alcançado pelo partido liberal. José Estevão entrou n'esse combate. A situação, porém, continuava a ser gravissima, e, quando um revez, mais que provavel, désse vantagem ao governo de D. Miguel, quantos haviam saído vencedores da refrega, teriam de pagar com a vida o audacioso passo!

O conde de Villa Flor, assim que poude,

tratou de se apossar de S. Jorge, do Pico e do Fayal. A passagem de D. Pedro IV pelo Fayal —30 de maio de 1831—a bordo da *Volage,* e a sua carta ao conde de Villa Flor, então em S. Jorge, trazendo novas esperanças, redobraram o animo e o enthusiasmo dos liberaes. Na noite de 24 para 25 de junho de 1831,—bellissima noite de luar—a expedição liberal, commandada pelo futuro duque da Terceira, largou do Pico, e, atravessando o canal, chegou á cidade da Horta sobre a madrugada. As acclamações ruidosas tocaram no delirio!

*
* *

Entre os soldados do Batalhão academico notava-se um rapaz, que ainda não tinha vinte e dois annos, emmagrecido, pallido, pequeno bigode, com ar extremamente distincto. Os olhos faiscavam, allumiando-lhe a physionomia, que

parecia d'um tisico em adeantado grau. O conde de Villa Flor mandou chamar o moço academico. Quando este chegou, o conde, tomando de parte o sargento-mór, disse-lhe — textuaes palavras:

— Recommendo-lhe, muito especialmente, sr. Oliveira, aquelle rapaz; é um excellente e distincto moço, pertencente á familia de um honrado medico de Aveiro. Chama-se José Estevão Coelho de Magalhães.

— As ordens de v. ex.ª serão cumpridas.

— As ordens não, isto é um obsequio que lhe peço, e que desde já lhe agradeço — respondeu o conde de Villa Flor com a sua esmerada e fidalga educação.

José Estevão não esqueceu nunca esta fineza. Pertencendo depois ao partido opposto, venerou e amou o duque. Ainda nos ultimos tempos, dirigindo-se a elle, na camara, José Estevão disse:

— O sr. duque da Terceira foi sempre um soldado valente e um cidadão pacifico.

Transcrevo agora as palavras de Ernesto Rebello, que são rigorosamente historicas.

«—Venha d'ahi, sr. José Estevão, disse-lhe Oliveira. O sr. deve carecer de descanço. De S. Francisco, até minha casa, é um bom boccado, para quem já deu uma caminhada.

—Effectivamente, aquella ladeira da Praia do...

—Almoxarife.

—Sim, do Almoxarife—é custosa de subir, e ando fraco... de mais a mais com este arsenal bellico ás costas...

—Não pode ser agradavel, com certeza.

—Eu sinto, sr. Oliveira, ter de o incommodar. Isto deve ser por poucos dias...

—Sente-se incommodado?

—Ia-me dando uma vertigem... Ha tempos que soffro muito, e, se não fosse a liberdade, esta idéa sagrada que defendemos, já talvez fosse um cadaver; é ella que me anima, que me dá vida, e que, atravez d'estes dias de incertezas e crueis privações, me deixa ante-

ver... um sonho talvez, mas um sonho esplendido, a redempção da minha patria, que amo tanto, tão entranhadamente, como amava a minha querida mãe, aquella santa, que está no céu!

Apesar da fraqueza do aboletado e do esforço que fizera para proferir estas palavras, havia, ainda assim, tanto fogo, tanta energia e tão suaves modulações na sua voz, que o seu companheiro parou para ouvil-o, e quando elle finalisou, não sabemos como, tinha duas lagrimas a rolar pelas faces.

—Venha d'ahi, homem de Deus! O sr. tem uma maneira de dizer as coisas... Ora esta! pois não estou a chorar!

—É o seu bom coração...

—Eu sei lá o que é! e, olhando para a figura franzina de José Estevão, accrescentava:

—Pobre rapaz!» [1]

---

[1] *Archivo dos Açores,* vol. VIII, num. XLIII. *Notas Açorianas,* por Ernesto Rebello, pag. 8-9.

Por esta simples e authentica narrativa, sente-se que a voz incipiente do futuro tribuno já fazia vibrar os corações humanos!

Chegando a casa do sargento-mór, o academico, exhausto de forças, foi para o seu quarto. O medico visitava-o todos os dias, mas a fraqueza augmentava; insomnias terriveis, completo fastio. Para olhos empyricos a tisica parecia infallivel!

*
* *

O sargento-mór Oliveira, casado com uma affavel e virtuosa senhora, tinha duas filhas de menor edade, e quatro filhos; o mais velho de treze annos. Era uma familia abastada, e o dono da casa homem de animo bondoso e largo.

A creada incumbida de velar José Estevão, mulher edosa, de carregada catadura, brusca na voz e nos meneios, chamava-se Bar-

bara, em harmonia com o seu aspecto bravio. Pois tinha uma grande alma! A mocidade, os infortunios, a doença, e sobretudo o poder suggestivo do genio de José Estevão, captivaram-lhe o coração rude, a ponto que, em poucos dias, o academico era como se fosse seu filho!

Uma das missões da mulher é á cabeceira de um enfermo. Barbara, durante as insomnias do doente, fallava-lhe das peregrinas bellezas das montanhas da sua ilha, narrava-lhe episodios da guerra civil, que se ateava, contava-lhe lendas, e algumas anecdotas espairecidas de freiras nos conventos. Quando os accessos do mal augmentavam, e que a extrema fraqueza de José Estevão prenunciava desfecho fatal, Barbara ia para o oratorio contiguo ao quarto, com o rosario pendente das mãos enclavinhadas, e resava, resava, chorando! Maldito seja o philosopho que tire a uma mulher o desafogo da prece!

No Fayal pode dizer-se que não ha primavera; dos frios do inverno salta-se para as cal-

mas estivaes! O outomno é a quadra encantadora, desde as agruras do monte até á cidade. Porém os sopros do outomno abatem as folhas, e levam tambem os tisicos...

Em casa do sargento-mór tremiam pela saude do moço forasteiro. José Estevão—com extranhesa e alegria de todos que o amavam—começou a dormir placidamente, a ter appetite, a readquirir forças. Podia já, durante horas e sem fadiga, satisfazer a sua paixão pela leitura! O dono da casa, exhausta a sua bibliotheca, obteve-lhe os vinte volumes do *Dictionnaire Universel,* de Paris—1810.—O futuro tribuno não largava os livros, senão quando Barbara interpunha a sua suprema auctoridade.

Nas longas conversações com a sua amoravel e solicita enfermeira, José Estevão narrava pormenores da infancia e de casa, grato desafogo para um coração amante e cortado de saudades. Como as almas d'aquelles homens se temperavam no infortunio! Longe do torrão nativo, sem noticias do pae, dos irmãos, doente,

e com vinte e dois annos, ainda não cumpridos!

A Barbara apanhou-lhe a data dos annos. Eram a vinte e seis de dezembro.

Chegou a noite do Natal, o academico, com a familia da casa, foi ouvir missa para a tribuna da egreja matriz. Veiu o dia vinte e seis. José Estevão sentou-se á mesa do almoço, já de bom appetite, que havia voltado, e era n'elle voraz. Pareceu-lhe notar certo ar mysterioso nas creanças, sorrisos mal disfarçados, e alguns segredinhos.

Barbara andava mais atarefada e tinha posto a touca domingueira.

Quando José Estevão se levantou da mesa e foi para o seu quarto, estacou, admirado, á porta. Damos a palavra ao auctor das *Notas Açorianas:*

«A sua cama estava ricamente preparada com uma colcha de setim branco, bordada a matiz, encimada por um grande travesseiro de luxo e almofada com renda e bordados; sobre

as bancas jarras da India, replectas de junquilhos, camelias e rosas de inverno, e nas janellas, as modestas cortinas de cassa, da generalidade dos dias, substituidas por cortinas bordadas de diversos lavores, sanefas de côres vistosas e fartas prisões de cordão de seda com grossas borlas de retroz»!

As creanças seguiram-o, e cada uma, beijando-o, deu-lhe um gracioso raminho de flores.

José Estevão sentiu que era uma festa pelo dia dos seus annos. Ficou preplexo. A casa da infancia, o pae adorado, os irmãos queridos, tudo lhe veiu ao espirito, juntamente com a gratidão por aquelles extranhos, que o colmavam de finezas!

N'isto a velha Barbara entrou no quarto tambem. Perdera o ar bronco e decidido. Chegou-se a elle, e disse-lhe, muito acanhada:

—Aqui tem; queira perdoar-me o atrevimento.

Eram umas varas de panno fino, para um fardamento completo!

Então José Estevão, perdido, abraçou-se na solicita enfermeira, e aquelle grande, aquelle nobre peito, teria estalado, se não desatasse a chorar como uma creança!

Em meiados de julho de 1832, partindo para S. Miguel, a reunir-se á expedição dos sete mil e quinhentos, disse um doloroso adeus, e adeus eterno, áquella casa, onde tinha recebido carinhos maternos! O grande orador teve larga correspondencia com o seu velho amigo Antonio de Oliveira. Segundo vejo nas *Notas*, perderam-se essas cartas!

Que pena!

Monte de Caparica, Torre. Março, 5, 1894.

DIOGO DE NORONHA

A PONTE DE ALGALÉ

Tem um aspecto sombrio aquelle valle de Algalé, onde se deu o monstruoso attentado! Eu conheci o homem que executou a nefanda tragedia, com quanto o mandador houvesse sido um miseravel, curto de entendimento e perverso de condição, chamado general Lemos.

Diogo José Vieira de Noronha—o famoso corregedor de Beja—era de estatura avantajada, pescoço taurino, moreno, braços e peito com a musculatura de um athleta. Os cabellos

dos pulsos e costas das mãos pungiam como cerdas de javali!

Bigode farto e negro. Olhos pretos como amoras, pestanas longas; olhar torvo. A voz forte, mas com um som baço, que impressionava desagradavelmente. Maneiras cortezes. Era bravo como as armas, e tinha um coração de tigre.

Uma vez, no Campo Grande, na casa de pasto do Escoveiro—a mais fina cosinha portugueza de todo o paiz—depois de jantar, a proposito de uns artigos que haviam apparecido nos jornaes, o proprio Noronha fallou no caso de Algalé.

Confirmou o que, passado tempos, escreveu Francisco José de Almeida, nos *Apontamentos da vida de um homem obscuro.*

—O Lemos quer deitar as culpas para mim; mas, se elle vier á imprensa, publico-lhe a ordem que tenho do seu proprio punho.

—Ordens d'essas não se cumprem, respondeu alguem sêccamente.

—Eu tinha de me vingar dos malvados de Beja, continuou elle.

A physionomia assumiu-lhe um aspecto feroz, e, arregaçando os beiços, mostrou a enorme cicatriz, que um tiro de zagalotes, á queima roupa, deixara no interior d'aquella bocca, que por fóra estava livida ainda do rancor da vindicta.

—Hoje em dia não se faz idéa do que foram essas coisas!

Noronha referia-se á scena de Beja, em que os liberaes romperam com elle, e que o teriam esquartejado, se não fôra o seu grande valor e desmesurada força.

O antigo corregedor, durante o café, poucas palavras proferiu, e ficou taciturno.

Creio que havia alli, n'aquelle peito, uma fibra, que não estava completamente paralysada ao vibrar do remorso.

*
* *

O desastre de Alcacer deveu-se á falta de um cabeça, e á pouca firmeza com que se bateram os liberaes. Podia haver actos de bravura pessoal, mas a acção foi uma lastima.

No dia seguinte ao combate, Noronha, á frente dos officiaes prisioneiros, manietados, partiu para Porto de Rei. O corregedor sabia o fim que ia dar áquelles desgraçados; mas a sua indole fatal queria exercitar ainda mais uma vingança. Entre os prisioneiros vinha o dr. Deodato Zuzarte de Mattos, seu condiscipulo de Coimbra. A politica tornara-os inimigos. Diogo de Noronha desviou-o, de noite, para uma vinha, e coseu-o a punhaladas! [1]

[1] Nos *Apontamentos de um homem obscuro*, Francisco José de Almeida, seu auctor, occultando o nome de Noronha, a quem deveu a vida, diz, a pag. 201:

«Chegámos ás immediações do logar onde na ves-

Como é que aquella alma ferina, n'essa mesma noite, se condoeu de dois moços adolescentes — Francisco José de Almeida, e outro rapaz de Alcacer, chamado Silva — proporcionando-lhes a fuga, procurando-lhes guia e dando-lhes dinheiro?!

*
* *

O grande animo do corregedor de Beja sossobrou, uma vez, debaixo de uma apostrophe! Mas foi tremenda — essa apostrophe!

---

pera tinhamos bivacado, e encontrámos ahi um cadaver, que se via tinha sido apunhalado, e, comquanto estivesse vestido, não podémos conhecer de quem seria. Disseram-me depois que era do filho da morgada de Ferreira.»

Almeida foi mal informado. O morgado de Ferreira, pae do actual possuidor d'essa illustre casa, o meu presado amigo Luiz Maldonado Pessanha, estivera na acção, mas poude escapar milagrosamente ao morticinio, ordenado por Lemos e executado por Noronha.

Dava-se um baile para beneficiar alguns realistas, que estavam em más circumstancias, homens respeitabilissimos, como havia tantos, e ha ainda, nos correligionarios da *Nação*.

A festa era promovida pelos amigos e affins do principe proscripto; mas todas as côres politicas concorreram gostosamente a ella.

Diogo de Noronha assistia ao baile.

Na casa do fumo, n'um grupo de pessoas, o corregedor teve a imprudencia de soltar algumas palavras desagradaveis, a proposito dos seus adversarios politicos. Então um homem tão forte e tão valente como elle, mas com uma nobre alma, em phrase polida, porém severa, censurou as expressões de Diogo de Noronha. Este homem era o meu querido amigo Jacintho Augusto de Sant'Anna e Vasconcellos, visconde das Nogueiras, hoje nosso Ministro nos Estados Unidos.

O antigo corregedor de Beja disse-lhe, com desdenhosa altivez:

—Sabe com quem falla?

Sant'Anna e Vasconcellos, com a sua bella estatura, levemente pallido, o bigode pequeno e petulante arripiado, deitando para traz a banda da casaca azul com botões amarellos, e batendo no peito ancho, onde pulsava um coração juvenil, intrepido e generoso, respondeu:

—Sei com quem fallo, sei! É com o façanhoso corregedor de Beja, o grande assassino da Ponte de Algalé!

Fez-se um silencio mortal. Noronha ficou como fulminado. D'alli a pouco desappareceu do baile.

Que tormenta de colera não iria rebramindo no abysmo d'aquelle truculento caracter!

*

* *

Na primavera de 1860, partimos de Alcacer do Sal, com o meu velho amigo Antonio de Campos Valdez e mais alguns companheiros, para visitar a Ponte de Algalé. Era um dia de

abril magnifico. Jornadeavamos a cavallo, na melhor disposição de espirito.

Algalé é um valle, apertado e triste. A ribeira bordada de arvores mal medradas. Grandes bandadas de corvos crucitando. Algumas d'essas aves, tão vivazes como funestas, teriam repastado nos cadaveres d'aquelles vinte e seis infelizes, quê foram atirados para um covão, uns sobre outros, crivados de ballas, ensanguentados, quasi todos ainda palpitantes!

O sol, pelas duas da tarde, n'um céu sem mancha, faiscava rutilante. Nos vallados sarçosos abriam os botões da piorneira e da amora; nos ramos dos choupos, e ás bandadas nos cardos, enflorados e hostís, as chamarizes, verdes e doiradas, esvoaçavam, no chilrear alvoroçado e alegre dos dias vernaes, azues e perfumados.

Todavia o valle continuava a ter um aspecto lugubre para mim. A nossa jovialidade esmoreceu. Approximámo-nos do covão e do monumento.

Aquella repugnante tragedia teve episodios medonhos. Fazem lembrar essas scenas as nossas carnificinas do Oriente. Os presos vinham a quatro e quatro. Os vinte e seis teriam de ser espingardeados só com seis fusís de pederneira, de que alguns falhavam fogo!

Calcule-se o tempo que durou o pavoroso morticinio!

Houve animos varonís, que não fizeram uma supplica. Outros esmoreceram, implorando!... chorando!... Um horror! E Noronha, com o seu coração de bronze, inabalavel, no meio da brutal e sangrenta matança!

*

* *

O ex-corregedor acompanhou D. Miguel no seu doloroso exilio. Em Roma, e durante a emigração, teve dias apertados e amargos.

Depois appareceu, ainda muito encolhido, por Lisboa. Se fosse a Beja, embora nos ultimos

tempos da vida, faziam-o a pedaços! Por um sinistro, depois do seu regresso a Portugal, tiveram de lhe amputar o medio e o annullar da mão direita. Não quiz tomar chloroformio, e não soltou um gemido; que m'o disse a mim o seu operador e meu amigo, o dr. Ignacio de Avellar!

Tinha nervos de um homem!

Que pena ser tão cruel.

*

* *

O monumento levantado em Algalé é pequeno e sem merito algum artistico. Ergueram-o junto da valla, onde foram sepultados os cadaveres.

N'uma das faces estão inscriptos os nomes das victimas. N'outra face uma quadra.

Ao ermo do logar, á memoria do drama que alli se deu, como se casam estes soberbos versos!

Aqui da tua patria os defensores
tragaram do martyrio, inteira, a taça!
Viandante, leva as lagrimas e as flores;
lê só! curva o joelho, adora, e passa!

Lê só! — Concisão admiravel!

O grande mestre da lingua, o poeta do *Amor e melancholia* — Castilho, o luminoso cego, resumiu toda aquella tragedia n'esses quatro versos!

Outubro 22, 1885.

JOÃO DE LEMOS

—

O anno de 1889, e o que se lhe seguiu, foram para mim fataes! No dia oito de maio, desembarcando no Caes do Sodré, deram-me, subitamente, a noticia de que na vespera, á noite, em Pariz, Antonio de Campos Valdez caíra morto com uma apoplexia!

Estava o céu tempestuoso. Antes assim!

Quando a alma vae negra, o azul do firmamento e a alegria do sol incommodam mais!

A contar d'esse dia, com pequenos intervallos, amigos dos primeiros annos da moci-

dade, intimos, como irmãos, n'uma palavra, foram apenas estes: José Antonio Garcia, Bento da França, e Ricardo Guimarães — Benalcanfor!

Mil oitocentos e noventa, esse rompeu a marcha funebre com Francisco Palha, Julio Cesar Machado, cortando as arterias, — que tragedia aquella! — João de Lemos, Antonio Pereira da Cunha, e, cego, dando um tiro na cabeça — cabeça cheia de torrentes de luz — Camillo Castello Branco!

É para aterrar um homem, que ainda tem coração, por mais desenganado do mundo, e por animoso que seja!

A isto, ou a quasi tudo isto, reuniu-se o dia *onze de janeiro,* que me deixou, nas primeiras horas — emquanto a colera não rebentou no *Pavilhão vermelho* e no *Marquez de Salysbury* — como um homem que recebeu uma grande pancada na cabeça, e que não perdeu totalmente os sentidos, mas que não possue tambem completa consciencia da vida.

Um atordoamento, como pontadas lancinantes, sem poder precisar o sitio em que ellas pungem mais!

Houve momentos em que este arejado Monte, onde vivo, as encostas de vinha, as folhas de semeadura, verdes como a esmeralda, as amendoeiras, presentindo a primavera, e abrindo já os botões em flor, me pareciam um vasto cemiterio, alvacento e humido!

A philosophia, para quem não nasceu philosopho, não serve de nada.

O proverbio mente. O philosopho nasce, como o poeta. O homem nasce tudo: pintor, estatuario, architecto, musico, mathematico, naturalista, navegador, soldado; valente, fraco, honrado, e patife.

Patifes nascem muitos!

*
* *

Domingo passado — vinte e tres de novembro de 1890 — estava eu jantando... Janto ás duas em ponto. Esta nota deve interessar muito o leitor; mas os auctores de memorias, em França, descem agora a esta minudencia, e é preciso imitar os grandes homens, principalmente francezes!

Domingo passado, ia eu dizendo, bateram á minha porta. Trouxeram-me, em seguida, um bilhete de visita, com o nome de Gaspar de Lemos, e, em baixo, a indicação — de Maiorca. Corri á escada, suppondo que fosse o meu velho amigo dr. Gaspar de Lemos, que não vejo ha muitos annos. Defrontei com uma pessoa completamente extranha — um homem na força da vida, mediana estatura, mas de conformação robusta.

Pareceu-me hesitante, como acanhado.

—Gaspar de Lemos, de Maiorca?...

—Sim, esse homem, amigo de vossê, é meu pae, e foi em nome d'elle que tomei a liberdade de procural-o.

—Primeiro faça-me a fineza de vir sentar-se á mesa.

Entrámos.

Apresentei-o a minha irmã. Tomou logar ao lado d'ella, e disse-me ao que vinha.

Desejava um prologo para um volume de versos ineditos, que João de Lemos lhe offerecera.

As duas palavras, que precedem o pequeno livro do poeta, sob o titulo: *Observação preliminar*, explicam tudo.

Eil-as:

«O sr. José Augusto Gaspar de Lemos, que não só por suas qualidades e infortunios me merece muita sympathia e estima, mas tambem por ser filho do meu prezado, antigo amigo, o dr. José Gaspar de Lemos, a quem desejo sempre, de qualquer modo, obsequiar, pediu-me al-

guns versos meus, para elle publicar, por sua conta, no Brazil. Dei busca ás minhas gavetas, e de lá tirei essas *Folhas soltas de papeis velhos,* que lhe entrego.

«Bem vejo que é um mistiforio, que só valerá pela variedade, se tiver de valer. Em todo o caso, não lhe posso dar mais, nem melhor. Mas quem dá o que tem...

«Lisboa, Arroyos, 29 de janeiro de 1889.— *J. de Lemos.*»

No anno seguinte, no mesmo mez, estando João de Lemos a fallar com Antonio Pereira da Cunha, caiu repentinamente morto!

A alma do brilhante poeta está n'essas singelissimas palavras. Viu o filho de um amigo seu, que partia, em precarias circumstancias, para a America do Sul, e apesar de velho, fatigado e doente, foi-se aos seus papeis, compilou e emendou, fez novas composições, e uma de suas filhas copiou, em lettra elegante e clara, a graciosa dadiva do poeta.

O sr. José Augusto Gaspar de Lemos par-

tiu para o Brazil em busca de melhor fortuna. A boa fortuna não veiu nunca, e elle voltou á patria, trazendo, como unica riqueza, mulher e filhos. Um thesoiro para o coração, algumas vezes, e um pesadissimo encargo para a vida positiva, quasi sempre.

Algumas palavras a proposito do dr. José Gaspar de Lemos, pae de José Augusto. Foi um heroe, aos dezoito annos, porque, a não ser elle, talvez se não ganhasse a batalha da Asseiceira, como se verá no decurso d'esta narrativa.

Formou-se em medicina em Coimbra, e exercitou a clinica por mais de quarenta e oito annos; intelligente, estudioso, honrado, caritativo, vivendo no retiro de Maiorca, e vendo com o seu grande coração de soldado liberal, e de homem de bem, a infamia abjectissima a que isto chegou!

Travei relações com elle em 1862. Foi em outubro. Direi como e onde, n'outro logar.

*
* *

Agora um relance de olhos para esse anno de sessenta e dois, que é mais uma pagina, para mim saudosissima, nas folhas soltas das minhas *Memorias*.

Em julho d'esse anno tinha eu partido a viajar por toda a Beira. Viajar em Portugal, n'aquelle tempo, não sendo por absoluta necessidade, era prova de grande amor á arte e de certa valentia; não que o pinhal da Azambuja ainda estivesse infamado de ladrões, nem a famosa Falperra de salteadores; mas pelos incommodos, atribulações, martyrios—ia dizendo, a que um homem se expunha!

Depois de uma jornada, a cavallo, por desfiladeiros, penedias, matagaes, charnecas abrasadoras de esteva pegajosa, corregos e algares,—chamando «uma legua» a dez kilometros

ou mais!—chegar á estalagem, morto de fadiga e de fome; entrar n'um covil proprio de bandidos; ceiar uns ovos fritos em azeite rançoso, pão de toda a farinha, ás vezes de oito dias, e vinho azedo! Depois, peior ainda—a cama, um catre com lençoes immundos, e uma das pragas do Egypto, por companheira, até ao romper da alvorada!

Em 1862 já havia a mala-posta para Coimbra e Porto. Viajei d'essa vez muito agradavelmente, porque fui com o meu amigo J. da Costa Brandão d'Albuquerque, para a sua casa de Oliveirinha, acompanhando-me depois, pelas espaçosas e alegres vivendas dos seus parentes e amigos, a Santa Comba-Dão, Torrozello, Travancinha, Ervedal, Carvalhiços, etc., etc.

Que senhorís e generosos hospedes eram os beirões d'esse tempo, e que rapazes havia! Os Mendes, de Vizeu, os Campos, de Farminhão, o Antonio e Henrique, de Travancinha, Antonio da Silva Gaio—luminoso talento! Thomaz Ribeiro—o grande poeta!

Os costumes conservavam ainda as linhas vivas da nossa sociedade de outros tempos. Os beirões eram typos completamente distinctos no trajo, nas maneiras, nos rasgos affectivos, na generosidade e bravura herdadas. Agora é provavel que uma parte d'estas condições insinuantes haja desgastado o cunho vivo no curso da gente da capital, pela facilidade de approximação, que trazem os caminhos de ferro. Se tal é, não lhes dou os parabens!

De todos os caracteres com que tratei o que tinha uma feição mais original era Manuel Nicolau d'Abreu, da Povoa da Arenosa.

Foi n'essa casa, nos primeiros dias de setembro d'esse anno, que fiz relações com José Dias Ferreira e dr. Fernando de Mello. Ha vivas duzias de pessoas, que conheceram, e passaram temporadas em casa de Manuel Nicolau. Thomaz Ribeiro e Zephyrino Brandão foram muito d'elle.

Quando o vi pela primeira vez seria homem dos seus oitenta annos. Ainda forte de corpo

e no pleno uso das suas faculdades intellectuaes, que eram lucidas.

Tinha assistido a grandes tragedias.

Sendo muito rapaz, os francezes mataram-lhe o pae, ás cutiladas, deante dos proprios olhos!

Lidara, pela força das circumstancias, como muitos outros cavalheiros d'aquellas paragens, com grandes scelerados da Beira, e dera-lhes couto muita vez, como aos Brandões de Midões.

*

* *

O famoso João Brandão tinha gente peior na familia. Elle, se não fosse a educação, talvez se não tornasse um criminoso. Fez mortes por jactancia,—a vaidade exaltada pode levar o homem ao crime—outras em defeza propria.

Na Beira contava-se de muitos assassinios, que elle praticara por perversidade; mas eram

affirmações sem provas, e vinham de fontes suspeitas.

Se não é o meio, repito, talvez se houvesse tornado um cidadão util, porque era intelligente, activo e emprehendedor. Um primo d'elle, a que chamavam o Manuelzinho—parece-me que me disseram ser primo—esse sim, esse era um requintadissimo malvado!

Uma nota—nota terrivel—mostra a ferocidade d'aquelle monstro!

Trazia de olho uma rapariga, filha d'um pobre velho, seu visinho. A rapariga era honesta, e o pae honrado. O velho, que o conhecia de pequeno, disse-lhe um dia:

—Não me desinquietes a cachopa, Manuelzinho. Deixa-m'a, coitada! É uma pobrinha de Deus, e tu não queres casar com ella.

O cão damnado prometteu não mais rondar-lhe a porta, e convidou-o para uma merenda. No fim da festa, a que assistiram mais dois ou tres lobos da sua alcatéa, por uma tarde amena, n'um souto de carvalhos, sobre as ribas, corta-

das a pique, do Mondego, proximo da nascente, disse ao velho que se ajoelhasse, e fizesse o acto de contricção! O velho, a principio, julgou que fosse gracejo, mas vendo-lhe subitamente a catadura enturvada e minaz, sentiu que era aquella a sua ultima hora! Implorou, porém implorou debalde! O scelerado metteu-lhe em pleno peito as duas balas, com que trazia atacada a carabina!

Depois, a toda a gente, com um cynismo egual á malvadez, fazia a narração, por menor, de tal monstruosidade!

Pela Beira e Alemtejo deram-se tragedias!...

O tigre inimisou-se com João Brandão. A pouco trecho eram figadaes inimigos. João Brandão seria um homem infallivelmente morto, se hesitasse um momento, quando defrontasse com o seu adversario.

A agilidade e certeza de Guilherme Tell— diria eu, se podesse approximar o nome d'um heroe ao de um miseravel—salvaram-o.

Avistaram-se um dia, a distancia. Ambos metteram, a um tempo, a arma á cara. João Brandão desfechou primeiro. O outro caíu redondo.

Bom tiro!

*

* *

Manuel Nicolau d'Abreu não quiz nunca visitar Lisboa. Dizia elle:

—N'estas penedias da minha terra, onde são mais raros os homens, tenho conhecido tantos miseraveis e facinorosos, que Deus me livre de ir para logar onde elles, os homens, abundem.

Os encyclopedistas eram os seus validos, lia-os desde a mocidade, mas com quanto observasse rigorosamente a nossa religião, com a maior pontualidade em suas praticas—a missa na capella, missa que acolytava sempre, o terço á noite, as graças a Deus, em pé, de mãos pos-

tas, depois do jantar e ceia, se acertava fallar-se de Mr. de Voltaire, por pouco se não levantava da cadeira, fazendo uma mesura!

Nunca pude penetrar a fundo n'aquelle espirito; mas por algumas palavras, levemente debruadas de ironia sceptica, quiz-me parecer que nos seus officios mysticos fazia algumas restricções mentaes.

Hospitalidade como a beirôa nunca eu vi! Só o arabe, no abrir as portas da casa, se pode medir com os beirões. Tudo é franco: a mesa, a quinta, os famulos, e o coração!

É rara a affabilidade das senhoras da Beira, e têm a voz crystalina, como as correntes das suas serranias.

Aos domingos e dias festivos, na egreja, antes do levantar a Deus, aquellas vozes frescas e afinadas entoam o Bemdito, n'um canto gracioso e sentido. Jámais o ouvi, que me não commovesse. Respirava as auras da infancia!

Em Deusto, nas Provincias Vascongadas, onde fui creado, tambem á missa, as deustarinas,

de olhos negros, tranças caídas, cintura delgada, ageis, graciosas, respirando saude, entoavam um canto semelhante, repassado de compunção e piedade mysticas!

Ó minhas singelas crenças de então! ó minha santa mãe! que me ensinavas a resar e a pôr as mãosinhas, louvando a Deus,—julgava tornar-vos a possuir, por entre um véu de lagrimas!

A mesa de Manuel Nicolau era abundante e capaz de appetitar um morto. Filhas, netas e netos, parentes proximos e afastados, amigos, forasteiros, sentavam-se-lhe, em volta, na mais agradavel e folgasã convivencia.

A fructa magnifica, da melhor do paiz, em pyramides; eram os pecegos de S. Domil, que só tem rivaes nos de S. Thiago do Cacem, as peras virgulosas, os cachos rescendentes e doirados, onde abunda a aromatica e exquisita muscatel de diversas qualidades!

Atraz de Manuel Nicolau, firme como um soldado da velha-guarda, estava uma esbelta

rapariga, com o gomil de prata, para o servir a elle de vinho, e aos dois hospedes, que sentara á sua direita e á sua esquerda.

No verão, o bom velho usava um fato largo de ganga azul da India, de primeira qualidade, camisa de linho fino, com grandes collarinhos sem gomma, descaídos.

Era alto, cabeça arejada, cabello ainda abundante, e mais grisalho do que branco. Morria por versos, e, com quanto fosse educado com os arcades, não desfazia nos romanticos.

Sabia de cór os principaes episodios dos *Lusiadas*, e era uma edição viva de Bocage e Nicolau Tolentino.

Em rapaz fôra um desenganado femeeiro. De portas a dentro, da maior sisudez.

Com as filhas levava o rigor até ao despotismo!

Dizia que era para castigar n'ellas o ardor do seu sangue! Teve-as, na mocidade, como n'uma clausura. Á mais leve falta applicava-lhes rigorosos castigos.

O amor das netas abrandou-lhe os rigores, e tornou-se para ellas o affectuoso, o paciente, o verdadeiro avô.

Separei-me d'este velho agradavel com saudade. Disseram-me todos, e tambem me pareceu, que tinha tido por mim uma d'estas sympathias espontaneas, vivas, exuberantes, que, ás vezes, se dão, nos corações fatigados da vida, tão vehementes, como se brotassem nos dias da mocidade!

Não tornei mais a vel-o. Se hoje voltasse á Beira do meu tempo, em quasi todas as portas, em vez de encontrar os braços d'um amigo, encontraria os braços d'uma cruz!

*
* *

Em meiados de outubro tornei a Coimbra, e depois fui até á Figueira pela primeira vez.

No dia seguinte, li n'um jornal:

«Regressou, da sua viagem pela Europa, o illustre poeta João de Lemos, e está na sua casa de Anta.»

Montei a cavallo, e puz-me a caminho. Ás cinco da tarde, bati-lhe á porta.

O poeta ia para a mesa.

O meu apparecimento era improviso.

Abraçámo-nos com a effusão de sincera amisade.

Eu estava na flor, e João de Lemos na força da vida.

Ao seu jantar assistiam Luis Borja e o dr. José Gaspar de Lemos.

Ambos vivem.

Gaspar de Lemos era então — 1862 — um homem de quarenta e seis annos. Alto, sêcco, musculoso, e de aspecto varonil. Abonava-lhe o rosto a bravura do animo.

Aos dezoito annos alistara-se nas fileiras liberaes.

Na batalha da Asseiceira, a dezeseis de maio de 1834, era segundo sargento do batalhão mo-

vel d'Alcobaça. N'esse dia houve um momento em que a acção esteve perdida.

Quando os seus retiravam, Gaspar de Lemos voltou a face ao inimigo, bradando aos camaradas, e influindo-lhes animo!

Escapou á morte por milagre.

No anno seguinte foi condecorado com a Torre e Espada. O decreto, assignado pelo Rodrigo da Fonseca Magalhães, resa assim:

«... por haver dado sempre exemplo de sangue frio aos soldados na linha de atiradores, e por ser o primeiro a avançar ao inimigo.»

Em tal epocha este documento era importante.

Havia então muito mais bravos, e muito menos condecorações!

Terminada a lucta, matriculou-se em medicina na Universidade de Coimbra, formando-se com distincção. Os paes eram extremamente pobres. Ás solicitudes de um tio padre deveu a sua educação.

Aqui m'o diz elle, com encarecido agrade-

cimento á memoria do bom velho, n'uma carta que me escreveu, ha poucos dias, de Maiorca.

Não pediu á patria a minima remuneração. Havia homens d'essa tempera, n'aquelles dias! Conhecem agora por ahi algum com taes musculos?

Sou amigo do dr. José Gaspar de Lemos, e folgo de poder offertar a seu filho, o sr. José Augusto Gaspar de Lemos, para prologo d'este livro, uma pagina das minhas *Memorias*, a proposito de João de Lemos.

Ahi vae.

*

* *

João de Lemos, poeta e jornalista. Physionomia peninsular e insinuante, educação primorosa, alma rasgada; em tudo, e em toda a parte, é uma distincção.

Os dias da mocidade amanheceram-lhe illuminados pelos clarões da gloria. Os seus pri-

meiros versos prenunciavam um grande poeta. Os companheiros saudaram-o, sem que uma sombra de emulação restringisse o calor do applauso.

João de Lemos acreditava na amisade, no amor, e em Deus. Como estava cheia de luz aquella alma de poeta!

Os poetas conservam, até ao fim da vida, no coração, a memoria do alvorecer da arte!

Tradições de familia filiaram-o no partido do principe proscripto. Os camaradas mais intimos eram liberaes extremes. O menor azedume de opiniões jámais veiu agrear a fraternidade d'aquella grata convivencia.

Rebentou a revolução da Maria da Fonte.

A pouco trecho, João de Lemos era incumbido de uma missão politica, fóra do paiz, pelo seu partido. A mocidade festejava o poeta juvenil, os homens feitos achavam-o indicadissimo para se desempenhar de negocio grave.

João de Lemos, uma noite, atravessando uma praça de Londres, viu, n'um ceu achatado,

frio e brumoso, um clarão alvacento e sinistro com pretenções a lua! Entre parenthesis: o coração do inglez é tal qual como o ceu da sua grande cidade!

Lembrou-se da patria, da infancia, dos primeiros dias de Coimbra, das noites de abril, dos rouxinoes, do choupal sussurrante e estrellado de pyrilampos, e moço, enthusiasta, amante e amado, improvisou a *Lua de Londres!*

A critica imparcial, attendendo ao instante litterario em que esses versos foram escriptos, e sem a minima preoccupação de escola, ha de encontrar em taes estancias a espontaneidade, o colorido e o sentimento de um lyrico superior.

João de Lemos não teve as aberrações, nem caiu nos exaggeros dos romanticos. Um dos maiores erros d'essa epocha, em Portugal, foi a imitação servil da litteratura franceza, na linguagem e na fórma. Justamente o que está succedendo com o naturalismo, quando a cri-

tica de hoje admitta realismo e naturalismo, ambas coisas velhas, e vasias de sentido.

Sejam quaes forem as boas condições ou os defeitos d'este ou d'aquelle processo, todos podem produzir grandes obras, comtanto que a lingua, que, em litteratura, é a nacionalidade e o principal elemento para a correcção da fórma, seja respeitada.

Sem correcção de fórma não ha obra d'arte. Mudam as phrases, criam-se palavras, fazem-se reviver as obsoletas, ha um trabalho de renovação, como convém a todo o organismo vivo, mas conserva-se a feição e a individualidade nativas. Camões, Frei Luiz de Sousa, Antonio Vieira, estão cheios de modernismos com relação ao seu tempo. Tinham absorvido auctores, principalmente italianos; mas nacionalisaram-os. Quem não sente, n'alguns episodios dos *Lusiadas,* a veia e o methodo de Ariosto?

As escolas reflectem-se. As da Grecia reflectiram-se em Roma. O romantismo, nascido na

Allemanha com Goëthe e Schiller, na Inglaterra com Byron, reflectiu-se na França; porém Lamartine, V. Hugo, Musset, George Sand, romanticos, ficaram sempre francezes.

Com Zola e Daudet succede o mesmo; tornaram-se cabeças de escola, alteraram o estylo, procuraram locuções até ahi desconhecidas, mas sabem a sua lingua, e são nacionaes nos ossos.

Absorvam-os, reproduzam-os, porém coados pelo crivo portuguez.

Quando João de Lemos chegou a Lisboa esperavam-o as solicitudes da amizade e o estimulo dos louvores. O poeta, fundada a *Nação,* pegou da penna de jornalista e estreiou-se brilhantemente.

João de Lemos e os seus collegas tinham, no caracter, as arestas vivas da moeda cunhada em oiro de lei.

A *Nação,* com taes redactores, era, embora advogando uma causa que não vingaria no paiz, arma poderosa de combate, e ninguem florearia

decerto melhor essa arma do que João de Lemos, Manuel Maria da Silva Bruschy e Gomes de Abreu. É esta a verdade, sem sombra de lisonja, e dita pela bocca de um adversario desenganado; por que eu, de dia para dia, e quanto mais combatida a vejo, mais me ufano de pertencer á escola liberal. Assim como desprezo os transfugas d'essa escola, tenho o maximo respeito pelos seus adversarios—que são muitos, muitissimos, no campo dos que vam para deante e no campo dos que vem para traz—quando ha n'elles crenças e lealdade.

Voltemos ao poeta.

A politica absorveu-o. Com o vigor do talento de João de Lemos, a sua obra devia ser progressiva. Espiritos de tal ordem são proprios para todas as evoluções, e adaptam-se a todos os meios.

Passados os primeiros dias da mocidade, o poeta podia firmar em moldes definitivos as forças da sua intelligencia. A largura e sonoridade do seu verso, o calor da sua imagina-

ção, prestavam-se para traçar e colorir os grandes personagens da historia, ou creal-os para a tela do poema.

Na tentativa dramatica da *Maria Paes* provara que lhe sobravam pulmões para obras de grande folego.

Todavia, entre as suas abundantes estreias, o *Tumulo de Nero,* o *Festim de Balthazar,* o *Bem hajas,* a *Noite do Colyseu,* a *Violeta,* pertencem ao mais alto lyrismo, e são quadros de um poeta de raça. Vou transcrever a *Violeta.*

As bravias, fechadas na côr, espontaneas, que dão a monte, no coração do inverno, na ilha da Madeira, não são mais perfumadas e graciosas de que esta encantadora *Violeta,* que o poeta beijou na flor da mocidade:

Como, sósinha e sem medo,
No meio d'este arvoredo,
Vieste desabrochar?!
Quem te ha de aqui vir amar?
Quem ha de—se este rochedo
Não vê mais que ceu e mar?

Rôxa florinha, não queres,
Como os aureos malmequeres,
Ser bem fadada d'amor?
Não sabes, modesta flor,
Que os buscam lindas mulheres,
Que os traz n'harpa o trovador?

E a rosa, a rosa tão bella,
Que anda sempre na capella
Da namorada louçã?!
E o cravo, irmão da manhã,
Que no seio da donzella
Mata de invejas a irmã?

Ao altar a desposada
Vae, d'alvos botões c'roada,
Que a laranjeira lhe deu;
E a perpetua, essa vi eu
Sobre as aras, regalada,
Ouvindo os hymnos do ceu!

Té ao goivo coube a sorte
De ser consagrado á morte,
Com piedosa devoção;
Coube-lhe ouvir a oração,
Que ao soterrado a consorte
Lhe envia do coração!

Só tu, violeta, em segredo,
No meio d'este arvoredo,
Has de, ignorada, murchar?
Quem te ha de aqui vir amar?!
Quem ha de?—se este rochedo
Não vê mais que ceu e mar!

Pobre flor! Sempre sósinha!
Nem zagala, nem rainha
Se c'roar da pobre flor!
Não vir sequer um pastor
Dizer-lhe aqui: «Tu és minha;
Quero dar-te ao meu amor!»

Não ver ninguem, noite e dia!
E n'esta melancholia
Não ser vista por ninguem!
Florinha, commigo vem:
Quero dar-te a quem daria
Tudo quanto o mundo tem!

Vem ser amada e amante,
E sobre a neve radiante
D'alvo seio rescender;
Vem novo mar alli ver,
Ver novo ceu mais brilhante!
Vem começar a viver!

Oh! não venhas, violeta!...
Tem amor de borboleta
Aquella a quem te ia dar!
Vale mais aqui murchar,
Sem ter dôr que te acommetta,
Do que viver a chorar!

Vale mais. O ceu é lindo!
O mar é grande, é infindo!...
E noite e dia são teus!
Não mudam mares, nem céus;
E, em tuas folhas caindo,
Vaes, co'a briza, aos pés de Deus!

Ha n'estes versos a veia abundante e crystalina de Lamartine. Lamartine! — foi moda, cá principalmente, desdenhar d'elle! Hoje está consagrado e glorificado, como um poeta genial, pela critica moderna!

João de Lemos, ou retirado na sua vivenda de Anta, sobre o Mondego, ou no Çampo Grande, afastou-se completamente do mundo. Leva boa copia de recordações para a lareira. Viveu muito da vida intensa do espirito; cursou quanto

ha de grande na Europa, e na mais elevada sociedade; admirou, como artista, os primores da Hespanha, França, Italia e Allemanha. Que pena que o poeta, na sua prosa tão simples e tão elegante, nos não deixe algumas paginas de memorias!

Quantas revelações teria a fazer sobre os homens e sobre as coisas, que se prendem com a mais enredada politica, em que andou envolvido durante muitos annos!

Um dia, no principio de novembro de 1862, tendo noticia da morte de José Estevão, e sabendo que eu estava em Coimbra, n'um dos momentos mais afflictivos da minha vida, pela perda subita d'aquelle grande homem, que fôra meu intimo, correu a mim, levou-me para a sua casa de Anta, tratou-me com as solicitudes de irmão, e dizia-me, rasos os olhos de pranto:

—Fomos adversarios. Sempre nos amámos e respeitámos. Eu via em José Estevão uma gloria do meu paiz!

Os grandes corações são assim! Terminada a refrega, tem sempre um beijo e uma lagrima para o adversario abatido!

*
* *

Estas paginas foram escriptas ha tempo, quando João de Lemos era vivo. São agora uma saudade, que deponho sobre a sua sepultura, aberta a dezeseis de janeiro do anno em que estamos.

Tenho passado parte da vida a relembrar os que foram!...

Quando chegar a minha vez, terei ainda um amigo, que me chore?...

Terei! Entre os novos tambem ha alguns que me querem.

Monte de Caparica, Torre. Dezembro, 23, 1890.

MANUEL MARIA DA SILVA BRUSCHY

E

ANTONIO JOAQUIM GOMES DE ABREU

Manuel Maria da Silva Bruschy, depois do seu partido embainhar a espada em Evora-Monte, desembainhou elle a sua, indo para Hespanha bater-se no exercito de D. Carlos. Era um bravo, um intrepido rapaz, quasi uma creança!

Uma tarde foi prisioneiro. Devia ser fusilado no dia seguinte. Passou a noite a jogar! Salvou-se por um milagre!

Não sei se este facto vem narrado na sua biographia, que não tenho agora á mão.

Terminada a guerra, Bruschy regressou a Portugal e foi estudar em Coimbra.

Com desassombro e nobreza confessava, espontaneamente, as finezas que deveu á familia Palha, pagando, com o oiro da gratidão, raro e dos mais subidos quilates, os favores recebidos!

Era um homem em tudo. E que bello homem! Estatura regular. Poderoso de musculos. Perfil romano. Olhos azues vivos e de olhar penetrante. Testa alta e bombeada, bocca franca e attractiva, como o seu verbo, fluente e dominador. Quando o grande jurisconsulto, no tribunal, queria salvar pelos cabellos um desgraçado, não havia olhos que ficassem enxutos! Toda a gente o respeitava. Era intimo de Alexandre Herculano, seu inimigo politico. Tinha os braços abertos para todos os infelizes, que patrocinava de graça, e assim é que morreu pobre, quando certos bacharelitos, causidicos de hontem, que nós conhecemos, andam por ahi abarrotados de dinheiro!

Bruschy era um prosador soberbo, conciso e vigoroso como a sua dialectica. Em verso é que nunca se vira desgraça maior.

De uma vez, Couto Monteiro, Rodrigues Cordeiro e João de Lemos, intimaram-o para que fizesse, ao menos, um verso! Bruschy metteu-se no quarto e fechou-se á chave. Sentou-se á banca, levantou-se, fumou como um turco, dando grandes passadas, tornou a abancar, até que, por fim, saíu, com os cabellos em desordem, faces e olhos accesos, trazendo na mão um papel, e disse, com ar triumphal:

— Aqui está! e leu:

Nem a todos é dado versos fazer.

João de Lemos acudiu immediatamente:

— Ó homem! se pões:

Nem a todos é dado fazer versos

tinhas campado!

—Ora essa! Ora essa! exclamou Bruschy estupefacto—e, tirando do bolso outro papel, cheio de garatujas, accrescentou:

—Vejam. Aqui está. Assim é que eu escrevi da primeira vez; mas pareceu-me que estava diabolicamente errado.

Era d'esta força!

*
* *

Gomes de Abreu, por um acaso singular, parecia o retrato vivo de Garibaldi! Dava-se tal semelhança entre o grande caudilho italiano e o escriptor da *Nação,* que, um dia, este apresentou a umas senhoras de suas relações o retrato d'aquelle, como sendo o seu proprio!

—Está magnifico, disseram ellas; mas que mania lhe deu de se retratar de camisola vermelha?!

Quando lhe descobriu o nome de Garibaldi, que vinha por baixo da lithographia, as senho-

ras, ardentes partidarias do throno e do altar, benzeram-se aterradas!

Medico e homem de vasta sciencia, foi prosador notavel. Polemista vigoroso, tomou parte activa na lucta dos *Sete seculos,* em que Alexandre Herculano se bateu só, contra todos, sem recuar um passo, vibrando o gladio de athleta triumphador!

Entrou em um concurso celebre. Depois, para exercer o professorado, levantaram-lhe uma questão de juramento... Uma grande miseria! Elle tinha o coração no seu logar. Não se torceu.

Açoitado pelos revezes da má fortuna, velho, pobre, doente, cortado de desgostos, foi para a Allemanha, e, junto dos seus proscriptos, abraçado nas suas crenças e nos seus amigos, lá morreu.

Grande homem de bem!

Novembro, 30, 1885.

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL

Tinha eu os meus onze annos, quando o grande acontecimento de Lisboa era a peça que se representava no theatro da rua dos Condes— *Dois renegados.*

O sentimento da arte foi muito precoce em mim, como tambem a minha tal ou qual intelligencia se desenvolveu cedo. Imaginação viva e sensibilidade extrema dominavam-me, e temme dominado até hoje, pelo menos no primeiro impeto. N'um livro de *Memorias* não são descabidas, nem censuraveis, notas pessoaes. Os *Dois*

renegados fizeram-me tal impressão, que não dormi n'essa noite! No dia seguinte deixei os livros, e a coisa sabe Deus onde iria parar, se meu pae e minha mãe, que tinham pulso para educar-me, me não tivessem mão!

As lettras, n'essa epocha, refloriam com o vigor e enthusiasmo de uma *renascença,* em Portugal. No drama faiscava talento. O poeta, porém, muito moço, ia com os ultimos exaggeros da escola romantica, no seu periodo mais descabellado.

Mendes Leal fôra educado por um tio padre, homem de intelligencia e erudição solida, o desembargador Francisco de Borja Ferreira, vigario de Loures.

O poeta fez-lhe, depois, uns versos, versos, onde a gratidão verte lagrimas de saudade. Cito apenas a primeira estancia:

Quando os meus quinze contei,
Um tio velho, que eu tinha,—
Que inda choro e chorarei,
Toda inteira a vida minha!—

Disse-me, um dia:
—«Olhe cá,
Está quasi um homem já...
Para que por tal o tomem,
Quero fazer-lhe um presente,
Com que um homem...
Com que um homem se apresente.
.....

A inveja é imaginosa, e tem dedo para compor calumnias. Por mais inverosimeis que sejam, ha sempre muita gente que as accredita, ou finge accreditar, comtanto que mordam no proximo.

Começou a correr que ao tio padre, classico nos ossos, lhe havia dado um ataque de hysterismo romantico, cerca dos setenta, e que era elle o auctor dos *Dois renegados!*

O mesmo disseram de Castilho. Em quanto viveu o irmão padre, grande numero de honestos criticos affirmavam, que os versos do insigne poeta eram do veneravel e talentoso sacerdote! Os que escreveu, depois da morte do

irmão, e constituiram a sua grande obra, quem lh'os escreveria?

Grande obra, sim—grandissima. Além de primores d'arte, como o *Amor e melancholia,* a *Xacara da Nazareth,* as *Estreias poeticas,* etc., levantou o primeiro monumento da lingua portugueza, n'este seculo, em Portugal!

*
* *

As scenas do drama de Mendes Leal impressionaram vivamente, como já disse, o meu espirito ainda infantil. Mal sabia que, de ahi a anno e meio, havia de caír sobre a minha casa a maior das tragedias!...

Meu pae tivera um renhido pleito, sobre os bens que lhe ficaram por morte de meu avô. Era um pequeno vinculo em Alcochete, que n'outros tempos, reunido a bens livres, á casa e quinta de Valle-Bom, formavam propriedades importantes, como é notorio.

Os bens livres foram vendidos no tempo de meu avô, tambem um pouco poeta, e, Deus lhe perdôe, detestavel administrador.

Meu pae ganhou a demanda; foram, porém, grandes os sacrificios. Para acudir a gastos de justiça e manter a casa, não só teve de se desfazer de coisas de algum valor, principalmente objectos da India, mas individar-se. Um negociante honrado — Aprigio Marques — emprestou-lhe somma, relativamente avultada, sobre uma capella que tinhamos em Coruche, a juro insignificante, e esse mesmo não o quiz receber, quando eu saldei a conta, no tabellião Grillo, em 1858.

Voltemos atraz. Estavamos passando o verão de 1841 na Cova da Piedade. No dia dezenove de agosto, meu pae saíu de manhã, para assignar a escriptura de divida. Veiu jantar a casa de Aprigio Marques. Á mesa sentiu uma dôr agudissima no peito, fallou nà mulher e nos filhos, e caíu morto!

Em vez de meu pae, quando iamos, muito

alegres, ao seu encontro, tivemos a noticia fatal! Vivem ainda pessoas, na Piedade, que se recordam d'essa tarde funesta! Ha annos, passando por alli, representou-se-me aquelle quadro, e com tamanha verdade, que via minha mãe, abraçada a nós, silenciosa, lavada em pranto, e sentia-lhe o arquejar do peito, ainda na força da vida, atravessado pelo tremendo golpe!

Estes versos descrevem a nossa situação, depois d'aquella desgraça. Na sua simpleza, têm sentimento e verdade.

A MINHA MÃE

Minha irmã, na adolescencia;
Eu, pequeno; minha mãe,
Na robustez da existencia;
Meu pae, na força tambem.

Um dia, pela manhã,
Saindo, com bom aspecto,
Meu pae beijou minha irmã,
E a mim com egual affecto!

Eu fui clamando atraz d'elle:
—Volte cedo! sim?... Adeus!
—Adeus, filhos.... Foi aquelle,
O adeus derradeiro aos seus!!

Passado o lance fatal,
Na casa... uma noite escura,
Enorme, fria, mortal...
Mais triste que a sepultura!

Vendo-nos orphãos—depois
Do furacão improviso—
Minha mãe sorria aos dois...
Que dôr n'aquelle sorriso!

Sorriu a Virgem Maria,
Quando o filho Redemptor
Aos pés da cruz recebia!
Que amor o das mães, Senhor!

Oh! que saber occultar,
N'um veu denso a dor suprema!
Calar, padecer, amar,
Sorrir... eis o seu poema!

Epopéa genial,
Onde, nos berços em flor,
Jorra o peito maternal
O sangue vivo do amor!

Amor, que domina tudo,
Na sua ignota eloquencia,
Será frio, inerte, mudo,
Nada!... aos pés da Providencia?!

.....

Mãe, que me deste em teus braços,
N'um beijo, o ideal divino,
Não terás, n'esses espaços,
Para mim outro destino?!

Este lance deixou na minha casa e no meu coração um toque de melancholia, que não se apagou jámais! Ainda hoje, quando vejo uma viuva, com um filho ao lado, cobertos de lucto, envolve-se-me a alma n'uma nuvem triste!

Minha mãe, e minha irmã — dezeseis annos mais velha de que eu — com economia e muito

juizo, deram-me larga e severa educação, colmando-me ao mesmo tempo de carinhos, e satisfazendo, durante as férias, no campo, nas nossas pequenas propriedades de Alcochete, ou no casal que tinhamos em Collares, chamado Deluzio, ás minhas distracções fragueiras e predilectas, principalmente a caça. Aos quatorze annos, era já uma espingarda muito regular. Robusto e sadio, no collegio, dava conta dos estudos, sem fadiga, sendo, ao mesmo passo, desenganadamente folgasão. Saí d'alli prompto para os exames de admissão, e aos quinze matriculei-me na Escola Polytechnica.

Não prosegui n'aquelles estudos, e arrependi-me; tanto mais, que me não repugnavam, tendo até certo pendor para as sciencias naturaes, que ainda agora me captivam grandemente, no pouco que as posso alcançar.

Engolfei-me nas lettras, paixão de toda a minha vida. Um dia, no Marrare de polimento, em 1847, apresentaram-me a Mendes Leal. O poeta regressara da campanha, onde se ba-

tera no campo dos parciaes da Rainha. Mendes Leal era não só corajoso, mas destemido.

Dias depois de ter sido apresentado ao auctor das *Indianas*, dedicou-me elle uns versos, de que ainda me lembra uma que outra estancia truncada. Como fiquei alvoroçado e ufano com aquelles versos!

Em 1848, Mendes Leal morava no primeiro andar do palacio do conde da Figueira, no alto da calçada de Santo André. Fui passar uma temporada com elle. Estimavel e carinhosa familia era aquella. A irmã, D. Carlota Mendes Leal, muito nova ainda, a tres de junho de 1851, casava com Alvaro Cardoso, meu velho amigo. Interessante rapariga, de selecta educação e rara intelligencia. Esta senhora podia ter sido das primeiras escriptoras de Portugal, quando houvesse querido.

A familia compunha-se de pae e mãe, ainda robustos, mais dois irmãos, além dos poetas, porque Antonio Mendes Leal fazia versos encantadores: ahi correm impressos. João e Joa-

quim Mendes Leal vivem ainda, e fez o acaso que estes bons amigos dos primeiros annos da mocidade, agora os tenha por visinhos aqui, a dois passos, em Porto Brandão. Completava a familia Mendes Leal, uma amavel senhora, sua tia, D. Marianna Iphigenia Mendes Leal Faria e Faro. Affectuosa, sincera, de animo muito alegre e expansivo. Mas, apesar d'isto, na sua vida existia um mysterio: occultara a todos, com a certidão de edade, a data do nascimento!

N'aquella epocha aparentava ter os seus quarenta. Passava dos setenta! Um dia, sorriu tranquilla como vivera, e esvaeceu-se aquella luz com cento e um annos! Assim vale a pena ter nascido!

*

* *

Quando passei essa temporada com Mendes Leal, tinha eu dezenove annos.

Dera-se n'aquelle anno a conspiração das *hydras*. Mendes Leal, que estava com o go-

verno, era partidario de pulso e decidido, mas ia visitar todos os dias os seus adversarios ao Limoeiro, e enchel-os de finesas. Diga-se a verdade, o rigor do ministro limitava-se a tel-os encerrados, porém na clausura fazia-se uma festa todos os dias, porque as familias dos presos e as pessoas amigas mandavam tudo o que havia de primoroso na sua cosinha, e juntamente a filigrana da copa.

Um dos presos era Manuel José Mendes Leite. Contava trinta e nove annos. Alto, forte, insinuante de rosto, primoroso na educação, nobilissimo na alma. Quando, em 1884, os seus amigos o festejaram pelo anniversario, consagrando-lhe um opusculo, sob o titulo: *A Manuel José Mendes Leite. Os seus amigos e admiradores* — ahi escrevi eu estas palavras:

«É dos poucos — ai de mim! — rarissimos, que ainda restam dos heroicos aventureiros que vieram conquistar a patria, redimil-a da tyrannia, e trazer-lhe a liberdade no regaço das suas togas. Vi-o pela primeira vez quando eu tinha

dezoito annos. Fui simultaneamente apresentado a elle e a José Estevão, o seu companheiro da infancia, o seu peregrino do exilio, o seu camarada das batalhas, o seu confrade na religião do progresso! Era uma coisa respeitavel e santa, a amisade d'estes dois homens. Nunca houve laços fraternos mais apertados. Tudo partilharam as duas grandes almas—revezes, amarguras, saudade, prosperidades, lampejos de gloria, até que um d'elles caiu, quando o poder da sua voz illuminava a tribuna com os clarões de um Sinai!

N'esse dia funebre, n'esse dia de lucto para Portugal, o coração de Mendes Leite bateu-lhe no largo peito, nos impetos d'uma dôr, que ainda hoje verte lagrimas!

A fundação da *Revolução de Setembro,* onde Sampaio vibrou a espada com o vigor e destresa do mais valente lidador do jornalismo d'este paiz, deve-se a Mendes Leite; como se lhe deve tambem a abolição da pena de morte em crimes politicos.

A hombridade do homem publico corresponde, em Mendes Leite, ás nobres qualidades do homem particular. No declivio da vida tem o maximo a que aspiram os honrados corações: a veneração dos seus conterraneos, o amor dos amigos, a tranquillidade d'uma consciencia immaculada! D'aqui a poucos dias vae cumprir setenta e cinco annos. N'esse dia, com os mais sinceros parabens, receba um cordeal e affectuoso abraço do seu

Lisboa, 7 de maio de 1884.

Bulhão Pato.»

No Limoeiro estava tambem Manuel de Jesus Coelho. Que sympathico homem, que honrado caracter, tão valente como ingenuo e bom!

Teve grandes desgostos—a morte da filha e do filho—Augusto—uma joia de rapaz, bravo como o pae, e muito intelligente. Augusto Coelho era o primeiro amigo do dr. Manuel Bento de Sousa. O grande medico, e primoroso escri-

ptor, ainda hoje chora o seu companheiro da mocidade! A mulher de Manuel de Jesus Coelho alliava á bellesa suave do rosto, a uncção das santas! A filha, formosissima, tinha quinze para dezeseis annos. Mãe e filha, iam todos os dias vel-o á cadeia. Duarte Nazareth, honrado caracter, que morreu védor do Paço, era tambem dos presos, como já disse no primeiro tomo d'estas *Memorias*.

*

* *

Nos dias que vivi com Mendes Leal, na sua casa do Arco de Santo André, redigia elle um jornal, cujo titulo não me lembra,—estas notas não são uma biographia—e fizera um contracto grandemente vantajoso, no Rio de Janeiro, para escrever peças de theatro, que deviam ser representadas pela primeira vez no Brazil. Actividade extraordinaria a sua! Como não era verboso, começou a exercitar a palavra dictando.

Mais para deante, o seu secretario foi o irmão Antonio, malogrado moço de notavel talento.

Depois das *Indianas* escreveu o *Ave Cesar,* recitado no Gymnasio pelo actor Braz Martins. Garrett foi commigo ouvir os versos, e applaudiu-os calorosamente. Depois disse-me, como dizia sempre:

—O *capitão* Mendes é um grande lyrico!

Garrett chamava-lhe—o *capitão,* alludindo ao posto que Mendes Leal tivera, como miliciano, quando se batera contra a *patuléa.*

O grande poeta, por algumas apreciações que d'elle fizera Mendes Leal, apreciações que levemente o melindraram, não lhe era affeiçoado. Tanto mais sinceros e valiosos, pois, os seus elogios.

Mendes Leal foi um poeta de raça. A mocidade de hoje não o conhece. Alguns, mais antigos, desfizeram n'elle como poeta dramatico. Se tiveram razão, sendo severos com a obra puramente theatral, foram injustos em calar o seu grande valor como lyrico.

Citarei algumas estancias das *Indianas*. São soberbas; retumbam, sonoras, como a tuba épica, porque o alto lyrismo é epico tambem:

Se algum caía por terra,
Sob a turba, ou pelo ardil,
Dava-lhe as honras da guerra
O proprio moiro anafil.

Eram-lhes feras mortalhas
D'Ormuz e Diu as muralhas,
Nas homéricas batalhas
De quarenta contra mil!

Parecerá hyperbole? Estudem Duarte Pacheco, no breve trecho que teve na mão o gladio triumphador! Figura da raça dos Titães, feito d'aço e diamante, com a força e a luz do Jupiter Capitolino!

Dae logar, nações absortas,
Dae-nos o nosso logar:
Vae abrir do Oriente as portas
O capitão d'Além-mar!

Tal feito, que a mente inflamma,
Foi preciso á nossa fama,
Para commettel-o, um Gama,
Um Camões para o cantar!

.....

E dae por Deus, aos domados,
Do teu gladio a ferrea cruz!
Se elles indagam, pasmados,
—«De onde vens? quem te conduz?»
Logo a réplica te occorre:
—«O sol só meu berço corre,
Onde morre e nasce a luz!»

Agora estas oitavas de *Diu:*

.....

Diu! Eterno padrão! Que acções—honradas—
Dos egregios avós ao mundo contas!
Mostra as tuas ameias mutiladas,
E os tropheus com que a injuria desaffrontas!
Mostra o que foste, ás gerações passadas,
Alerta, prompto o braço, as armas promptas,
Desvelada em continuos sobresaltos,
E mais firme depois de vinte assaltos!

.....

Tufa o vento do golfo, mais tremendas,
As largas pregas, confusão dos moiros.
Festejando estas inclitas contendas,—
Prognostico feliz de novos loiros—
Sorri-lhe o ceu azul, por entre as fendas,
Abertas pelas furias dos peloiros:
Cravando em cinzas o estandarte ingente,
O imperio portuguez firmou no Oriente!

Mas quantos, quantos jazem, moribundos,
Á sombra tua, triumphal bandeira!
Quantos d'elles, terriveis em dois mundos,
Te dão, tombando, a saudação guerreira!
Mais d'um, tirando ao peito os sons profundos,
Murmura, na agonia derradeira:
—«Minh'alma entrego a Deus, meu nome á gloria!»
E cae morto nos braços da victoria!

.....

Qual das veias arranca a frecha hervada,
E vae sagrart'a aos pés! Fero holocausto
Que prova como, proximo do nada,
Inda sobra o valor no peito exausto!
Qual, a charpa beijando ensanguentada,
Prenda saudosa d'um amor infausto,
Suspira um nome, incognito gemido,
Que só dos anjos pode ser ouvido!...

A *Rosa branca,* que elle escreveu aos vinte e dois annos, tem descripções e toques do lyrismo mais elevado. Nenhum poeta portuguez antigo ou moderno, no genero, fez nada superior. Podem avalial-o por este fragmento:

Negra era a noite, e a praia solitaria,
E pesados os ares,
E tremendo o tufão, que Deus mandara
Varrer os largos mares!

....

Nem astro, nem pharol, nem luz, nem facho!
Nada. Rochas escuras,
A praia solitaria, o mar immenso...
E Deus lá nas alturas!

Livido o raio, atravessando as nuvens,
Veloz fendia o ar,
E com fita de fogo immensuravel
Ao ceu prendia o mar;

E a chamma fugacissima, rompendo
As trevas carregadas,
Mostrava as rochas nuas, quaes se fossem
Giganteas ossadas.

Enxofrados clarões, correndo ao largo,
Os campos innundavam;
E mil estranhas fórmas, despertando,
Incertas vacillavam.

Ruge, ruge, tormenta desvairada,
Ó filha do Deserto!
Na selva ruge, ruge nos rochedos,
Ao longe ruge, e ao perto!

.....

Pallida e triste, a flor, medrada a custo
Na fenda de um rochedo,
Pendido o calix, trémula vertia
Como um pranto, em segredo!

Do vendaval cortada, foi seu fado
Nascer, sorrir, findar!...
Teve por salva o estrondo da tormenta,
E por sepulcro o mar!

.....

Na densa matta o secular carvalho,
Da força imagem fera,
Possante, contrastava até na morte
A flor da primavera!

Não vergou, nem cedeu, curvando a fronte
Ao braço impetuoso
Do bulcão furibundo; o tronco duro
Lhe oppoz, de si vaidoso!

Não vergou, mas, quebrado nas raizes,
Revolto, e destroncado,
Foi ludibrio do vento, e do combate
Despojo malfadado!

.....

E o rijo turbilhão corria ao largo,
Sem fim, sem rumo certo!...
Ruge, ruge, tormenta desvairada,
Ó filha do Deserto!

.....

É soberbo, é de primeira ordem!

A *Rosa branca* vem no seu volume de *Canticos,* hoje rarissimo. Mendes Leal, depois, na robustez da vida, senhor de poderosos recursos, quando a politica, acerba e absorvente, lhe dava uma aberta, fazia versos como o *Pavi-*

lhão negro e *Napoleão no Kremlin*. Bastavam estas duas composições para dar nome a um poeta!

*
* *

Os novos, onde ha alguns de muito talento, ainda mesmo entre aquelles que forcejam por estragal-o, n'uma coisa que não é nem convento, nem conventiculo, nem corrente, quanto mais escola; os novos, digo, deviam, embora procurando outros horisontes, estudar certos padrões, e principalmente, e sobre tudo, os nossos antigos. Na prosa de Fernão Lopes, nos *Autos* de Gil Vicente, nos cancioneiros, que emporio de riquesa! Para a arte nacional, ler e reler esses homens, é tão efficaz e poderoso, como, para o organismo, respirar as auras da montanha agreste, menos perfumadas que as dos valles graciosos e umbriferos, porém muito mais salutares! Temperem as laminas nas aguas

nativas, e abram-lhe depois, a buril, os arabescos, dêem-lhe a fórma que exigir a evolução de hoje, e a que virá ámanhã, mas, por Deus, olhem que este servilismo aos modelos francezes, no desenfreio em que vae, é a morte infallivel e vergonhosa das nossas letras!

Apparecem livros — que denunciam, ás vezes, subido engenho — e que, de principio a fim, são um vasconço, com phrases de geringonça!

A analyse psychologica, que os francezes apresentam nos seus romances, exerce-se sobre espiritos, educados n'um meio que não é o nosso. A alma da mulher franceza, por exemplo, se, no fundo, é a alma humana, a educação dá-lhe fórmas varias, cambiantes diversas. Applicar á mulher portugueza os mesmos processos de critica, dá os disparates, que estamos vendo a cada passo. As paizagens, para terem valor, é preciso copial-as do vivo; no estudo dos caracteres succede o mesmo. Tirar um ea-

racter portuguez por um modelo francez, equivale a desenhar uma paizagem portugueza por uma franceza. A luz, o ceu, o terreno, a flexuosidade dos montes, a ondulação dos oiteiros, a côr da vegetação, a disposição dos pomares, dos vinhedos, das folhas de semeadura, os trajos e as figuras, tudo, até os proprios animaes, tem variantes. Mas isto seria longo.

Voltemos á fórma de escrever. Ao que isto tem chegado não se calcula! Estamos muito ao perto; será mister vel-o de longe. Em quanto não vier o dia da lingua universal—que ha de ser justamente o mesmo em que ha de cair do ceu a riqueza universal, dia que ainda está um pouco distante—a lingua será a primeira individualidade de um povo, pequeno ou grande. É a feição dominante; jugo, que ninguem sacode; despotismo, porém grato, adoravel despotismo!

A America ingleza, senhora e soberana independente em tudo, conserva o vinculo da

lingua, que lhe veiu do berço. Os seus escriptores, alguns geniaes, fallam, e hão de fallar, como Shakspeare, Milton, Byron e Shelley. O Brazil, que tem poetas extraordinarios, e que estudam mais o portuguez do que nós hoje, ainda quando o seu potentissimo imperio chegar á maxima florescencia, as suas paizagens arrebatadoras e grandiosas, os seus feitos, as suas glorias, serão cantadas em poemas portuguezes!

Esta ementa daria para volumes! Aos novos digo, invertendo o sentido de um verso de Victor Hugo, nas *Contemplações:*

Eu parto, e vós ficaes!

Quando o turbilhão passar, verão como a coisa muda! Cuidado com a reacção, que pode ser exaggerada e nociva. Tenham-lhe mão, não queira repor um passado, hoje impossivel, como anda fazendo agora certa reacção da poli-

tica! Escrever portuguez, mas ser moderno, modernissimo.

O peior não vae no uso de palavras francezas, porém sim, na locução, na indole. Ha, entre nós, um escriptor, dos que mais abusam de termos francèzes; creio que de industria o faz, e, no fundo, poucos haverá tão nacionaes como elle. É Fialho d'Almeida, talento de ampla e elevada esphera, e prosador de pulso vigoroso. Na pintura de paizagem, em que é eminente, pela concisão e verdade, ha muitas vezes genuino travo portuguez.

Nas suas horas de enfado, é, por vezes, violento e mordaz. Leiam-lhe a autobiographia, que vem na *Revista Nova*,—autobiographia, que, atravez do motejar acerbo, verte sangue e lagrimas—e lá encontrarão a causa. Está longe ainda dos quarenta annos. Na aurora da vida passou muitos dias, que nem o solzinho de Deus, que aquece os mendigos na praça, podia apanhar, por que um burguez, pulão e protervo, o tinha como encarcerado nos reces-

sos da sordida botica! Job houve um, e esse proprio, quando a chaga lhe entrou a lavrar pelas carnes, queixou-se a Deus do insolito rigor!

Hoje desafogado, no retiro do campo e no torrão nativo, espero que modificará, n'alguns pontos, a sua *maneira*.

*
* *

A Mendes Leal faltavam todos os dotes physicos do orador. Voz fraca; levemente cioso; olhos — o sol do semblante — sumidos e resguardados pelas lentes azues. Extremamente myope. Com estes senões, exercitar o verbo, nos grandes auditorios, é temeridade que desafia quasi o impossivel.

Pois tanto pode o talento, que, sempre que tomava a palavra, tinha a camara attenta e captiva. A fórma primorosa, e em todos os seus discursos havia idéas e saber.

Cabeça altiva e phantasiosa nos dominios da arte, era, ao mesmo passo, reflexiva e serena nas regiões positivas. Assim é que, subindo da imprensa e da tribuna para o poder, se desempenhou como é notorio.

Retirou-se da politica de combate, e foi ser nosso ministro em Madrid, e depois em Pariz. Em Pariz residiu dez annos.

Ninguem estava em circumstancias de representar mais dignamente o seu paiz n'aquella cidade. Intelligencia superior, familiar com a lingua, educação esmerada, e casado com uma senhora — D. Rosa Biester —, que aos dotes naturaes do espirito reune cultura e virtude.

A ultima vez que vi Mendes Leal foi na rua da Emenda, em casa de sua cunhada — D. Amalia Biester,— onde se hospedava, nas temporadas que passava em Lisboa. Que adoraveis serões aquelles!

Em 1886, de improviso, recebi a noticia da sua morte. Fui acompanhal-o á sepultura, e

escrevi, depois, para o *Correio da Manhã,* algumas palavras, que intitulei: *Dois bilhetes de pesames.* N'essas palavras, que transcrevo, se verá porque lhes puz este titulo.

*
* *

A sentença de morte que todos nós temos sobre a cabeça, não me aterra. Aterra-me a solidão em que vou ficando. Entrevejo que, em breve, moralmente, estarei como no ergastulo de uma penitenciaria. Nem uns assomos de alvorada, nem o chilrear de um passaro, nem uma risada crystalina, nem um aperto de mão fraterno!

Para os ouvidos, a voz do silencio, para os olhos, a meia tinta fria e crepuscular!

Se tenho de chegar a isto — e parece-me que vou chegando — segundo o meu temperamento, prefiro morrer.

É uma refrega de outomno a sacudir todas as ramadas, que me deram sombra, flor e fructo!

Hontem fui acompanhar á sepultura Mendes Leal. O poeta, eminente pela fórma e pela elevação, foi o primeiro que me saudou, quando eu balbuciei a minha primeira phrase litteraria. Depois vivemos como irmãos, e até muitos mezes, debaixo dos mesmos tectos, os da sua casa.

É uma figura sempre distincta, e que se apresenta sob muitos aspectos.

Aos dezoito annos a sua estreia no theatro teve um exito estrondoso em Portugal. Poeta—escreveu desde os lyrismos da *Rosa branca* até ás *Indianas* e o *Pavilhão negro*. As *Indianas*, que são um poema!

Jornalista—cruzou a espada com as primeiras laminas de Toledo, e nunca o adversario, por mais dextro e vigoroso, o apanhou de um revez, que lhe não sentisse tambem o ferro nas carnes. Orador—ahi estão os seus discursos, dos

mais correctos e conceituosos que se tem pronunciado no parlamento. Homem politico — provou, mais uma vez, que os poetas podem ter aptidões e faculdades para resolver as questões mais graves.

Diplomata — foi, durante muitos annos, bemquisto e acatado por todos os homens notaveis de Pariz e Madrid.

Na familia era o exemplo da honra e o requinte do affecto.

A esposa, os irmãos e os sobrinhos, no rigor das lagrimas com que lhe choram a perda, medem a intensidade do amor que lhe deviam.

Fez versos quasi na vespera de morrer!

Surgiu cantando na alvorada da vida; caíu cantando no occaso d'ella!

A sua ultima canção não foi uma elegia, nem um grito de remorso, mas um idyllio á santa convivencia do lar!

Eu escrevo isto a chorar. Porque havemos de ter vergonha das lagrimas, que são a con-

solação unica dos desgraçados e a phrase mais tocante da eloquencia humana?!

As ramarias exuberantes de Cintra, que as heras abraçam e as violetas beijam, escolheu-as o fecundo poeta para se esconder entre ellas, illuminado, como essas arvores, pelo sol de Deus, que é tambem sol de Deus o talento e a honradez.

*
* *

No mesmo dia e quasi á mesma hora em que Mendes Leal expirava nos braços dos que o adoravam, tambem, entre encostas de pampanos e relvões viçosos, á beira de um rio que salta em cobras de crystal, dava-se uma pavorosa tragedia.

Nas rendas do vestido de uma senhora caíu uma faisca. Serpearam as chammas; redobraram os gritos!... Horas depois era cadaver!

Eu conheci essa senhora, quando ella tinha quinze annos, com o rosto branco-mate das camelias, os olhos escuros, meigos, encantadores. No sorriso alegre e bom fallava-lhe a alma, sempre solicita em acudir aos infelizes.

Que desfecho esperava aquella vida, que foi cercada de caricias e de amor extremosissimo!

Dão-se acasos, que nos levam quasi a acreditar que o diabo, em carne e osso, existe cá n'este mundo, como na lenda do Fausto!

Maria da Piedade Aboim, casada com Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, morreu no supplicio, que a maxima ferocidade, em tempos de barbaria, applicava ás suas victimas!

Rodrigues Cordeiro, dos caracteres mais puros, das organisações mais affectivas, que tenho conhecido, adorava-a!

Ha dores que são como um abysmo! Quando nos abeiramos d'ellas recuamos, apavorados e emmudecidos!

É o que me succede n'este momento, querendo sondar o coração do meu velho e querido amigo—recuo e emmudeço!

Monte de Caparica, Torre. Julho, 10, 94.

D. PEDRO V

Por 1858 D. Pedro V frequentava muito a casa de Alexandre Herculano.

Tinha o mestre, n'essa epocha, um creado, que era original de marca, ou, antes, desmarcado original. Alto, magro, um pouco acurvado, a pelle bistre, e umas sombras de asceta nos olhos. Não sei como o homem lá foi parar. Vivem ainda alguns que se lembram d'elle—João e José da Costa Basto, marquez de Sabugosa, dr. José de Avellar. Creio que do tempo já não existem mais.

Quando alguem batia á porta, perguntava —Quem é? no tom de sentinella bisonha, gritando:—Quem vem lá?—com o inimigo á vista!

Era honradissimo, diligente, mas a tal ponto avaro, que o proprio Molière não perderia em estudal-o! Aferrolhava o seu, e ratinhava, ferozmente, o que era dos outros. Se podia enganar o seu amo, ou José Basto ou a mim, que tambem eramos de casa, empurrava sempre aos hospedes a comida que ficava da vespera!

Herculano passou-lhe por muitas; estimava-o, conhecia-lhe as boas qualidades, e tinha dó d'elle. Uma vez, porém, ia-o levando a perder a cabeça, e decidiu pol-o na rua. Foi este o caso.

Camillo Castello Branco deu ao auctor da *Historia de Portugal* um cão dos Alpes, legitimo. Chamava-se *Tigre,* e era um formoso e soberbo animal. Nas segundas e quintas, á noite, começava o bicho a impacientar-se até que lhe abrissem a porta. Ia para o Cruzeiro e as-

sim que nos sentia, lá vinha elle, pulando e latindo, como se dissesse:

—Cá está o vosso valente!

O mestre estimava-o muito. Sustentava-se, principalmente, a carne crua.

Herculano, por essa epocha, trazia de renda a propriedade de Calhariz da Arrabida, e passava todos os mezes alguns dias lá. N'esses dias—nunca menos de uma semana—o creado, para poupar a bolsa do patrão, dava-nos a nós, em bifes, a carne que devia pertencer ao cão! O animal, que precisava de grande mantença, pegou a emmagrecer, e, se não dessemos pelo logro, rebentava de fome!

Foi a ultima das aventuras do honrado famulo, aventura que lhe ia saindo cara.

*
* *

D. Pedro V perguntava—usamos do termo, vulgar nas nossas provincias—a miude a casa

da Ajuda. A voz de Stentor do creado acudia, cá de dentro, bradando:—Quem é?

A um submisso:—Faz favor—abria estrepitosamente, dava com El-Rei, e ficava varado!

D. Pedro V perguntava:

—O sr. Herculano está?

O creado, mudo, curvava-se até ao chão, n'uma venia affirmativa. O monarcha seguia pelo corredor, levantava o fecho e dizia:

—Dá licença? Seja Deus n'esta casa.

Herculano recebia-o como estava; ás vezes, em trajo frasqueiro. Tambem lh'o censuraram. Queriam, provavelmente, que dissesse ao principe:

—Espere Vossa Magestade, que eu vou pôr casaca e lenço branco.

Não tinha esse mau gosto.

D. Pedro V entrava. A conversação prolongava-se. Umas vezes tratavam de coisas graves, e outras de mais espairecidas, anecdotas politicas do dia, lettras, artes. El-Rei recitava

versos, que lhe haviam agradado e tomara de cór, com a sua memoria bragantina.

De tudo tinhamos nós noticia depois, porque D. Pedro ficava só com Alexandre Herculano.

*

* *

D. Pedro V estava então na adolescencia. Parece-me agora vel-o. Sempre com a sua farda e a sua espada, como hoje trazem os militares. Alto, distinctissimo, sereno, parecia envolvel-o um nimbo refulgente de bondade! As pupillas nadando no esmalte das scleroticas. Cutis finissima, na transparencia da pelle contavam-se-lhe as veias azuladas. Cabello loiro acendrado, caindo em natural desalinho sobre a testa e as fontes. Bocca graciosamente recortada, e vermelha. O beiço inferior um pouco grosso, mas não belfo, como o dos Braganças. A sua expressão habitual era medita-

tiva. Quando sorria, a primavera ridente da mocidade varria as nuvens, que, não raro, toldavam o coração do principe.

D. Pedro V vinha dos esplendores do Paço. O piso suave das alcatifas, a curvatura dos famulos—grandes e pequenos, o ambiente morno das lisonjas, ainda dos mais honestos, todos os thuribulos, cujo incenso vicia o ar e entontece a cabeça, haviam de exercer no Rei a sua acção morbida. Advertido, pela lição dos livros, caracter recto e razão solida, fugia d'elles? Talvez.

A pé e só, saía das Necessidades. Entrava no zambujal da Tapada, então bravia, como a caça de pello e de penna, que abundava por aquelles covões e chapadas. Os moinhos, tão pittorescos, uns agrupados, outros, aqui e além, pelos cimos flexuosos da serra, viravam as aspas brancas ao norte largo, girando, girando, para moer o trigo, que havia de alimentar o povo. Esses moinhos tinham servido de fortalezas para sacudir o despotismo, e firmar na

cabeça de sua mãe a corôa liberal, que elle herdara. E o principe passava, aspirando a aragem acre e salubre. Vinha visitar o homem, que, traçando os annaes da patria, desenhara a figura de seus avós.

O Rei identificava-se com a natureza e tornava-se humano. Os copados zambujeiros, ramalhando, varriam-lhe do espirito os balsamos palacianos. Só, e distante do solio como rei, sentia-se maior como homem! N'aquella hora breve, solitaria e folgada, vivia seculos na historia! O pensamento, ás vezes, é fardo acabrunhador, como disse o malfadado Millevoye. É preciso sacudil-o.

Chegando ao fim da Tapada, um dia, encontrou um pequenito, que soltou um gorgeio, como um passarinho na balsa. D. Pedro V, moço, com os reviramentos proprios da edade, voltou-se alegre para a creança, que lhe dizia:

—Sr. militar, vae para casa do sr. Herculano? Eu bem sei onde ella fica.

E saltitando, como a arveloa, no chalrar infantil—teria uns seis annos—lá o foi acompanhando, perguntando-lhe quem era, e de onde vinha, com o maior desassombro.

Quando D. Pedro voltou trouxe-lhe um papeluço de bolos. O pequeno, que já estava amestrado para o tratar com todo o respeito, exclamou:

—Muito obrigado, senhor Rei. Vossemecê quando volta cá?

N'esse dia, á despedida, D. Pedro V disse para Herculano:

—Já me tenho demorado muito. Está lá fóra, á espera, o meu amigo *Caracoes*.

— *Caracoes*? Um pequeno de cabelleira loira?

—Esse mesmo.

Á cabelleira, digna do pincel de Leonardo de Vinci, devia o appellido.

D. Pedro contou, rindo, as suas relações com o pequeno. As almas simples amam a infancia. Christo trazia a si os pequeninos!

Acertava, ou talvez fosse propositadamente, vir o rei n'alguns sabbados. Ás quatro, em ponto, levantava-se para sair. Sabia que n'esses dias, a essa hora, Herculano contava, á mesa, com os seus amigos. Seguindo pelo corredor, reparando na porta da casa de jantar, e fitando em Herculano um olhar significativo, disse-lhe, uma vez:

—Este officio de rei tem coisas bem desagradaveis!

Naturalmente os seus desejos seriam entrar, elle, moço, intelligente, amante das lettras, e tomar parte na convivencia de rapazes que, na maioria, eram a flor dos talentos de Portugal!

*
* *

Correu tempo. D. Pedro V casou. O noivado foi breve, porém luminoso, porque se amavam e entendiam aquellas duas almas!

Um dia veiu a nuvem, subita e temerosa!

Se a purpura se conservava sobre os hombros, o luto da viuvez cobriu-lhe o coração até á morte! Nem os negocios publicos, nem o Curso Superior, que fundara com tanto gosto, lhe tiravam do peito aquella nodoa!

Para distrahir os irmãos, fez a viagem ao Alemtejo. Viagem fatal!

N'um dia de inverno — tenebroso dia — o bronze, ululante nas torres dos templos da cidade, e o canhão, ribombando nas fortalezas, annunciaram a morte do Rei á cidade consternada! A dôr foi sincera e violenta, a ponto de romper em tumultos!

«Ao despotismo da morte respondeu a anarchia da dor!» disse José Estevão.

O prestito funebre, sem apparatos nem pompas, foi o mais tocante e imponente que se tem dado em Portugal. Nem uma carruagem! Das Necessidades a S. Vicente, duas renques de povo, firmes e circumspectas, como se fossem alas de militares disciplinados!

A morte de D. Pedro V tomou proporções de catastrophe nacional. O povo tinha a intuição do poder intellectual, do saber, da rectidão de caracter e da bondade do principe. Amava-o e respeitava-o; sabia que no throno estava o seu amigo e protector.

Os politicos — politicos de todas as côres — não andavam de boa avença com elle. A um obice que o monarcha lhes puzesse, murmuravam, quando nos jornaes não declaravam: «Governo pessoal, governo pessoal!

Os politicos pelam-se por elle, mas quando o rei se torna instrumento passivo dos seus designios e ambições. D. Pedro V não era para isso.

Estava alli um homem. Como supremo magistrado do paiz, conhecia as suas obrigações; não exorbitava d'ellas, porém não admittia que lh'as invadissem. Tinha o sentimento da justiça e da moralidade em grau elevado, e via o caminho que isto ia levando. Não concedia nada, que fosse além do legitimo, nem pedia

coisa alguma aos ministros. Que os reis tambem pedem!

Esta rigidez não se amoldava aos meneios e voltas da politica. A morte, ás vezes, é resgatadora de infelizes. Elle, com o seu caracter, contra a onda das coisas, n'esta terra que havia de ser, senão um desgraçado! Morreu a tempo. Não poude ver as lagrimas que provocou a sua morte; mas sabia que era amado.

*
* *

Para os que o conheceram, a figura de D. Pedro V tem o que quer que seja de phantastico. A sua belleza, o seu valor á cabeceira dos pobresinhos moribundos; o dia das nupcias; o véu da noiva e os botões da laranjeira, envoltos já nos crepes e nos goivos do sepulcro; a Rainha morta; elle, no Paço, com os irmãos, e a morte a pairar em roda dos Infantes! o Principe herdeiro, coração bondoso, in-

telligencia viva, porém tão juvenil ainda, tão inexperiente dos homens, das coisas, da politica, por esses mares fóra; o paiz; o futuro; as primeiras arremettidas da febre, com que se teve ainda de pé; as visões, prologo da agonia; aquella figura apollinea, refulgente, envolta n'uma nuvem densa; o baquear na terra!...

E pelas mesmas ruas, por onde elle passava, a cavallo, todos os dias, adolescente e confiado no porvir, o saimento muito vagaroso, por entre o povo todo de negro, n'uma tarde fria, humida, sinistra, pela via dolorosa; longa... longa... que não tinha fim!...

É n'este turbilhão de ballada allemã, que, ainda hoje, nós vemos passar D. Pedro V!

N'essa occasião, Castilho escreveu uns versos soberbos, em que ha estas quadras, unicas em portuguez:

No monumento público,
lidaste o dia inteiro,
desd'alva até ao vespero,
joven, Real obreiro.

Limpa o suor da purpura
ao funebre lençol;
vae receber a féria;
descança: é posto o sol!

Aos do porvir artifices
déste não visto exemplo:
juntaste um lanço amplissimo,
da humanidade ao templo.

Foi-te a semana asperrima;
prostrou-te; mas, valor!
Chegaste ao dia sétimo,
ao dia do Senhor.

Alexandre Herculano, Rebello da Silva, Sant'Anna e Vasconcellos, e eu, seguimos das Necessidades até S. Vicente. Caía a noite, quando o Rei, no seu grande esquife, todo coberto de crepes, entrou o ambito da egreja.

Foi a primeira vez que vi Alexandre Herculano chorar como uma creança!

*
* *

E o *Caracoes?* O marquez de Sabugosa, o dr. José d'Avellar, João e José Basto, e eu, não tornámos a saber d'elle.

Talvez fosse mais uma florinha, ignota e humilde, que, n'uma lagrima de gratidão, se desfolhasse sobre o tumulo do malfadado principe!

Monte de Caparica. Torre. 26 de julho de 1894.

JAYME CONSTANTINO DE FREITAS MONIZ

—

No dia 5 de agosto de 1850, o *Galgo,* o brigue mais veloz que tem saído de estaleiros portuguezes, despregava as velas, com a facilidade e elegancia da gaivota, que roça a ponta da aza pela flor das ondas.

Levantava ferro para a sua viagem de carreira entre Lisboa e Funchal. A travessia até á ilha levava ordinariamente o que hoje gasta um vapor de grande marcha até ao Rio de Janeiro, e o dobro do que os vapores inglezes levam a cruzar o Atlantico, do Tamisa á America in-

gleza! Comquanto o *Galgo* fosse, muitas vezes, uma excepção, as noticias entre a ilha e Lisboa tornavam-se tardias. As despedidas, pois, eram sempre orvalhadas de lagrimas.

O conde de Carvalhal e os seus partiam para a Madeira. Acompanhavam-os seu primo, o meu velho e presadissimo amigo D. Luiz da Camara Leme, e eu. Quantos lá vão, dos que fizeram essa viagem! Quasi tudo baqueou. Até o proprio brigue, transformado depois em patacho, está no fundo do Tejo, em frente á Rocha do Conde d'Obidos, onde o abysmou, uma noite, um furacão!

A flor da sociedade de Lisboa, senhoras e homens, vieram a bordo dizer adeus á familia Carvalhal—familia singular pela educação, intelligencia e bondade nativas.

O norte largo e vivo precipitava-se das eminencias da cidade, varrendo o Tejo; o norte do mez das eiras, que tem sido o grande hygienista e padroeiro providencial d'esta cidade!

Ás cinco horas da tarde saímos a barra, e,

posto o barco a caminho, quasi sem mudar de amura, chegámos ao ancoradoiro do Funchal em cincoenta horas!

*
* *

Eram duas da tarde. Não havia uma nuvem no ceu.

Espectaculo paradisiaco! Paiz privilegiado, não tem no mundo torrão, que lhe dê de rosto!

As grandes eminencias — o cabo Girão, promontorio mais alto da Europa; o Campanario, na montanha; a Senhora do Monte, sobre a cidade; e as frechas dos picos, cravando-se no azul denso d'um ceu, que é já africano! Levadas e saltos d'agua, precipitando-se em catadupa; brocados pelas aluviões e rotos, os montes! Bosques, em que os ramos da flora europêa abraçam e beijam as arvores dos tropicos, embaladas pelas brisas do mar! Rosas agrestes, festonando os vallados; lyrios nos impervios; vio-

letas bravas, mais aromaticas que as de Parma, nos brejos viçosos! Auras mansas e rescendentes, suspirando com a morbidez dos amantes... Terra para os idyllios de Moscho, e para as tragicas phantasias d'Eschylo e Shakespeare!

No canto VII e VIII da *Paquita* descrevi a Madeira, e, entre as minhas barafulas litterarias, essa descripção parece-me ter algum valor.

Nos recessos d'aquellas serras, entre brenhas de verdura, as fontes frias fervem, e derivam por veias, a cujas margens floritas modestas abrem na força do dia, e, noite cerrada, fecham, para esconder o aroma com que hão de saudar a madrugada, entreabrindo os immaculados thuribulos! Alli não revoam as aves; mas das alturas, cantando, lá lhes annunciam, como em paga ás primicias do seu perfume, os primeiros lampejos do sol! Labios de mulher, que n'esses nemorosos valles trocarem um beijo, devem sentir os primitivos effluvios do Paraizo terreal!

Com as flores rivalisam os fructos. O ananaz, a anona, creme finissimo, fabricado ao ar livre, por mãos ignotas; a bananeira recurva, rojando os cachos, e até o tabaibo, na sebe viva, eriçado de espinhos, abrindo o seio hostil e bravio, é fructo delicioso! Pampanos nas encostas, e sobre fraguedos alcantilados, dão o racimo, cujo sumo, nos sumptuosos banquetes, atila a intelligencia e alegra o coração!

Eu chegava á Madeira com pouco mais de vinte annos. Vinte annos!... uma canção! Agora, aos sessenta e cinco, não ha canções; mas ha uma flor—que vale o mesmo—uma saudade!

O meu velho e honrado D. Luiz da Camara, homem não só para se bater com os vivos mais téstos, mas até para brigar com a morte, que por vezes tem afugentado, deve lembrar-se d'esse dia, e dos que se lhe seguiram no parque do Palheiro do Ferreiro, onde elle, com seu tio, o primeiro conde de Carvalhal, folgara tanta vez na infancia.

*
* *

Em todo o nosso paiz não ha nada que tenha o encanto e grandeza senhoril d'aquelle parque. Chapadas, pendendo ao mar, colmadas de arvoredo; abysmos, oasis de verdura; grandes lagos, e abundantissima agua corrente; ruas extensas, bordadas de hortensias; bosques de camelias; relvões matisados de margaridas e violetas; magnolias frondiferas, de folha rija e bronzeada, com as suas grandes flores de neve, embalsamando os ares; os veados, de galhos altaneiros, atravessando, rapidos e elegantes, na floresta; os pavões multicores, ostentando, enfunados e vaidosos, a plumagem lubrica; o faisão com a gorjeira de oiro sobre o manto de purpura; o Balancal, onde no dia mais estivo, ao referver da calma, corre sempre uma aura salutar e fresca!

Tudo isto era o Palheiro do Ferreiro do meu

tempo! O nome não condizia com a belleza imponente da vivenda principesca, mas o primeiro conde conservou-lhe a tradição. Parece que, em rapaz, era aquelle o ponto que preferia para as suas caçadas.

Havia alli um ferreiro, que tinha choça ou palheiro, onde o conde descançava, antes de fazer o parque, em que só o encanamento de aguas, e levantar de muro, custaram avultadissima somma!

*

* *

Logo nas entradas do outomno de 1850, a concorrencia de familias inglezas, a passarem o inverno na ilha, foi muito numerosa. Veiu a aristocracia de sangue e a de dinheiro.

Diga-se a verdade—o que primava, em ambas as classes, acima dos brazões e das libras, eram algumas formosas mulheres.

As diversões davam-se todos os dias; pas-

seios de campo, almoços, jantares, serões de familia, e bailes animados. Rara semana deixava de haver caçada e lanche no parque Carvalhal.

Um dia, fomos convidados para uma manhã de festa, no primeiro collegio de meninas que havia na ilha. A casa era desafogada e tinha um largo jardim, onde as creanças, algumas já entrando na adolescencia, brincavam, offegantes de alegria.

N'esse tempo, na Madeira, o trajo da gente do campo guardava o rigor pittoresco de outras epochas. Um grupo de raparigas e rapazes serranos cantavam, com os *las* e *los*, tão antigos:

Tenho o coração mais negro
Do que *la* tinta que escreve!

acompanhados ao machete, machetinho e machete de rajão. As coplas, algumas graciosas, como esta:

Mal sabes quanto me alegro,
Quando te vejo defronte;
É como quem morre á sede,
E põe a bocca na fonte!

Com as bellezas nativas d'aquelle paiz, lettra e modilhos populares casavam-se, ferindo as duas notas, que são o eterno ideal da arte —a natureza e o amor!

*
* *

Luiz da Costa Pereira estava n'essa casa.

Duas palavras sobre esta singular organisação, digna de prolongado e profundo estudo psychologico.

Nunca conheci quem reunisse tantas faculdades, nem, tampouco, quem mais tenazmente procurasse dar cabo d'ellas! Não eram aptidões, que possuia, repito; eram altas faculdades! Entre os moços do seu tempo, em Coimbra—A. A. Teixeira de Vasconcellos, João de

Lemos, J. V. Barboza du Bocage, Casal Ribeiro, Couto Monteiro, Gonçalves Lima, Xavier Cordeiro—nas sciencias, era elle o primeiro mathematico.

Como poeta compunha versos d'estes:

Pensativos, quaes da lua,
Na floresta, os raios bellos,
Fulgiam, de entre as pestanas,
Os olhos, côr dos cabellos!

Quem faz esta quadra faz um poema!

Actor—seria, se quizesse, o primeiro de Portugal!

Musico—a guitarra, nas mãos d'elle, tornava-se em harpa éolia!

Bem fadada organisação, poderosa em tudo; até na força com que vingou esconder, na penumbra, uma luz que devia rutilar entre as mais brilhantes!

*

* *

Com as familias que visitavam o collegio, estava uma menina de dezoito annos — a mais encantadora, mais completa formosura de mulher, que tenho visto! E tenho visto muitas em diversos paizes!

Era alta; todas as linhas sem rigidez e harmonicas. Cabeça arejada; testa pequena, oval, e polida. Hombros e braços da correcção e elegante voluptuosidade do collo e braços da *Ariadna adormecida,* que, annos depois, contemplei no Vaticano. Cabello, enrolado no alto da cabeça, loiro escuro, com reflexos fulvos, e as espiraes, revoluteando, assombravam-lhe o jaspe da nuca. Olhos garços, de cambiantes esmeraldinas, ordinariamente de expressão meditativa, um pouco morbida; accesos, pela commoção, dardejavam como o sol, que vem a nascer, rompendo a nuvem tenue! As frechas

d'aquellas pupillas atravessavam o coração de quem as mirava, allucinado, embevecido! Quando se erguia, lembrava a ondulancia airosa da arveloa que vae bater as azas; passando, deixava um rasto de aroma e luz; sorrindo, raiavam-lhe os dentes miudos, como perolas engastadas no rubí das gengivas!

Muitos vivem ainda, que a conheceram; Jayme Moniz é um d'elles. Chamava-se L. P. de V. Seis annos depois da epocha em que eu a vi, casava com o meu velho e presado amigo V. de B. C., para ser exemplo de esposa e de mãe!

A morte de um filho apunhalou o seu coração, onde a virtude egualava a estranha belleza do rosto!

Morreu na força da vida, deixando a imagem, velada pela saudade, no peito de quantos admiraram, por um dia, por uma hora, aquelle relampago de formosura!

*
* *

No meio do bullicio e alvoroço da festa infantil, onde havia homens como Luiz da Costa Pereira, e mulheres como a que acabo de descrever, chegou-se a mim um rapaz, que teria os seus treze para quatorze annos, e rara viveza. Dirigiu-me palavras affectivas e enthusiasticas. A sua imaginação, já brilhante, engrandecia e illuminava o meu nome modesto, que vira firmado no meu primeiro livro de versos. Chamava-se este rapaz—Jayme Constantino de Freitas Moniz.

Esse dia não o esqueceu elle nunca; muitas vezes me tem dito, que, entre as recordações da sua infancia, aquella é a mais grata.

Annos depois, creio que no terceiro do seu curso de Coimbra, Jayme bateu á porta de Alexandre Herculano, sem carta de recommenda-

ção. Queria conhecer pessoalmente o homem, a quem os rapazes do tempo votavam, não só admiração pelo talento, mas profundo respeito pelo caracter. Assim que o vi reconheci-o logo, e deu-me viva alegria a apparição imprevista.

Dois ou tres annos depois completava elle o seu curso, onde alcançou, sem interrupção, os primeiros premios. Havia-se fundado o Curso Superior de Lettras; veiu concorrer a uma cadeira. Frequentava a minha casa como, se, além de amigo, fosse proximo parente.

Chegou o dia do concurso. A concorrencia era grande, no bello salão da bibliotheca da Academia. Apesar da confiança que eu tinha no talento do candidato, tremi como vara verde! O concurso foi esplendido, e é cabido aqui o epitheto, que uns patetas andam a estragar, ha tempos. Esplendido é que o concurso foi! Jayme Moniz conquistara com o gladio da intelligencia, e só com o seu braço, uma posição, que, além de brilhante, o tornava independente. Po-

dia, sem se ver a braços com as miserias da vida, satisfazer a sua paixão pelo estudo.

Que dia foi esse para nós! Abraçámo-nos, contendo a custo as lagrimas, e depois, acompanhados por Alexandre Balduino Severo de Mendonça, grande alma e desenganado valente, que morreu Juiz da Relação de Goa, fomos celebrar a nossa gloria — Jayme repartia por nós a sua — creio que no Penim.

*

* *

Jayme Moniz subiu á cathedra. As aulas eram de noite. Rebello da Silva, n'aquella mesma casa, tinha feito lições extraordinarias. Jayme Moniz attrahia sobre si a attenção de quantos presavam as lettras. Todas as noites se enchia a sala.

O moço professor, alto, bella cabeça, povoada de cabellos revoltos e negros, pallido, sympathico e insinuante. Rara facilidade de

locução; ás vezes, o verbo perdia por exorbitante, emquanto a pratica e estudo não foram decotando o estylo.

Em poucos homens tenho conhecido tão elevados dotes de orador. É-lhe facil o improviso, elegante a phrase, vasto e solido o saber. Com estes dotes, quando não tivesse o temperamento de tribuno, devia de ser parlamentar de primeira plana, vigoroso, fecundo e temivel. Não é. E não é, por que não tem confiança em si. Hesita, trepida; não respira com desafogo no ambiente politico. Se tal não se désse, ninguem hoje, nem hontem, lhe levaria a melhor; o maximo que poderia encontrar, era quem se medisse com elle de hombro a hombro.

Este homem, que, desde os seus exames na Universidade até ao concurso, e ás lições depois, se habituara a encarar os grandes auditorios não só com sangue frio, mas com hombridade—no sentido de altiveza soberba e destemida, que tambem a palavra significa—no

parlamento prefere o silencio, e deixa tagarellar muitos garrulos, enfunados e vãos! Quando o assumpto é didactico, deita mão da sua sciencia, e é orador elevado e brilhante. Tirar, porém, da bainha a espada coruscante, lamina de Toledo, e carregar, á escala vista, o inimigo, nunca jámais! Receia o aparte? De que lhe serve a fecundidade do seu verbo? Intimida-o a réplica? Não tem á mão o seu arsenal como argumentador?

Ao poder intellectual reune a honradez, que é grande força. Possue dotes physicos como poucos; presença insinuante, gesto largo, estatura elevada; sobre os hombros varonis, bem posta a cabeça correcta, e illuminada pelo talento; voz masculina, modulações suggestivas e attrahentes. Pois com tudo isto, que é tão raro, que é rarissimo, no Parlamento deixa-se ficar na sombra!

Embora—Jayme Moniz é dos homens de mais saber, que tem hoje Portugal. Está na força da vida, e de certo firmará o seu nome,

sempre brilhante, em obra condigna das suas elevadas e excepcionaes faculdades.

No momento em que escrevo estas linhas, viaja elle pela Allemanha. Sabendo a fundo a lingua de Schiller, quanto não terá a admirar e a receber a sua cabeça, n'aquelle cosmos intellectual!

Monte de Caparica. Torre. Maio, 8, 1894.

O MARQUEZ DE NIZA

UM JANTAR EM SUA CASA COM O GENERAL PRIM

D. Domingos Francisco Xavier Telles da Gama Castro Noronha Athayde Silveira e Souza, marquez de Niza, 13.º conde da Vidigueira, 9.º conde de Unhão, 13.º almirante dos mares da India, 13.º senhor da Vidigueira, 11.º senhor de Unhão, alcaide-mór de Niza, par do reino, etc. nasceu a 17 de janeiro de 1817 e morreu em Eaux-Bonnes, nos Pyreneos, a 11 de agosto de 1873.

Este pomposo fidalgo, cujos titulos recordam não só as maximas grandezas de Portugal, mas

um facto historico que contribuiu poderosamente para uma nova civilisação, era, acima de tudo, um original. Os passos e as anecdotas da sua vida, desde os primeiros dias da mocidade, dariam para volumes.

Intelligencia fina, e da infancia cultivada com esmero; vocação artistica; gosto delicado; imaginação viva até á extravagancia; raro poder de assimilação—lia um livro uma vez, e ficava-o sabendo, como se fosse auctor d'elle! Outro dote possuia ainda, dote que tem extraordinario valor—o poder da seducção! Para ser artista consummado faltava-lhe o ideal da mulher. Na Venus, a plastica era tudo para elle, a alma nada! O opulento morgado teve esta pobreza. Quando o homem não divinisa a mulher, pode, ás vezes, tornar-se n'um heroe, mas não será nunca homem da humanidade, nem grande artista. Tinha voz de tenor, pequena, porém encantadora, e foi discipulo de Rubini, como tomara lições de rabeca com o famoso Paganini. A rabeca serviu-lhe n'uns dias aper-

tados; porque o marquez teve sempre muito dinheiro, e precisou sempre de dinheiro!

Physionomia original, como o caracter. Libertino e mystico! Distincção suprema. Grandemente orgulhoso da sua prosapia, mas não o dando a sentir senão aos seus pares, ou aos gravatões dos ultimos dias. A paixão que o dominava era o jogo. Dizia-o elle proprio. Certo dia, depois de feita a escriptura de venda de uma das suas bellas propriedades, recebeu, por saldo, ainda assim, avultadissima somma. O tabellião, o dr. B... amigo do marquez e de confiança com elle, perguntou-lhe, sorrindo maliciosamente:

—Sr. marquez, perdôe v. ex.ª, mas que vae fazer de todo esse dinheiro?

—Jogal-o, a correr.

Não faltou á palavra. Rolaram centos de libras sobre o panno verde. Perdia n'uma noite o patrimonio de uma familia, sem pestanejar! Até dos proprios vicios surgia o fidalgo de raça!

No meio das suas aventuras estudava. Em agricultura consultavam-o como mestre. Nas lettras distincto amador; sabia de cór cantos de Dante, Ariosto, Tasso, as odes de Manzoni, os versos de Foscolo e do conde Leopardi, que recitava como um florentino. Destro nas armas, atirando á pistola de modo que era admirado em Pariz e Madrid! Fallava na perfeição as principaes linguas da Europa. Entre os seus intimos havia sempre homens de lettras. Chegava-lhe o tempo para tudo: seduzir mulheres, jogar até altas horas, frequentar espectaculos, metter-se em politica, tratar das suas demandas! Ahi estão vivos advogados, que podem dizer o que elle sabia de leis.

Vestia com a maior simpleza, mas com a maxima elegancia. Partindo para o campo punha na cabeça um *panamá* de cem mil réis! Nas ruas de Lisboa ninguem o viu senão de chapeu alto. Por onde seguia, mordendo o charuto havano, entoando um modilho favorito, deixava no ambiente effluvios de grão-senhor.

*

* *

Quando estreitei as minhas relações com elle foi em 1851, em casa de Alexandre Herculano, pouco antes da Regeneração. O marquez, n'essa epocha, planeava mudar completamente de vida—abster-se do jogo, de aventuras femininas, e tratar da lavoira, isto é, tornar-se incontestavelmente o primeiro lavrador do paiz, e um dos primeiros da Peninsula—só o Paúl, depois de sangrados os terrenos lentéiros, valia um condado! Tomava parte na politica d'esse tempo contra os cabralistas. Os seus inseparaveis companheiros eram João de Andrade Corvo e Pinto Carneiro, tambem homem de finissima intelligencia.

O marquez de Niza tinha a firme convicção de que levaria a cabo, com todo o rigor, os seus planos. Havia dois mezes que não jogava; quasi um anno que não raptara femea, mais

ou menos donzella! Um seculo de vida pacata, em summa; o diabo mettido a frade, n'uma palavra! A sua convicção era sincera. Tomou a casa do largo da Abegoaria, que fica paredes meias com aquella em que vive, ou onde viveu Raphael Bordallo Pinheiro. Citando o nome de Raphael Bordallo, sempre é bom dizer, embora de passagem, que é artista de centelha genial! O futuro cenobita mandou mobilar a casa com simpleza elegante. Comprou magnifico piano. Andrade Corvo, sobre ser um sabio, era pianista de gosto e de força. Sabia contraponto como um *maestro!* Nos planos de abstinencia, o marquez não mettia cosinha, nem vinhos generosos. O jantar diario — um fino banquete! Alexandre Herculano, quando não ao jantar, vinha á noite, nas segundas e quintas. O marquez, depois, acompanhava-o até á Ajuda, quasi sempre a pé.

Que scintillantes, aquelles jantares e aquelles serões, cortados pelo piano e pela voz do marquez, um gorgeio mavioso e seductor!

*
* *

Vamos agora á vida aventureira do neto de Vasco da Gama, nos primeiros annos da mocidade. Casara muito moço, aos dezoito annos, com a sr.ª D. Maria Constança de Saldanha da Gama, filha dos setimos condes da Ponte, virtuosissima senhora. A pouco trecho de casado, o marquez, obedecendo ao temperamento carnal e impetuoso, foi viajar pela Italia. Entre os variados episodios da sua vida, ahi se deu um, que tem todo o sabor de romance.

Faltou-lhe dinheiro. Não era raridade. Já de uma vez deitara mão da rabeca, não sei onde; d'esta, recorreu a outro expediente, ou porventura lh'o suggeriu uma Eva, nascida nas brumas de Inglaterra.

Encontrara-se o marquez com um inglez, que viajava principescamente;—carruagem propria

com todos os commodos, creado grave, postilhão, e, para dizer com a opulencia da equipagem, uma filha dos seus dezoito annos, de cabellos pretos e olhos azues—inusitado e delicioso contraste—que, juntamente com uma bocca fresca, bons dentes, e um leve frouxel sobre o beiço superior, a tornavam perigosa e picante creatura!

Apesar do sequito, ao inglez faltava-lhe ainda um correio diligente, para prevenir, nas pousadas, as horas da chegada, os quartos, a mesa, principalmente mesa pontual e opipara. Marquez de Niza achou o seu emprego. A insulana sympathisou com o novo famulo, notando-lhe singular distincção no porte! Logo na primeira paragem, o inglez ficou maravilhado! Jantar de appetite, Champagne frio, Bordeus morno, Marsala, vinho capitoso, que se assemelha ao nosso Madeira, e o Lacrima-Christi de tal sorte, que o inglez, depois de libar, exclamou, como fizera no Vesuvio um seu compatriota:

—Ó Christo, porque não choraste na minha terra?!

No dia seguinte, vendo, á janella, que deitava para o jardim, a filha do patrão, o marquez, simulando não dar por ella, gorgeou uma *malagueña* com tal *quiebro,* que se a ingleza achava até ahi distincto o seu correio, parecia-lhe agora encantador! Correram dias. O marquez, não raro, tinha de ter mão em si—quando o inglez lhe dava alguma ordem secca e imperativa—para não lhe enfiar uma cadeira pela cabeça abaixo.

Iam na direcção de Florença. Chegando a Pisa, o marquez recebeu ordem, á vista, para dinheiro. Quando recebia dinheiro era sempre muito! N'esse mesmo dia mandou dizer ao patrão, pelo creado grave, que deixava o seu serviço. O inglez ficou varado, e a filha, que era alegrissima, tornou-se de um mau humor insupportavel.

O marquez, a toda a brida, partiu para Florença. Tomou todo o primeiro andar do melhor

hotel sobre o Arno! armoriou carruagem soberba, com as suas corôas floreteadas, fardou creados com as solariegas librés, e esperou o patrão e a filha, que não podiam tardar!

Calcule-se o assombro do orgulhoso bretão, quando, ao querer tomar os quartos da hospedaria, deu de rosto com o seu correio, que fez como se nunca o tivesse visto, e lhe disseram que todo o pavimento estava alugado por aquelle grão-senhor, neto de Vasco da Gama, almirante dos mares da India, e marquez de Niza! Á filha passou-lhe completamente o mau humor, e não se espantou nada. Sempre dissera comsigo, que o seu correio devia de ser um grande personagem. As mulheres adivinham!

Viajaram juntos. O marquez era casado, e as inglezas são a castidade em pessoa, como é notorio. Chegaram a Napoles. Foram fazer uma excursão ao Vesuvio. E, emfim, como o coração d'aquelle monte é de lava, não admira que no coração de ambos—marquez e ingleza—se désse alguma explosão!...

*

* *

Seria para volumes a parte aventureira e anecdotica da vida do marquez de Niza. O brilhante aristocrata, porém, no meio das suas rapaziadas e raridades, tinha sempre tempo para se applicar a alguma coisa em que mostrasse o seu engenho. Em agricultura, os Chavões foram modelo em tempos, e depois, quando se incumbiu da construcção da Camara dos Pares, desempenhou-se com vantagem. Teve epocha em que andou na politica. Logo depois da Regeneração fundou um jornal contra o governo—o *Paiz,* de que foram redactores Alexandre Herculano, Antonio de Serpa, Andrade Corvo, Pinto Carneiro, Ernesto Biester e eu.

O marquez de Niza, a pouco trecho dos seus protestos, atirou com o bordão e a esclavina,

sacudiu as vieiras do chapeu, depoz o rosario com que se preparava para ir peregrinando até ao Santo Sepulcro, e engolfou-se no mar vertiginoso de toda a sua vida!

Em 1867 morava, ao Chiado, no predio proximo ao do Marrare de polimento. O general Prim, entrando em Portugal, malograda a tentativa revolucionaria, viera hospedar-se em casa do marquez, com quem tinha relações de boa estima de tempos passados, em Hespanha, quando ambos estavam na flor da juventude.

Tem-se fallado tanto do famoso caudilho, dos seus rasgos de bravura, dos seus dias de gloria, da sua morte tragica, que tudo está dito e apreciado. Contarei apenas a impressão que me produziu o seu aspecto e a sua palavra.

Estatura mediana, proporcionado; a decisão saltava-lhe do rosto, mas o brilho do olhar moderava-se na expressão reflexiva. Denunciava-se, na conversação, como orador colorido e vi-

goroso, e sentia-se logo que estava alli não só o soldado intrepido, mas o politico audacioso e habil.

O marquez de Niza deu um grande jantar, ou antes uma serie de grandes jantares. A um d'elles assisti eu. Os convivas de que me recordo eram: Rebello da Silva, Sant'Anna e Vasconcellos — visconde de Benalcanfor, Santos Silva, Milans del Bosch, e o conde da Vidigueira, que, na intelligencia e cultura, honra os brazões paternos. Seu irmão, D. Manuel Telles da Gama, ia, mar fóra, no rumo do Brazil. — D. Manuel que, sendo uma creança, na guerra d'Africa ao lado do general Prim, a quem seu pae o recommendara, carregando na guarda avançada, como um bravo, caiu na força da batalha traspassado pelos peitos, ficando entre a vida e a morte!

O jantar correu animadissimo. Rebello da Silva fallou brilhantemente.

Eu, n'essa epocha, tive meus pruridos politicos, e discursei, por vezes, nos grandes audi-

tórios. Dizem, até os que mè são menos affeiçoados, que, se eu sigo n'aquella derrota, outro gallo me cantara! Tambem creio que errei a poldra, deixando que me levassem a melhor uns taes que andam por ahi, e me olham d'alto,—coitados! Mas se vivo n'este Monte, velho, obscuro e pobre, quando miro para o cemiterio, que me fica perto—e ás vezes namóro—não vejo lá sombras, além das que projectam os cyprestes batidos dos salgadios do mar, e essas sombras são gratas para o que viveu com honra!

Milans del Bosch levantou um brinde, fogoso e scintillante como o seu espirito. Milans costumava fazer a autobiographia em quatro palavras:

—Tantas batalhas; tantas vezes prisioneiro; tantas emigrado, e uma vez fuzilado!

Era pequeno de corpo, muito secco de carnes; olhos de fogo; cabeça arejada e toda branca. Sympathica figura a d'aquelle intrepido e aventureiro soldado!

O jantar, de caracter intimo, prolongara-se. O filho do general Prim, uma creança, adormecera no collo do pae. As janellas estavam abertas, e ouviam-se, na rua, os vendedores de jornaes bradando:

—O general Prim condemnado á morte!

No momento em que o filho dormia, descuidado e sereno, nos braços do pae, o pregão da terrivel sentença entrou por todos nós como uma corrente electrica! Levantei-me e tomei a palavra. A commoção em mim era grande e communicou-se aos circumstantes. O improviso foi vivo e sincero.

Prim voltou a Hespanha, e todos sabem o que se seguiu. O marquez foi a Madrid, estando Prim no poder, e passou uma grande temporada em Hespanha. Tambem se envolveu na candidatura de D. Fernando ao throno de Hespanha, e a sua attitude foi digna.

Pela primavera de 1873 encontrei-o na arcada do Terreiro do Paço. Vinha com o semblante demudado.

—Estou pallido? perguntou-me elle, sorrindo. Fallava agora com o Corvo, quando, de repente, deitei umas golfadas de sangue. Estarei tisico?

Respondi-lhe não sei quê; provavelmente alguma banalidade, mas não gostei de o ver. Passado pouco, na rua Nova do Carmo, vinha elle de carruagem, e assim que me avistou mandou parar. Dissimulei o mais que pude a triste impressão, que me produziu o seu aspecto. Disse-me que ia muito melhor, e que partia para Eaux-Bonnes, nos Pyrineos, a restabelecer-se completamente.

Ao apertar-lhe, pela ultima vez, a mão, enturvou-se-me o espirito, por ver aquelle homem, cuja organisação parecia tão robusta, e cuja vida fôra tão luminosa, acabar antes de entrar na velhice! Estava morto!

A sr.ª marqueza, a dedicadissima esposa, ao vel-o perdido, esqueceu tudo, deixou tudo, e foi acompanhal-o!

A mulher, quando é assim, tem já n'este

mundo um clarão da auréola, que ha de glorifical-a no ceu! O marquez de Niza soltou o ultimo suspiro sobre aquelle nobre peito, que só pulsara para lhe amamentar os filhos e para o amar a elle!

Monte de Caparica, Torre. Abril, 14, 1894.

15 DE MAIO DE 1851

ENTRADA DO MARECHAL SALDANHA EM LISBOA

Lembro-me d'esse dia, como se tivesse passado hontem! Dia esplendidissimo!

Ás onze horas da manhã o marechal Saldanha desembarcava no caes da Pampulha, caes que já não existe hoje. O duque era recebido pelo Solla, depois barão de Francos, e pelo barão da Luz, que foi feito visconde na Regeneração.

Se fosse hoje, olhando aos serviços que esses dois homens tinham feito, seria pouco para elles o marquezado. É que, de anno para anno, a offerta de honrarias regorgita na praça publica!

Ao lado do livro do — Deve e Ha de haver — está o Nobiliario, onde o mercieiro regista o seu nome patricio!

A democracia — inimiga capital da arte — apóda, mofando, os brazões da *velha rocha;* mas tambem se condecora! Se não, é vêr! O brochante exclama:

— Nós, os artistas!...

como quem diz:

— Nós, os Apelles, da Grecia; nós, os Raphaeis, da Renascença!...

Que mascarada!

Solla era um romano na cara, na bravura e no rigor da disciplina; o visconde da Luz um gentil-homem, tão valente no campo da batalha, como primoroso n'uma sala. Nos lances mais arriscados cumpriu sempre o seu dever, sem jactancias, e com a maxima serenidade.

Um facto — que prova a brandura do seu coração, e, ao mesmo tempo, a prudencia do seu caracter.

Pouco antes do dia um de maio de 1851,

isto é, de a Regeneração triumphar, Lisboa andava grandemente agitada.

Uma tarde, á porta do Marrare de polimento, no Chiado, estavam reunidos os rapazes do tempo, todos adversos ao governo de então. Entre esses moços havia um, alto, delgado, musculoso; cabellos loiros crescidos, á moda da epocha; pallido, pallidez prenuncia da tisica que o matou. Era da ilha Terceira. Fôra do batalhão academico de 1846 a 1847. Chamava-se Manuel Lourenço de Souza Rocha, por antonomasia — entre os seus collegas da Universidade — o Rocha *ilheu*. Na lista dos nomes dos academicos da Maria da Fonte, opusculo recentemente publicado pelo meu velho amigo dr. Antonio João Flores, sobre notas de A. dos Santos Pereira Jardim, ao nome de Rocha seguem-se estas palavras de singular homenagem: *Coração de pomba, bravura de leão.* Que tal era elle, para merecer taes epithetos, entre tantos bravos!

O visconde da Luz, a cavallo, fardado, com

o seu ajudante ao lado e duas ordenanças, subia o Chiado. O Rocha *ilheu* deu um salto, e jogou-lhe as mãos ás redeas, soltando o grito que estava em todas as boccas dos homens da Maria da Fonte:

—Abaixo os Cabraes!

Note-se que, na vespera, no largo de S. Carlos, a cavallaria municipal tinha carregado o povo, acutilando muita gente.

O visconde, contendo os seus com um gesto, nem levou a mão á espada, e proferiu algumas palavras, que applacaram o impeto do rapaz exaltado.

Era um valente e um coração generoso, que applaudia, sorrindo, o moço enthusiasta e intrepido!

*

* *

Desembarcando na Pampulha, o duque de Saldanha, com o ar fidalgo da sua educação abraçou os seus dois amigos, e partiu para o Paço.

Singular entrevista aquella!

A rainha, de estatura elevada, tez brancomate, tez finissima; a massa de cabellos escuros, annelados em caracoes sobre as fontes, e levantados no alto da cabeça, á moda do tempo. A cabeça altiva, com um toque varonil, propria para cingir o diadema—e a corôa portugueza tinha os melhores brilhantes da Europa! Olhos castanhos claros e de muita luz; o beiço inferior carnudo; um pouco belfo, como o dos Braganças. Gracioso o corte da bocca, mas firme, como o seu caracter.

Defrontando com o duque, o peito ancho, peito de matrona romana, continha as ondas

do coração — que haviam de estar picadas, n'esse momento.

O general triumphante, embora com as ambages do cortesão, vinha impor-lhe a sua vontade de vencedor!

Para a alma de uma mulher dominadora e audaz, o momento devia ser amargo!

A entrevista foi rapida.

A rainha — o proprio marechal Saldanha o referiu, por mais de uma vez, na Ajuda, á meza de Alexandre Herculano, no pequeno intervallo que duraram as relações do auctor da *Historia de Portugal* com o duque, depois da Regeneração — a rainha, digo, manteve a mais elevada dignidade, reunida ao poder realengo.

*

* *

Saldanha voltou, por mar, até ao Terreiro do Paço.

A grande praça trasbordava. Estalavam as

girandolas no ceu rútilo, e pelas arcarias, e pelo ar tibio da primavera, estrondeavam os vivas da multidão, phrenetica e jubilosa.

Eu fui ver o desfilar da tropa e do povo para o segundo andar de uma casa da rua do Arsenal, com Alexandre Herculano e o marquez de Niza. O marquez alugara a casa por seis mezes, só para assistir á passagem!

O sol faiscava no azul denso do ceu. Herculano e o marquez estavam na força da vida; eu tinha em mim o sol dos vinte e dois annos! Que alegrias, que enthusiasmos aquelles!...

O espectaculo era deveras imponente!

A musica do batalhão do Commercio vinha adeante. Em seguida, a toda a largura da rua, pelotões de populares, que fundiam para mais de quatro mil pessoas. Atraz d'esta grossa columna, o marechal com o estado maior.

Saldanha montava um soberbo cavallo inglez, ostentando, apesar dos annos, o vigor e destreza da mocidade. Um dos generaes, que flanqueava o duque, afastava o povo com um ramo de acca-

cia florida! Antithese ás cutiladas do dia quatro d'aquelle mesmo mez!

Os moços da Escola Polytechnica e da Escola do Exercito, com a gemma dos elegantes de Lisboa, formavam uma centena de cavalleiros. Ainda mais povo em ordem, e por fim as brigadas vindas do Porto.

Á noite todos os habitantes da capital illuminaram, espontaneamente, as suas janellas. S. Carlos trasbordava! Saldanha era saudado como um triumphador romano! Faltava-lhe o escravo ultrajador, porque não tinha senão boccas que o festejassem. Elle estava ufano e bello, com a cabeça aureolada de brancas nevadas, o bigode farto, a cara marcial resplandecente, e o peito estrellado de insignias, ganhas com a espada de soldado e o bastão de marechal, no campo da batalha. Batendo no peito abobadado, dizia, com a sua voz mascula, insinuante e dominadora:

—Não pagaria com todo o meu sangue ao povo portuguez, o que lhe devo hoje!

As paixões politicas tinham chegado ao ponto de accender odios felinos no proprio sangue fraterno!

Os que cercavam D. Maria II, no seu camarote, estavam pallidos. A Rainha em pé, digna, serena, elevada, verdadeiramente nobre, assistia á grande ovação, que procurava ser-lhe hostil!

Todas as corôas, todas as bençãos, todos os hymnos eram para o vencedor!

Eu ia com as auras do tempo; mas fez-me notavel impressão o animo e firmeza da soberana, no momento em que os estrepitosos applausos cobriam o homem, que se havia rebellado contra a sua vontade dominadora e tenaz! Era de uma energia singular!

Ha annos — treze talvez, se a memoria me não falha — jantava eu em casa do sr. B. P. Á mesa estava a sr.ª C. de S. — que tinha vivido, desde a infancia, com D. Maria II. A sr.ª C. de S. era uma grande dama: educação selecta, intelligencia segura, e a bondade nativa

da familia S.ta Iria. Fallando-se no dia 15 de maio de 1851, disse-me que todos tremiam no Paço, homens e mulheres, conservando a Rainha o maximo desafogo!

Pois não era só o sceptro e o manto, que haviam ficado na sombra, mas ainda o seu altivo coração de mulher, humilhado e abespinhado!

*

* *

Em virtudes domesticas ninguem a excedeu.

No meio dos negocios do estado e das paixões politicas, em que se engolfava a sua alma, não perdia lanço de manter em casa a mais severa disciplina, e passeava em Lisboa com vestidos de percale.

Um domingo, no Passeio Publico, á hora da musica, o pequenito de uma familia burgueza correu para um dos Infantes—não me lembro qual—e ia a abraçar-se n'elle. O Infante, pela

estranheza que lhe produziu o facto, repelliu a creancita com ar brusco. A Rainha deitou mão ao braço do filho, sacudindo-lh'o fortemente, e obrigou-o a beijar o pequeno, deante da confusão dos paes, em presença dos circumstantes, que respeitosos contemplaram a scena, e entre os quaes estava eu.

Estes exemplos, quando vêm de alto, calam fundo na sociedade!

A historia, tratando dos acontecimentos que se deram depois de 1834, ha de precisar as linhas da physionomia da extincta soberana, porque em todos esses acontecimentos D. Maria II teve um importante papel.

A luz brilhante, que illuminou a esposa e a mãe, será, por vezes, contrastada de sombras — algumas d'ellas tão carregadas, que produziram grandes catastrophes!

A historia imparcial fará, porém, justiça ás suas elevadas qualidades e aos seus não raros defeitos.

Monte de Caparica, Torre. Agosto, 20, 93.

JACINTHO AUGUSTO DE SANT'ANNA E VASCONCELLOS

VISCONDE DAS NOGUEIRAS.

Na entrada do verão de 1849 Sant'Anna e Vasconcellos chegou a Lisboa, pela segunda vez.

Vinha do Rio de Janeiro—deportado!

Devia de ter vinte e quatro para vinte e cinco annos. Alto, hombros largos e descaídos, cabeça audaz, cabellos e bigode loiros, mãos de dama, com musculos d'aço, pé pequeno, andar desembaraçado, airoso nos gestos, bem posto de figura. Sem petulancias de brigão, mas denunciando, na physionomia e nos movi-

mentos, a decisão e a força. Cortez e distincto no trato.

Nascera na ilha da Madeira. Fallarei adeante da sua notavel familia, de quem fui intimo. A primeira vez que esteve em Lisboa foi quando entrou na Universidade. Encontrou lá os Lobos, José e Gonçalo. Eram dois valentes. Deixaram uma lenda, que, passados cincoenta annos, ainda tem echo em Coimbra! Sant'Anna atirou, ao lado d'elles, os seus primeiros botes. Os Lobos, no dia em que viram o rapazote n'uma d'aquellas refregas dignas dos Mosqueteiros, armaram-o cavalleiro! Os livros de direito jaziam, intactos e virginaes.

O estrondo de suas proezas foi retumbando por esse Atlantico, até que estoirou na ilha, aturdindo os ouvidos do pae! Este mandou-o para Pariz.

De seus feitos, na moderna Athenas, podem attestar os meus velhos amigos dr. Thomaz de Carvalho, conde de Valbom e Marcellino Craveiro, todos intimos de Sant'Anna.

Duellos foram apenas sete! Um d'elles com um mestre d'armas. Sant'Anna ficou muito ferido, o mestre d'armas ás portas da morte!

Ao cabo de seis annos de um turbilhão de aventuras, a lenidade paterna cançou-se, e o pae mandou-o para o Rio de Janeiro, n'um *cavallinho de pau,* que, segundo o pensar do tempo, era remedio efficaz. Já podia dizer d'elle, como o conde de Mirabeau do grande orador: «Meu filho — o furacão!»

O que Jacintho de Vasconcellos fez no Rio de Janeiro, foi extraordinario!

Uma vez, n'um café, a braços com os *capoeiras,* depois de arrojar botijas e garrafas como balas rasas, e fazer bancos ás hastilhas, foi-se ás mesas de pedra e jogou com ellas aos inimigos! O dono do café, ainda ha poucos annos, mostrava as pedras quebradas aos freguezes, que chegavam de Portugal.

De outra vez — e essa foi a ultima no Brazil — Sant'Anna assistia a uma corrida de toiros. Um *cabra* tirou das mãos de um rapaz

portuguez uma farpa com a nossa bandeira, arremessou-a ao chão, e pisou-a, por desfeita. Sant'Anna saltou á arena, estoirou o mulato com um pontapé, e varreu a praça! Veiu policia; desbaratou a policia! Saindo da praça, caíu sobre elle um troço de cavallaria: Sant'Anna, ainda de forcado nas unhas, atirou-se á cavallaria! O commandante tirou uma pistola dos coldres, e disse-lhe que desfechava. Sant'Anna respondeu:

—Isso não pega fogo!

E não pegou! Veiu mais tropa, mais cavallaria. Sant'Anna foi, finalmente, preso, e mandado sair, no terceiro canto da sua Odysseia! O primeiro passara-se em Coimbra; o segundo em Pariz; o terceiro nas terras de Santa Cruz! O quarto ia dar-se em Lisboa.

Este homem, que varria feiras, era um elegante de primorosa educação, de talento e de espirito animado!

*

* *

Em 1850 Sant'Anna voltou a matricular-se na Universidade. Na primavera de 1851 seguiu o movimento regenerador e foi para o Porto. No dia quinze de maio entrou o Tejo com o marechal duque de Saldanha.

Em junho de 1851 Sant'Anna e Vasconcellos foi nomeado secretario geral da Horta, e no anno seguinte transferido para Aveiro.

Antes de partir, uma noite — era no verão e Sant'Anna andava n'um periodo de heroica pacatez — fomos ao Martinho tomar neve. Reunimo-nos em volta de uma mesa, Mendes Leal, A. Pedro Lopes de Mendonça, José Maria d'Andrade Ferreira, Luiz de Vasconcellos, auctor de um drama, intitulado a *Cruz*, que teve exito em D. Maria II, Antonio Correia Heredia e eu. Restam ainda de pé os dois ultimos; os outros caíram todos.

A pouco trecho entrou a porta um capitão de navios, muito conhecido, n'esse tempo, na roda da Baixa, com um homem alto, espadaúdo e forte na sua companhia. Era um allemão. O maritimo apanhara, no Rio de Janeiro, um revez de Sant'Anna e ficou com a espinha na garganta, mas approximou-se muito amavelmente, e apresentou-lhe o allemão, que fallava francez com facilidade. Sant'Anna recebeu-o com a polidez que lhe era peculiar. Eu, porém, notei-lhe o que quer que fosse de contrafeito. Com o seu olho de lynce percebeu que o embarcadiço, que era atravessado, lhe trazia o outro como cão de fila. Trocadas poucas palavras, Jacintho despediu-se, e ia a sair, quando, subitamente, o allemão lhe jogou a garra á gola do fraque, rasgando-lh'a! Sant'Anna e Vasconcellos deu um passo atraz, e atirou-lhe um murro: o homem caíu redondo! Levantou-se, com a face grandemente entumecida, e arremetteu bravio. Outro murro, e o collosso em terra. Ergueu-se ainda, e voltou á carga...

Então, Sant'Anna, n'um impeto de furor, agarrou-o, e arremeçou com elle por cima da mesa, que ficava debaixo do espelho grande! D'essa vez o agressor perdeu os sentidos. Voltando a si, saíu, a cambalear, pelo braço do maritimo.

Sant'Anna sentou-se offegante, com o nariz afilado, o bigode crespo, e os olhos faiscando. Antonio Heredia, que desde a infancia conhecia o seu patricio, amigo e parente, ainda assim pasmou d'aquelle acto de força taurina!

Depois de entrar na politica, Sant'Anna teve dois duellos. Um com um francez chamado Clavel, á espada, e outro com A. Rodrigues Sampaio, á pistola. Sampaio foi o primeiro a atirar; acertou-lhe, e por um ai que Sant'Anna não ficou no campo.

Rodrigues Sampaio, muita vez, disse deante de mim:

—Se a minha bala dá um nadinha mais dentro, Sant'Anna era um homem morto, e eu ficava toda a minha vida com uma sombra no coração.

Isto prova a boa alma do eminente jornalista.

Quantos lidaram em politica com Sant'Anna e Vasconcellos — muitos ainda vivem — lhe admiraram a lealdade e honrada dedicação, tão rara hoje! Na imprensa e no parlamento tornou-se distincto, o que era muito, entre as figuras que n'esse tempo o cercavam; figuras que, apesar dos erros e fraquezas inherentes á humanidade, ninguem lhes pode negar o valor. Como homem de lettras, Sant'Anna não foi um escriptor de raça, mas amador de talento. Latino Coelho, que não malbarata elogios, prefaciou-lhe o livro de versos com muito applauso.

Viveu sempre a braços com difficuldades, filhas, na maior parte, do seu genio extremamente bizarro e dadivoso. Foi homem exemplar na familia. Deixa viuva, uma filha, e creio que dois filhos. Espero que os amigos, que ainda restam de Sant'Anna e Vasconcellos — amigos que podem — se lembrem d'esses rapazes, que não ficaram na opulencia, collocando-os em logar condigno da memoria do pae.

*
* *

Conheci a mãe de Sant'Anna, a sr.ª viscondessa das Nogueiras, D. Mathilde, quando eu tinha vinte annos, durante mezes que passei na Madeira, com um amigo de infancia—o conde de Carvalhal.

Estava ella então na força da vida. Educação, caracter, belleza de rosto e graça de figura, distincção em tudo, e um talento superior, faziam d'esta senhora um dos entes mais encantadores, que tenho conhecido!

Compunha versos, admiraveis de mimo e sentimento. Escrevia prosa adoravel. N'um meio mais largo teria sido uma escriptora de primeira ordem.

O pae de Sant'Anna era bravo, intelligente, generoso, e bom como o filho.

Sant'Anna adorava a mãe, e aquelle homem destemido, impetuoso, quantas vezes o vi, cho-

rando como uma creança, ao ler as cartas d'ella, que depois guardava em cofre sagrado, com o fanatismo do mais acrisolado amor!

Que luz teve aquella agitada vida, e que sombrias deviam de ser as suas ultimas horas! Nem ao menos, á beira do tumulo, poder escutar a lingua do berço!

Sem a mãe, sem a mulher, sem a filha! Sem os amigos—reflexo do sol da mocidade! Longe da patria, de tudo, n'uma palavra, quanto n'este mundo amou!

Até o cemiterio, onde jaz, tem o nome triste como a Paixão de Christo—Cemiterio do Monte Olivete!

Vi a mãe, o anno passado, na Madeira, com as suas netas, filhas de João Sauvaire, um fidalgo de raça e de coração, e de uma irmã de Sant'Anna, tambem chamada Mathilde, morta ha tempos.

Os annos, muitos annos, extinguiram n'aquelle rosto, formoso e insinuante, os vestigios do frescor da vida; mas não conseguiram apagar-lhe

a luz dos olhos, a finura do sorriso, a intelligencia viva, e a distincção do espirito — flor immaculada, que é o perfume, a graça das ruinas!

O pouco tempo que estivemos juntos não fallámos senão do filho, que ella esperava ainda ver e abraçar ao coração, para acabar depois, tranquilla e feliz, ao pé das suas queridas netas!

Não haverá meio de lhe occultar este ultimo e cruelissimo golpe?

Ai de mim! É uma impiedade da natureza consentir que as mães possam sobreviver aos filhos!

Janeiro, 30, 1888.

JACINTHO AUGUSTO DE FREITAS E OLIVEIRA

O BANQUETE DO LOUCO

Ha poucos dias recebi esta carta do meu velho e querido amigo Camillo Castello-Branco:

Meu presado Bulhão Pato

Mandei ás *Novidades* um rol de escriptores mortos, sob o titulo de *Procissão dos mortos.* São todos do norte. Se tu quizesses, para que a lista se completasse, escrevias dos mortos d'ahi; visto estares affeito a andar, por entre sepulturas, a devorar as tuas saudades.

Eu folgaria muito de ver esse teu trabalho

como complemento do meu. Submetto a tua memoria a uma prova dolorosa; mas consola-te em contradizer a ballada dos «mortos que vão depressa». Senti certo prazer em fallar de escriptores, ha quarenta annos esquecidos. «É pois, diz a Biblia, um santo e suave pensamento commemorar os mortos». Saudemol-os na sua vida eterna de moleculas.

Lembra-se de ti, com saudade e gratidão, o teu velho amigo

Camillo.

*

* *

Depois de publicar o meu livro *Sob os Cyprestes* — vae fazer dez annos por entradas do outomno — homens de lettras, meus intimos, caíram apenas quatorze!

Ahi vão, por sua ordem alphabetica:

Alexandre Herculano
Alberto Osorio de Vasconcellos

Antonio da Silva Tullio
Antonio Gonçalves Crespo
Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos
Daniel Augusto da Silva
Julio Caldas Aulete
José da Silva Mendes Leal
José Gomes Goes
Jacintho Augusto de Freitas e Oliveira
Luiz de Campos
Miguel Angelo Lupi
Rodrigo Felner
Visconde de Juromenha.

De quasi todos tenho escripto já. Hoje relembro o mais infeliz.

*
* *

Jacintho Augusto de Freitas e Oliveira tinha vinte annos e eu vinte e cinco, quando nos conhecemos.

Vinte—vinte e cinco annos!... Estes algarismos cantam como um idyllio!

Foi no café Martinho—unico, n'essa epocha, que as senhoras atravessavam até á sala interior, para tomarem neve n'uma estufa! Não sei quem nos apresentou—ninguem talvez. Provavelmente a nossa mocidade, o sangue peninsular, o animo expansivo, o aberto das nossas physionomias impelliram-nos um para o outro. Trocámos um aperto de mão, tomámos um copo de absyntho, e de braço dado—era moda n'esse tempo, e eu ainda gosto d'ella, porque tem o que quer que seja de fraterno—fomos jantar ao Matta.

Em duas horas eramos já amigos! Como o fomos até que a loucura entenebreceu aquelle cerebro luminoso, e a morte tardia, sem piedade, em vez de o fulminar, o levou, cravando-lhe os caninos lentamente!

Freitas e Oliveira era de estatura regular, forte, carnação quente, cabellos castanhos abundantes, bigode escuro, olhos garços bri-

lhantes; respirando saude, e de uma alegria exuberante e explosiva.

Sanguineo, impetuoso, e desatinado quando se enfurecia. Generoso por indole, generoso em extremo. Coitado!—até nos amargos apertos dos seus ultimos annos, quando tinha no bolso algumas libras, Jacintho era um rei!

*

* . *

A Regeneração, n'esse tempo, ainda não significava bem um partido. A Regeneração era a faina no mar, onde as companhias armavam navios a vapor sumptuosos para atravessarem o Atlantico; a labutação na terra, com as estradas, e a mala-posta; no horizonte o caminho de ferro. Caminho de ferro! um prodigio, um assombro, que os romeiros iam espreitar da rampa de Santa Apollonia, e que, ao sentir os silvos da machina conduzindo os carros do material, alguns—a grande maioria—benziam-se, pensando no me-

donho hipogriffo, sem azas, que nos arrebataria até Santarem! Jantar em Santarem e regressar a Lisboa—no mesmo dia—atravessando o terrivel pinhal d'Azambuja!... Era de marear a cabeça, pensar que taes maravilhas viessem a realisar-se!

Toda esta seiva, que, subindo, promettia abrir em flor e resolver em fructo, trazia os espiritos n'uma animação e alegre alvoroço, de que não se faz idéa n'este palude esverdeado e pôdré, em que vivemos hoje!

Confluiam ao monumento publico todos os operarios; lidavam, com desenganada vontade, desde o summo engenheiro até ao servente do coche da cal!

No parlamento, nos primeiros annos da Regeneração, as figuras eram grandes.

Nas cadeiras dos ministros surgiam:

O marechal duque de Saldanha—Elevado na estatura, ancho de peito; cabeça leonina aureolada de brancas; marcial no porte; digno e composto na palavra, modelando, pelo primor

da educação, na gravidade da tribuna, a voz mascula e redonda, que vibrara em cem refregas, quando o general, n'um lance apertado, firme na sella do seu cavallo de batalha, apertando na mão poderosa o punho da espada vencedora, carregava, á frente dos seus bravos, o inimigo.

Rodrigo da Fonseca Magalhães.—Physionomia singular. Bocca rasgada, e vincada nos cantos contraídos; testa larga; perfil vigoroso; moreno, tirante a bronzeado; cabellos grisalhos, fartos e lanceolados, o que lhe dava á fronte certo ar bravio.

Correcto como Cicero, e mordaz como Aretino, mas sem as obscenidades do *flagello dos principes*. Inquirindo, com olhos de lynce, o coração humano, e illaqueando os homens nas malhas da sua rede politica.

Antonio Luiz de Seabra—visconde de Seabra—o traductor de Horacio e o grande jurisconsulto. Physionomia fina, expressiva; palavra corrente, e argumentador de que tremiam os mais destemidos.

Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, moço, erguendo a cabeça gentil e dominadora, que só a morte conseguiu abater!

E finalmente, n'esse mesmo banco de ministros, o genial poeta do *Frei Luiz de Souza*, João Baptista de Almeida Garrett.

Nas cadeiras dos deputados, entre os mais novos, sobresaíam—Rebello da Silva, Casal Ribeiro, e o ultimo que entrara na Camara—Latino Coelho.

Rebello da Silva, antes dos trinta annos, era um orador eminente, jornalista brilhante, e auctor da *Ultima corrida de toiros em Salvaterra* e da *Mocidade de D. João V.*

Casal Ribeiro, pensador como um homem do norte, e orador ardente como um peninsular.

Latino Coelho tomava de assalto a tribuna, como tomara de assalto os primeiros premios das escolas, o professorado, e o posto de honra na imprensa, onde o seu estylo prismatico faiscava como as caudaes espumantes, batidas pelo

sol do verão. Era já Secretario da Academia e um grande erudito.

José Estevão, temperado na emigração, nos campos de batalha, nas luctas da Constituinte; José Estevão, vulcão de talento, encarava agora alegre o futuro, meneiando a cabeça encantadora, e beijada pelo genio, como a de Endymião pela deusa enamorada!

*
* *

Freitas e Oliveira, na epocha em que eu o conheci, já tinha experimentado o travo amargo, mas varonil e bom, da vida de bordo, n'um navio de guerra. As correntes salgadias dão vigor physico e moral. Ouvira ribombar o trovão e estralar o raio, rasgando os *nimbus* carregados, nas alturas da Serra Leoa. Estava ungido para a lucta, e elle tinha vocação, animo, bom pulso para ella.

Correu o tempo. Tomou o grau de bacharel,

com distincção, em mathematica. Nomearam-o chefe da primeira brigada da Companhia dos Guardas Marinhas, no posto de segundo tenente; mas, como não quizeram contar-lhe o tempo que estudara na Universidade, demittiu-se.

D'ahi a pouco foi a concurso para o logar de primeiro official da Direcção geral da instrucção publica. Classificaram-o no primeiro grupo, e não o despacharam.

Trepou então á brecha da imprensa, com as ventas fumantes, e ás cutiladas.

Para desafogar ainda uns restos de colera, foi expor pessoalmente os seus justos aggravos a D. Pedro V.

Em 1861, com arrojo audacissimo, propoz-se deputado pelo circulo 114 de Lisboa, contra Anselmo José Braamcamp, candidato governamental.

Elle proprio foi defender a sua candidatura na sala do Café-Concerto. Não tinha ainda fallado em publico.

Os adversarios politicos, e principalmente a

inveja — o gusano do talento — procuraram afogar-lhe a palavra.

Então Freitas e Oliveira, a pular-lhe nas veias o sangue juvenil, soltou a voz impetuosa, captivou a attenção. Os zombeteiros emmudeceram, e a pouco trecho tinha uma manifestação estrondosa, manifestação de que por muito tempo se conservou memoria em Lisboa.

O exito foi tal, que luctando contra o governo, disposto em linha de batalha, perdeu a eleição apenas por 99 votos!

Eu ouvi-o n'essa noite. Chispavam-lhe os ôlhos vivos e transparentes; respirava desafogado as primeiras auras do applauso, que são para todo o homem, homem d'arte, de lettras, de sciencia ou da politica, a compensação unica das miserias e tribulações da vida.

Desde esse momento apertaram-se mais as suas relações com José Estevão. A morte do genial tribuno, subita como o raio, produziu-lhe grande abalo.

D'alli a poucos mezes dava á estampa, n'um

grosso volume, a biographia do seu honrado amigo.

O livro tem muitos defeitos, mas, apesar d'isso, em todas as paginas faisca o talento.

Freitas não possuia cultura litteraria—elle proprio o dizia com a maior franqueza—mas tinha raro espirito de escriptor.

Polemista, bateu-se com todos, com o proprio Sampaio, e nenhum d'elles deixou de lhe sentir a ponta do florete nos tecidos, ou o ferro nas carnes, como diziam pittorescamente os nossos antigos.

*
* *

Nos ultimos oito annos a sua vida começou a ranger nos ossos e a desconjuntar-se. Hoje um apuro; antes do fim da semana, novo revez; agora desatada esta sangria, logo frustrado certo plano. De outro lado a politica a absor-

vel-o, e o genio vivo a ferver-lhe no ardor da lucta.

Se havia um momento de folga, um raio luminoso lhe alegrava o coração, e eil-o, na explosão dos seus jubilos, a ver o futuro azul e florido como as manhãs de abril!

Isto, porém, era raro. Tinha horas em que se afundava n'uma tristeza morbida.

Uma vez, entrando eu no Baltresqui, ao Chiado, estava elle só, sentado a uma das mesas, n'uma noite fria de inverno, com o seu gabão apertado na cintura, a elegante cabeça descoberta, appoiada na mão, e pesada de amarguras.

Sentei-me ao pé d'elle, interrogando-o com os olhos. Freitas e Oliveira respondeu-me;

—Meu avô morreu doido, queimando titulos azues. Eu, ou dou um tiro na cabeça, ou vou parar a Rilhafolles.

Fatal prophecia!

*
* *

Talvez em paiz algum da Europa, guardadas as proporções, se tenham dado tantos casos de alienação mental, nos ultimos trinta annos, em homens de talento notavel, como na nossa terra:—o Arcebispo de Mytilene, Antonio Pedro Lopes de Mendonça, Lobato Pires, João Evangelista de Abreu, Fontoura, Emilio Baptista, o pintor Christino, e por ultimo o desgraçado Jacintho Augusto de Freitas e Oliveira.

E quanto tempo andou latente aquella loucura! Quantas inimisades, e até odios, lhe não causou!

Quando invectivava, injuriava, e ultrajava, o infeliz era já um louco!

Fui eu o primeiro, que deu por tal.

Vou narrar o facto, que me levou a essa triste convicção.

Havia muito que todos nós, os seus intimos, extranhavamos a exaltação em que se inflammava, os arrebatamentos insolitos, as incongruencias politicas, as alegrias estrepitosas agora, logo a tristesa profunda, em que repentinamente se abysmava.

Atribuiamos isto a difficuldades e contrariedades, em que andava enredada a sua vida. Uma vez, porém, tive a certeza de que elle estava fatalmente perdido, porque lhe vi fusilar nos olhos os relampagos da loucura!

Jantava eu em casa do meu honrado amigo João Baptista Podestá—que, entre parenthesis, fui este inverno acompanhar á sepultura —e jantava tambem Freitas e Oliveira e sua filha mais velha, Ignez, uma prendada, sympathica e excellente rapariga.

De repente Freitas desfechou n'uma diatribe contra a rainha de Inglaterra. Fiz-lhe uma observação qualquer, em tom amigavel. Elle, com as faces accesas, os olhos esbrazeados, a espuma na bocca, insultou-me!

Eu nem dei pela affronta. Senti um aperto doloroso no coração, misturado de susto.

Quando o vi mais sereno, offereci-lhe um charuto.

—Obrigado, disse-me, acceitando-o, e com as lagrimas nos olhos.

Saindo d'alli fui visitar, ao Passeio, os meus velhos amigos Avellares. Estavam reunidos todos os irmãos e parte dos sobrinhos. Acharam-me a physionomia demudada. Perguntaram-me o que tinha.

—Tenho, respondi, que está louco o nosso pobre Freitas e Oliveira!

Disse isto com tal convicção, que ficaram todos impressionados.

Poucos dias depois dava um tiro na cabeça, e a breve trecho entrava em Rilhafolles!

*
* *

Tenho aqui uma grande carteira, cheia de papeis que lhe pertenciam. Entre notas e apontamentos da sua vida, ha uma parte escripta no hospital. A mais interessante é a descripção do banquete que elle tencionava dar, como Presidente da Republica universal. Aqui transcrevo alguns fragmentos, com escrupulosa exactidão, até na propria ortographia.

Oiçam-o nas phantasias da sua imaginação brilhante, embora allucinada.

*
* *

«Hospital de Rilhafoles, 12 de fevereiro de 1885.»

Depois de uma longa descripção das dimensões do palacio e numero dos convivas, diz elle:

«A loiça do serviço d'esta 1.ª mesa, que é sómente para os convidados que forem parentes do dono da casa, e que portanto tenham o appelido do presidente da Republica Universal, Sousa Machado Freitas ou Sousa Machado só —ou Sousa Machado Freitas e Oliveira.

«O serviço de loiça d'esta mesa é todo da China e Japão—o serviço de vidro é todo de crystal de Bohemia e de Venesa. A mesa é coberta de um pano verde, em cima do qual está uma toalha de rendas de alençon bordada de matiz, os guardanapos são do mesmo estofo.

«O tapete é de pelles brancas dos ursos brancos do mar Polar—as paredes são cobertas de pannos de raz com figuras allegoricas ás qualidades moraes e politicas e aos episodios da sua vida atribulada.—Estes pannos de raz são todos Goblains, e são intercallados em espelhos de crystal de Venesa com molduras de oiro e brilhantes, os espelhos chegam desde o tecto até ao chão com frisos de oiro e na largura e com-

primento da casa de jantar.—Atraz de cada conviva está um creado de luvas brancas com casaca de setim verde com botões e galões de prata; os calções até ao joelho com galões e ligas de prata e meias de sêda côr de *paille* e sapatos de polimento com fivella de prata e tacão verde—a côr verde é a libré dos creados das casas dos duques de Bragança, Borbon, Cadaval, Lafões, Valença e Aveiro.—Ás portas da casa de jantar estão dois archeiros de alabarda na mão direita e de chapeu armado com laço azul e branco—as fardas e os calções até ao joelho são encarnados e galões de oiro—as meias de sêda branca e sapatos de polimento preto—o tecto da casa é de crystal todo coberto de hera e crivado das flores as mais formosas e as mais odoriferas que se encontrarem nos jardins, que o presidente da Republica Universal possua em todas as partes do mundo.—Os reposteiros das portas e janellas da casa de jantar são de damasco da Persia verde e branco, forrado de setim branco e cer-

cados no comprimento e largura de uma tira de arminhos brancos de 3 dedos de largura.—

«O centro da mesa é de oiro e brilhantes e tem *plateaus* enfeitados de flores, cheios com as fructas mais delicadas da Europa, Azia, Affrica do sul—India, America do Norte, Brazil, China, Japão e Ociania.»

Aqui termina a descripção do banquete, e o pobre louco principia a disparatar em assumpto diverso.

A paralysia estava por pouco, e depois o escabujar de longos dias, até descançar finalmente!

Pobre amigo!

Ao terminar este capitulo, beijo as mãos da sua viuva—santa e martyr!—e abraço o velho venerando, que, para dar sombra aos netos, sobreviveu ao filho, que era a luz dos seus olhos, levantando com animo varonil a honrada cabeça, cingida de cabellos brancos, e coroada pela dôr suprema!

Junho, 4, 1887.

JOSÉ CARDOSO VIEIRA DE CASTRO

Em 1866 José Cardoso Vieira de Castro morava n'uma elegante casinha, a Santa Catharina, no declivio do monte. A entrada era por uma especie de rampa.

Tinha o que quer que fosse de agradavelmente mysterioso aquella habitação. As janellas dominavam o Aterro e o Tejo, podendo a vista espraiar-se, desde o Montijo, por todo o almaraz da margem opposta, até á barra grande, alongando-se e perdendo-se ainda por esse mar fóra! Para a imaginação poderosa do bri-

lhante orador repentista, o panorama que se avistava d'aquella casa, seria um desafogo delicioso.

N'essa epocha Vieira de Castro estava na robustez da vida e na força do talento.

Grande talento! Homem desmarcado—generoso e vingativo; cego na ira; arrebatado no amor; com ingenuidades puerís, e arremettidas de tigre! Corajoso e audaz sempre.

Nunca teve nem idéa, nem sentimento mesquinho. Na anchura d'aquelle peito as paixões eram sacudidas pelas ondas da ambição desmedida.

Isso o levou a convencer-se que em todas as suas batalhas jámais seria triumphado, e nunca houve vencido mais infeliz do que elle!

A justiça da terra já o julgou, e bem severamente—ella que tem sido, ás vezes, de tanta brandura para outros!

Eu vou relembral-o agora, nos seus dias prosperos, quando primava em toda a parte.

Muitos dos que o applaudiram calorosamente, então o esqueceram, ou, peior ainda, o affrontaram depois!

Porém, paraphraseando o verso do florentino,

Olhar, mas não pôr bocca em taes patifes!

*
* *

Eleito deputado, Vieira de Castro subiu á tribuna, e a estreia teve um exito extraordinario.

N'elle a eloquencia possuia os defeitos e as boas qualidades da sua organisação — exaggerada, empolada, por vezes apparatosa e theatral, mas vehemente, espontanea, abundante, colorida e sincera; influindo sempre nos outros o calor, de que vinha incendiada. Tinha relanços, que só pertencem a certos orado-

res, que os francezes appellidam de *temperamento*.

A estatura regular; forte, os hombros largos; as mãos finas, mas de grande vigor. Usava lunetas, porém os olhos eram bellos; quando fusilavam de colera, deixavam entrever as sombras d'uma tormenta! Ordinariamente reflectiam a ternura peculiar dos myopes.

Era sanguineo. A voz extensa e sonora, mas um pouco monotona, e a declamação viciada por certa escola, que dominou em Coimbra. Quando se inspirava, este defeito — desagradavel, principalmente, por affectado — desapparecia.

Desde muito moço que as brancas principiaram a salpicar-lhe o cabello e a barba, que se lhe abria na ponta do queixo, annelada e escura.

Trajava com apuro e bom gosto. Tinha habitos de grão-senhor. A bizarria era n'elle espontanea, como a palavra. Corria-lhe no sangue o rasgo das acções.

Em todo o seu conjuncto estava uma physionomia de cunho vivo, como a effigie aberta no oiro da moeda nova e bem batida.

Por occasião de ter sido feito socio correspondente da Academia das Sciencias, certo escorpião, que não perdia lanço de cravar o dardo envenenado na fama do proximo, offendeu-o com uma dicacidade malevola. Vieira de Castro procurou-o na livraria Bertrand, onde sabia que elle estacionava. O maledicente, apesar de bravatão, quando viu o offendido, muito enfiado, crescer para elle, pediu-lhe baixamente perdão.

Vieira de Castro, depois de lhe silvar duas vezes entre os olhos a palavra «miseravel», voltou-lhe as costas.

O animal refalsado e escornado enguliu a affronta, e com sorriso amarello lá foi digerindo outra calumnia, para macular qualquer sombra honrada.

Em Coimbra, quando estudante, ferveu-lhe o sangue, por ver que se fizera uma torpe in-

justiça ao grande talento do seu amigo Augusto Barjona de Freitas, e rompeu em taes excessos, que teve em grave risco a sua carreira.

Tinha o culto dos amigos—aquelle homem, —que foi desgraçado por um amigo!

*
* *

Na primavera de 1866 Vieira de Castro planeou uma grande viagem, partindo primeiramente direito ao Rio de Janeiro.

—As ondas d'esse Atlantico, e as florestas do Novo Mundo, hão de dar-me algumas imagens—dizia elle, agitando a cabeça altiva e varonil.

Como tivesse de demorar-se no Porto por dois ou tres mezes, antes da viagem, convidou os seus amigos para um jantar na casa de Santa Catharina.

Os irmãos trouxeram-lhe da Cidade eterna moitas de camelias; os mais exquisitos e variados doces d'ovos, que se confeitam em Portugal, como em parte alguma, offereceu-lh'os a solicitude materna.

Um cosinheiro de primeira plana dispoz as suas baterias em linha de batalha.

Os vinhos procuraram-se no Escrich, e correram generosos, desde o Borgonha até ao Córgo e Cercial pallido.

Os convivas, além d'elle, os seus dois irmãos, e outro cavalheiro, cujo nome me não recordo, eram: visconde de Seabra, A. Rodrigues Sampaio, A. A. Teixeira de Vasconcellos, Luiz Augusto Rebello da Silva, Luiz Augusto Palmeirim, Ramalho Ortigão e eu.

Rodrigues Sampaio e Antonio Augusto ficaram um defronte do outro. Durante a força do jantar guardaram um silencio trappista. Ambos comiam com ferocidade! Não ha outro termo. De quando em quando olhavam-se, enchugavam as camarinhas de suor, e com um

sorriso, isempto de inveja, applaudiam a grandeza homerica de suas forças!

Á sobremesa é que principiaram a soltar a palavra. Antonio Augusto era d'um genero especial, como conversador; além dos ditos salgados e saídas chistosas, tinha o contar das anecdotas, e o sublinhar das ironias, ás vezes serpentinas, a que o tardo da sua voz dava ainda um caracter de graça e originalidade.

O visconde de Seabra, o grande jurisconsulto e elegante traductor de Horacio, para quem os annos, como para Victor Hugo, correm, deixando-lhe sempre robusta e florescente a intelligencia, narrou-nos episodios da emigração, e como elle, em França, com as suas lições de mnemonica, levara vida de principe, trazendo ainda bem boas economias para Portugal!

Aquelles homens da revolução luctaram rudemente pela vida, e foram homens!

As flores, que em grande profusão adornavam artisticamente a casa, os vinhos genero-

sos, a conversação de homens, na verdade alguns eminentes, tornavam as horas d'aquelle convivio tão agradaveis, que jámais se me varreram da memoria!

Que entreabrir de horizontes, que planear futuros! Horas da mocidade, unicas brilhantes e arrebatadoras que ha n'este mundo!

Aproveitem-as, rapazes!

Vieira de Castro fez um brinde, faiscante e colorido, como a sua palavra. Elle entrevia, n'esse momento, um rasgado horizonte!

Que destinos! Aquelle homem podia estar hoje entre nós; haver robustecido com a experiencia e estudo as suas grandes faculdades de orador; ter assomado ás eminencias do poder, e vir a ser um ministro de pulso, como já o fôra um tio seu — Antonio Manuel Lopes Vieira de Castro. Possuia nome illustre pelo berço, e mais illustre ainda pelo talento.

Sorria-lhe o amor no olhar voluptuoso da mulher... Que jámais houvesse cravado os olhos n'aquellas pupillas!

Tinha mãe, irmãos, amigos, que o amavam e applaudiam!

Tudo se abysmou n'uma hora!

Que destinos!!

Fevereiro, 8, 1884.

ANTONIO DE SERPA PIMENTEL

Dos rapazes do meu tempo, Antonio de Serpa era exemplo de sobriedade!

Ao jantar vinho e agua; ao café, nem sombras de *cognac;* mas bom conviva, sempre egual, acompanhava-nos aos nossos agapes, por vezes ruidosos, no Matta, no José Manuel, no Simão, na Taberna Ingleza.

Foi, talvez, esta ultima a casa de pasto mais frequentada em Lisboa, por todas as classes. E a proposito d'ella ainda um rapido episodio, n'esta minha conversação com o leitor, que já

vae no segundo volume, e que, se elle continuar a ter equanimidade bastante para aturar-me, dará seguidamente para terceiro e quarto.

O marechal Saldanha, nos primeiros annos da Regeneração, resolveu — um dia — fazer economias, começando a cortar pela mesa, e decidindo-se a ir jantar á Taberna Ingleza, muito resumidamente — apenas com quatro ajudantes de ordens, cinco sobrinhos, dois deputados, e dois pares do reino, seus capitaes inimigos nas Camaras, e mais o seu medico homœopatha — nada homœopatha á mesa — medico e collega, porque o marechal tambem professava a sciencia de Hahnemann! Foram para a sala interior, que era a maior, n'aquella modestissima convivencia.

Pois, senhores — d'alli a tres dias não havia, litteralmente, quem podesse agarrar um bife em semelhante casa! Todas as mesas estavam atulhadas de amigos politicos e admiradores do grande general! O seu mordomo punha as mãos

na cabeça, e o proprio duque achou que lhe saía mais barato o seu banquete de todos os dias em Santo Ambrosio!

*

* *

Antonio de Serpa, já em rapaz, tinha o segredo de aproveitar o tempo, por fórma, que lhe chegava para tudo. Regia uma cadeira de mathematica; escrevia todos os dias um artigo de fundo; fazia versos — alguns primorosos; frequentava a grande roda, nos serões e nos bailes, e ao café, na palestra animada, não falhava no Marrare.

As lettras e a politica, como elle diz, eram a sua paixão dominante. A politica, porém, levou a melhor, porque lhe absorveu o tempo. Só a obra dos jornaes é enorme. Que immenso capital de saber e de força não dispende, e desbarata, um jornalista do pulso de Antonio de Serpa, no decurso de quarenta e seis an-

nos de lavor! Ainda assim, e com a resolução dos negocios do estado, nos seus repetidos consulados, não lhe faltam livros, que attestam subido valor litterario, como estylo e saber.

Antonio de Serpa, á parte as brancas, é o mesmo homem de ha quarenta annos. Sereno, extremamente cortez, alma sã e bondosa, se fôr precisa a lucta na imprensa ou no parlamento, ainda não encontram outro, embora moço e audaz, que seja mais energico. Não teve jámais um duello, nem um pugilato; mas sendo preciso affronta o maior perigo com a maxima serenidade.

Um exemplo. Depois de haver escripto os artigos mais violentos, accusando João Brandão, o famoso scelerado, e a sua alcateia de lobos, foi-lhe necessario ir á Beira para casa da sua familia.

Os amigos procuraram, instantemente, dissuadil-o. Não o conseguiram. Partiu. Era passo deveras arriscado: os Brandões tinham ainda muito poder n'aquelle tempo.

Um dia, Antonio de Serpa, com sua irmã e um creado, sairam para uma povoação visinha. N'esse tempo jornadeava-se a cavallo, por aquelle paiz montanhoso e sem estradas. A irmã era senhora afoita e boa cavalleira. Andado algum caminho, passou por elles um homem, de carabina ao hombro. O creado teve a imprudencia de dizer:

—É o João Brandão.

A senhora fez-se como defunta, e, vacillando, ia a perder os sentidos! O irmão saltou do cavallo, para a amparar, e animar com o maior sangue frio! O sitio ermo... João Brandão distanciava-se, voltando a cabeça, de vez em onde. Estava já longe; mas a sua carabina cursava a grande distancia, e punha a balla onde elle queria!

Foi um mau momento, e caso de dizer, que, aos dois irmãos, oração boa lhes acudiu! Pois Antonio de Serpa não deixou a Beira, emquanto lá teve que fazer, e andou por toda a parte!

O parlamentar e o homem de estado, nas

distracções, é phenomenal! Só tem um camarada da mesma força e estatura—João Vallera, o eminente romancista e notavel diplomata hespanhol.

Podia contar muitas anecdotas, que a maior parte dos leitores ignoram, mas basta uma. Antonio de Serpa estava ministro, e era grande, e serio, o peso de negocios. Uma noite, já tardas horas, Serpa levantou-se da mesa de trabalho, e poz-se a parafusar no modo por que não se havia de esquecer de uns papeis importantes, que tinha de levar no dia seguinte, impreterivelmente, á Secretaria.

Resolveu que o melhor meio seria pôr sobre a secretária a cadeira de braços, em que se assentava para escrever. Maravilhado com este expediente foi-se deitar, e adormeceu tranquillo.

No dia seguinte entrajou-se á pressa, almoçou de corrida, e entrou no gabinete de estudo, para tomar precipitadamente umas notas. Deu com a cadeira em cima da mesa, e disse comsigo:

—Este meu creado é unico! Ora vejam onde elle me foi pôr a cadeira!

Desceu-a; tirou as notas n'um *sanctiamen*. A hora apertava; carruagem prompta, correio a cavallo. Partiu. Chega á Secretaria. Ia dar principio aos seus trabalhos, e de subito lembra-se da cadeira sobre a secretária, do falso testemunho que levantara ao creado, e dos papeis que lá tinham ficado!

Com espanto de quantos estavam no gabinete, saíu porta fóra, metteu-se no trem, e foi, de rota batida, buscar a casa os documentos!

Parece debil, e tem tido sempre,—graças a Deus, e Deus lh'a conserve,—uma saude de ferro. O seu animo é ancho e varonil; mas um dia, no coração amantissimo teve um golpe de o traspassar banda a banda! Um filho, que promettia seguir na gloriosa esteira do pae, morreu-lhe! Annos depois, houve gente que o visse, ainda quando mais engolfado em negocios graves, de manhã, a pé, seguir para os Prazeres,

entrar a porta, procurar um tumulo, e chorar as suas lagrimas, ao sussurrar dos cyprestes!

Alma limpida, honradez immaculada, caracter sereno e firme. Leiam-lhe a autobiographia, tão eloquente na sua singeleza!

*
* *

Meu caro Bulhão Pato

Nasci em Coimbra no dia 20 de novembro de 1825. Meu pae, Manuel de Serpa Machado, era um liberal de 1820, e foi um dos presidentes do Congresso constituinte. Antes de eu ter chegado á edade de tres annos, em 1828, foi meu pae mandado desterrar, e depois recolher á prisão, em Castello Rodrigo, pelas auctoridades de D. Miguel; de modo que só o conheci no seu regresso a casa, em 1834, depois de terminada a guerra civil, e depois do

triumpho das armas liberaes, tendo eu então perto de nove annos.

As impressões, n'aquella tenra edade, ficam indelevelmente impressas na memoria. Por isso me lembro, como se fosse hontem, dos acontecimentos, que ouvia contar, em familia, aos visinhos, e ás poucas pessoas que frequentavam a nossa casa, na pequena aldeia da provincia da Beira em que viviamos, nos ultimos annos do governo de D. Miguel.

Não admira pois que as idéas de liberdade, de tolerancia, de odio ao despotismo e aos abusos do antigo regimen, ficassem gravadas no meu espirito infantil.

Vindo para Coimbra com a minha familia, comecei cedo a estudar os preparatorios, e depois a frequentar a Universidade, de que meu pae era lente, decano da faculdade de direito. Tendo começado a estudar mathematica na edade de quatorze annos, occupava o tempo que me sobrava, ou que eu subtrahia ao estudo official, a ler os jornaes e os livros que podia

apanhar de litteratura e de politica. A minha predilecção dividia-se, por egual, entre a litteratura romantica e a politica liberal. De politica procurava ler os livros francezes da epocha que andavam em voga, desde os mais sensatos até aos mais cheios de illusões e exaggerações politicas e sociaes, como quasi todos os publicados em França durante a monarchia de julho.

Mas não eram sómente os livros francezes e as impressões da infancia as causas do meu radicalismo politico. Eram tambem a minha falta de experiencia da vida, e a minha ignorancia da historia. Reflectindo ácerca dos defeitos, alguns sempre inevitaveis, da vida social, vendo a miseria extrema junto da riqueza, parecendo-me ver ainda n'isto uns restos de privilegio de classe, e persuadido de que uma melhor organisação politica e social podia fazer desapparecer, n'um momento, todas as injustiças que me revoltavam, adoptei, na sinceridade do meu animo, as idéas politicas mais ultrademocraticas.

Começou então o meu vicio de jornalista, que, como o da embriaguez, só se perde com a propria vida. Mandei para alguns jornaes de Lisboa artigos, sem assignatura, no sentido democratico, radicalissimo, mais do que republicano. Conservo ainda uns versos, que compuz n'aquella epocha e no mesmo sentido politico, junto dos quaes é descorado e quasi reaccionario o que por ahi escrevem alguns republicanos theoricos do nosso conhecimento. O caso explica-se. Então estava-se ainda, n'uma parte da Europa, na grandiosa lucta de sinceras convicções, de sacrificios e de heroicidades, porque se arriscava a fortuna e a vida, entre o velho e o novo regimen. Hoje, obtida a liberdade e a egualdade civil, e abolidos os privilegios de classe, a questão da fórma de governo, como a discutem, muito commodamente e sem nenhum sacrificio, aquelles republicanos, é uma questão um pouco anodina, e quasi de philosophia especulativa. Mas andam, na verdade, um pouco atrazados. Hoje a grande questão, e que o será

ainda para os nossos filhos e netos, é a questão social, e menos na sua feição politica do que na sua feição economica.

Antes de findar o anno de 1845, formado em mathematica, tendo em 1842 assentado praça, como aspirante, n'um regimento de infanteria, e pedido licença para continuar os meus estudos, vim matricular-me no curso de engenharia da Escola do Exercito, que não cheguei a completar, porque, tendo-se aberto um concurso de professor de mathematica na Escola Polytechnica, apresentei-me a esse concurso, obtive a nomeação, e deixei-me ficar na arma de infanteria, de que tenho a honra de ser coronel graduado.

Mas não se diga que fui apenas um militar *in absentia* ou *in partibus,* porque, no meio do meu curso na Escola do Exercito, tendo-se dado a chamada revolução do Minho, e depois o golpe de estado de 6 de outubro de 1846, e a lucta civil, que durou alguns mezes, foram fechadas as escolas, e, apesar do meu coração

estar com os revolucionados do Porto, deixei-me ficar em Lisboa, porque entendi que era esse o meu dever; fui mandado fazer serviço n'uma columna volante, ao sul do Tejo, e, sendo essa columna surprehendida n'uma bella manhã em Alcacer do Sal por outra columna, mais numerosa, e sustentada por um esquadrão de cavallaria, fui feito prisioneiro, e durante cerca de cinco mezes, até ao fim da lucta, estive preso na cadeia de Evora com varios outros officiaes e dois aspirantes, de todos os quaes sou o unico sobrevivente.

Depois de entrar, em 1851, como professor, para a Escola Polytechnica, tendo-se reformado a Academia Real das Sciencias, fui eleito socio d'esta illustre sociedade, por proposta do nosso grande Alexandre Herculano, apesar da minha insignificante ou nulla bagagem litteraria.

Foi por essa epocha que, com o meu collega na Escola, que tambem alli era professor, e distincto, o grandissimo talento Latino Coelho,

escrevemos um pequeno jornal litterario — *O Pharol,* que fez escandalo na nossa pequena sociedade litteraria, classica e official, pela desenvoltura e irreverencia da nossa critica.

Mas bem depressa entrei de vez no jornalismo politico, escrevendo primeiro no *Paiz,* com Herculano, Corvo, Pinto Carneiro, marquez de Niza, e successivamente na *Opinião,* no *Portuguez* e n'outros jornaes.

Em 1856 fui, pela primeira vez, eleito deputado para a legislatura que começou em 1857. Fui eleito sem compromissos politicos. É verdade que eu appoiava na imprensa o ministerio existente, que havia pouco tempo se tinha formado sob a presidencia do duque de Loulé, e por essa circumstancia era um candidato ministerial. Fui eleito pelo circulo d'Oliveira de Azemeis. A grande influencia, n'este circulo, era do proprietario Costa Sousa de Pinto Basto, que tambem appoiava o ministerio, mas com toda a independencia do seu caracter, e que podia fazer eleger quem elle quizesse favore-

cer, sem dependencia das auctoridades, e da vontade do governo. Este homem, que eu conhecia havia longo tempo, e que tinha por mim uma grande sympathia, tinha-me escripto, offerecendo-me appoiar a minha candidatura por aquelle circulo, que o mesmo era dar-me a certeza de que eu por alli seria eleito, independentemente, dizia elle na sua carta, de qualquer compromisso politico.

Entrei pois na Camara dos deputados, politicamente independente, porém disposto a appoiar o governo progressista com o meu voto, e appoiei-o por algum tempo.

O ministerio tinha-se recomposto, entrando para elle dois homens politicos de algum valor, Antonio José d'Avila (mais tarde duque d'Avila) e Carlos Bento da Silva, mas antigos conservadores, e portanto de uma côr politica muito diversa dos outros ministros, e principalmente do presidente do conselho, duque de Loulé. Não obstante, continuei ainda, por algum tempo, a appoiar o ministerio até que o gover-

no, em 1858, levou ás Camaras uma proposta de lei, que era um expediente financeiro, e que eu julguei menos conveniente, e contrario a todas as minhas theorias sobre economia publica. Subi á tribuna, e declarei-me contra o projecto e dissidente das idéas financeiras do governo. D'ahi em deante votei, em regra, com a opposição.

O governo resistiu ainda por muito tempo ás investidas opposicionistas do grupo, que cada dia crescia em numero, pelas dissidencias que se iam levantando no seio da maioria, e que já contava, entre os seus membros, oradores de primeira ordem, outros parlamentares já conhecidos, e alguns novos, que pela primeira vez appareciam na scena politica, em que mais tarde fizeram carreira. Citaremos, entre uns e outros, Fontes Pereira de Mello, José Estevão, Rodrigues Sampaio, Martens Ferrão, Joaquim Thomaz Lobo d'Avila, (hoje conde de Valbom), José Luciano de Castro, Casal Ribeiro, Thomaz de Carvalho, Fernando Mousinho, Sebas-

tião José de Carvalho (hoje visconde de Chancelleiros), Rodrigo Nogueira Soares, Gouveia Osorio (hoje visconde de Villa Mendo), etc.

A opposição era de tal ordem, que o governo, apesar da tenacidade da sua resistencia, e depois de varias crises, teve de pedir a sua demissão. Foi então que eu, pela primeira vez, fui chamado aos conselhos da corôa, no ministerio organisado pelo duque da Terceira.

Tendo sido ministro cinco vezes, e de uma vez por perto de cinco annos, toda a gente poderá suppor que tenho sido um ambicioso politico, que tenho disputado o poder, e que o meu procedimento, na imprensa e nas Camaras, tem todo por fim entrar nos ministerios, de que tenho feito parte. Esta não é a verdade. Quasi nunca entrei no poder senão com repugnancia, convidado, instado, começando por ter recusado, e accedendo por condescendencia, sem fallar nas vezes que recusei absolutamente, como adeante direi.

A proposito d'esta minha primeira entrada

n'um ministerio, começarei por contar uma pequena anecdota.

No segundo dia da crise ministerial, e estando o duque da Terceira encarregado da formação do novo gabinete, fui jantar com alguns deputados e um outro amigo a um *restaurant,* que havia, e não sei se ainda ha, no Caes do Sodré, que então se chamava a *Taberna Ingleza,* e que era muito bem frequentado. Foi lá que me foram avisar, de que o duque da Terceira me convidava para ir, n'aquella noite, a sua casa, d'onde saí ministro das obras publicas. Isto constou, e d'alli a poucos dias dizia um jornal da opposição, que eu era um ministro de tal ordem, que, para entrar no ministerio, me foram chamar *a uma taberna!* A intenção era tanto mais calumniosa, quanto, entre os vicios da mocidade de que poderiam accusar-me, o ultimo era, de certo, o do abuso das bebidas alcoolicas, de que aliás, n'aquella epocha, não eram isentos alguns homens novos, que começaram a figurar na litteratura e na politica.

Em casa do duque da Terceira, onde fui com o meu amigo Casal Ribeiro, que era um dos convidados e dos mais valiosos, e onde encontrámos os outros futuros ministros do mesmo gabinete, Fontes, Martens Ferrão, general Ferreri, convidou-nos o duque a entrar no seu gabinete, expondo-nos a situação e convidando-nos para seus collegas nas diversas pastas. Todos pediram a palavra, e foram fallando successivamente, indicando o que julgavam dever ser o programma do gabinete, nos assumptos da pasta para que cada um era convidado, e terminando por acceitarem. Por natural modestia fui o ultimo a fallar, declarando que não me julgava á altura de poder desempenhar, como convinha, a missão de ministro das obras publicas, cujos assumptos não tinha convenientemente estudado, tendo-me occupado, na Camara, unicamente dos assumptos de fazenda, cuja pasta aliás não podia ficar mais bem servida do que nas mãos do meu amigo Casal Ribeiro; que não ambicionava, pelo menos por emquan-

to, o logar de ministro; que não deixaria de dar o meu appoio á situação, que ia formar-se com o programma, que acabava de ver formular pelos cavalheiros, que tinham declarado que acceitariam as outras pastas; mas que eu não podia acceitar o honroso convite de fazer parte do ministerio. Todos instaram commigo para que acceitasse, e o duque, que durante esta conversa, tinha aberto uma grande pasta vermelha, que um correio lhe tinha vindo trazer, e estava assignando diversos papeis, terminou, dizendo que elle, como presidente do conselho, acabava de assignar os decretos da minha e das outras nomeações, que deviam sair publicados na manhã seguinte na folha official, que a demora na solução da crise tinha graves inconvenientes, etc., etc. Depois de uma pouca mais de resistencia, confesso que cedi, por mera condescendencia, e por acanhamento em contrariar homens, que eu respeitava, e em cuja intelligencia, pratica dos negocios, preponderante posição politica, e in-

concussa honestidade pessoal, tinha toda a confiança.

Eis ahi como eu fui, pela primeira vez, ministro, por condescendencia, e tendo começado por uma formal recusa.

Não é minha intenção escrever agora a historia d'este ministerio, e dos outros, de que fiz parte. Mas direi que os assumptos, de que se tratou durante o primeiro, nas camaras e na imprensa, foram quasi exclusivamente relativos ás pastas da fazenda e das obras publicas. Casal Ribeiro foi, como é sabido, um dos nossos mais notaveis ministros da fazenda. As suas varias reformas não só foram mantidas umas, mas outras foram adoptadas e acabadas de discutir, por accordo dos nossos immediatos successores. As obras publicas tinham sido inauguradas no primeiro ministerio da Regeneração pela iniciativa illustrada e fecunda de Fontes Pereira de Mello. Mas a Companhia dos Caminhos de ferro de leste tinha sossobrado, deixando apenas construidas poucas dezenas de

kilometros de Lisboa ao Carregado. No ministerio de 1859 a 1860, de que fiz parte, foram contratadas e começadas a construir as linhas de Leste e Norte, e das Vendas Novas a Evora e Beja. N'outro importante assumpto tratei, como ministro das obras publicas, de resolver uma questão economica importante, acabando com as restricções e privilegios da legislação antiquada, que regulava o commercio dos vinhos do Douro, e creando um banco agricola na Regua. A primeira parte ainda chegou a passar na Camara dos deputados, mas caducou na dos pares, por ter mudado o ministerio em junho de 1860. No Douro uma parte dos lavradores oppunham grande resistencia a esta reforma; mas o fructo estava quasi sasonado. Como auctor da proposta, e auxiliado pelo meu collega e amigo Gouveia Osorio, hoje visconde de Villa Mendo, fizemos constantemente questão d'este assumpto, durante os cinco annos do governo do duque de Loulé, e foi tão bom o resultado d'esta campanha, que no primeiro ministerio

de Joaquim Antonio de Aguiar e Fontes, de 1865, a abolição da legislação restrictiva do commercio dos vinhos do Douro passou, quasi já sem impugnação, nas duas Camaras, e os bons resultados d'esta reforma não se fizeram esperar.

Fui convidado para entrar n'esse ministerio de 1865. Recusei absolutamente, dando sempre, comtudo, o meu fraco appoio ao ministerio. A minha intenção era nunca mais ser ministro.

No anno de 1867 recebi, um dia, a visita de Fontes, que me foi offerecer o logar de conselheiro do Tribunal de contas, pedindo-me muito que não rejeitasse, porque, por causa de outros pretendentes, a minha recusa o collocaria em difficuldades. Não só não rejeitei, mas acceitei com muito reconhecimento o que, por todos os motivos, me convinha. Eram tempos em que um ministro, saindo do poder, não extranhava o ter tido de esperar sete annos, que o collocassem n'uma posição superior.

Em 2 de janeiro de 1870 fui convidado pelo duque de Saldanha, para fazer parte de um ministerio, que elle suppunha, não sei com que fundamento, que seria encarregado de organisar. Recusei, allegando o proposito em que estava de não ser ministro.

Depois do celebre e ominoso 19 de maio do mesmo anno, sendo, effectivamente, o duque encarregado de formar ministerio, mandou-me convidar para fazer parte do gabinete. Foi para este fim procurar-me a casa Antonio Rodrigues Sampaio, dizendo-me que elle entrava, como entrou, e allegando, para me decidir, que seria tambem convidado o meu amigo visconde de Chancelleiros. Respondi que não acreditava que Chancelleiros acceitasse o convite, mas que, acceitasse ou não, não acceitava eu em caso nenhum, e fiz a esse ministerio pela imprensa, por causa do vicio inconstitucional da sua origem, a maior opposição que se pode fazer a um governo.

Durou pouco, como não podia deixar de ser,

esse gabinete. Seguiu-se-lhe um ministerio presidido pelo marquez de Sá da Bandeira, do qual fizeram parte o conde, depois duque d'Avila, e o bispo de Vizeu Antonio Alves Martins. Este ministerio esteve quasi sempre em crise, e quasi sempre incompleto, entrando e saindo d'elle diversos homens politicos, no meio de accordos e desaccordos de partidos, até que, em setembro de 1871, se formou um ministerio homogeneo e a valer, presidido por Fontes Pereira de Mello.

Quando, n'uma d'estas crises ministeriaes, o bispo de Vizeu esteve para ser presidente do conselho, mandou-me convidar para uma das pastas por um nosso commum amigo, o juiz Antonio de Vasconcellos Pereira Coutinho de Macedo. Recusei, como das outras vezes.

O novo ministerio Fontes, que acima dissemos que era um ministerio a valer, durou cerca de seis annos, o que nunca succedeu a nenhum outro gabinete, depois que se implantou entre nós o regimen constitucional. Recusei

tambem a Fontes entrar para este ministerio, quando elle se formou em setembro de 1871, promettendo com tudo o meu fraco appoio e a minha cooperação, e desempenhei esta promessa, encarregando-me de uma das propostas de fazenda, que o governo apresentou ás camaras, e até de uma parte do relatorio da fazenda.

Porém um anno depois, fins de setembro de 1872, disse-me Fontes que elle pedia a demissão do ministerio, se eu não entrasse para a pasta da fazenda; que não tinha mais ninguem em quem tivesse confiança para o muito, que havia a fazer n'aquella pasta, visto Casal Ribeiro não querer então encarregar-se d'ella; que não tinha absolutamente tempo disponivel para accumular aquella gerencia com a da pasta da guerra, como tinha feito até alli, e com a presidencia do conselho. Cedi então a estas razões, vendo que o governo tinha, durante um anno, domado a anarchia, mantido a ordem, inspirado a confiança publica, e que a sua queda seria n'aquella occasião um mal para o paiz,

havendo muita coisa util a fazer, para o que se precisava de um governo de trabalho e perseverança. Eis a razão porque fui então ministro, tendo anteriormente recusado tantas vezes.

Do que fiz, bem ou mal, n'esse ministerio, sómente me referirei a um facto, que julgo ter tido alguma importancia. Quando entrei, os nossos fundos estavam na praça de Londres, que era então o nosso unico mercado externo, a 41; os emprestimos que continuamente faziamos n'aquella praça, custavam-nos, como vulgarmente se diz, os olhos da cara, e a nossa divida fluctuante andava por mais de 16.000 contos. Mas observei que estava refluindo a Portugal muito dinheiro do Brazil, que alli esteve represado por alguns annos, por causa da guerra do Paraguay. Entendi que, fazendo em Portugal os emprestimos de que o governo carecia, começando pela consolidação da divida fluctuante, encontraria aqui o dinheiro que vinha do Brazil, para poder effectuar estas ope-

rações; que ellas se effectuariam com muito menores encargos do que nos custavam os emprestimos de Londres, e que, cessando de pedir dinheiro áquelle mercado, os nossos fundos subiriam alli consecutiva e consideravelmente.

Não me enganei. O banqueiro de Lisboa, a quem primeiro communiquei este pensamento, fez algumas objecções, e o segundo apertou as mãos na cabeça, á vista do que lhe parecia um disparate e lhe fazia receiar um fiasco monumental. Insisti, e consultei outros chefes de bancos de Lisboa e Porto, alguns bastante illustrados, e que já não existem. Convenci-os, fiz annunciar n'um dia para o immediato, para não dar logar a conluios, um grande emprestimo nacional por subscripção publica, para a consolidação da divida fluctuante, tendo contractado com alguns bancos e banqueiros o tomarem uma parte da operação, posto que menos de metade, firme, com o pequeno *bonus* de meio por cento. A subscripção teve o melhor

exito, excedendo o pedido, e contrariando a expectativa dos que se julgavam competentes.

Nos quatro annos seguintes, em que o governo teve de fazer quatro emissões de obrigações especiaes, destinadas a construir os caminhos de ferro do Minho e Douro, tambem recorri á subscripção publica, com exito cada vez maior. Como era facil de prever, na praça de Londres, vendo-se que não precisavamos de lhes pedir mais dinheiro, os nossos fundos foram subindo successivamente até 55, e em Lisboa subiam na mesma proporção, e baixava o juro da divida fluctuante, a que se recorria para pagar o *deficit* annual do thesoiro.

Alguns criticos financeiros accusaram o governo de fazer todos estes emprestimos no paiz, absorvendo o dinheiro que nos vinha do Brazil, e desviando-o assim da industria e da agricultura nacional. A critica enganava-se: o dinheiro que não veiu para os emprestimos do thesoiro, ou, pelo menos, a maior parte d'elle, foi perder-se no jogo dos fundos hespanhoes,

que arruinou muita gente, e na creação de improvisados e desnecessarios estabelecimentos financeiros, que sossobraram na crise de 1876, de que adeante fallarei.

Tambem o facto de fazer emprestimos por subscripção publica, por conta do governo, foi criticado, e é certo que os livros dos economistas dizem, com razão, que este systema tem alguns inconvenientes. Mas dizer que um systema tem, ou pode ter inconvenientes, não é condemnal-o. Os inconvenientes dependem da occasião, e por isso o systema nem sempre se pode, ou se deve, pôr em pratica. Mas na occasião em que o puz entre nós, na epocha a que me refiro, não teve senão vantagens. Quem detesta, em geral, este systema, aqui como em França, são os banqueiros, e isto tem uma explicação obvia: o governo, quando pode recorrer e recorre directamente ao publico, prescindindo da sua intervenção, cercea-lhes o campo da sua industria.

Depois de quatro annos, em 1876, veiu a

crise financeira ou monetaria, como quizerem chamar-lhe, porque foi, em parte, uma e outra coisa. Esta crise foi principalmente o resultado do jogo dos fundos hespanhoes e da creação de desnecessarios estabelecimentos financeiros. As operações do governo não só não foram a causa da crise, mas o bom resultado d'estas operações, dando-nos grande credito em Londres, pelo facto de se terem passado quatro annos sem recorrermos áquelle mercado, permittiu-me que, para debellar a mesma crise, fornecendo dinheiro aos principaes bancos até o seu credito pelo contracto das classes inactivas e pelos fundos do estado que possuiam, mandasse vir immediatamente de Londres, e com juro modico, todo o dinheiro em oiro, que julguei conveniente. Dentro de alguns mezes, ficando apenas perdidos os estabelecimentos que não tinham condições de vida, os principaes bancos tinham restituido ao estado o dinheiro que este lhes havia emprestado, e o estado restituido aos banqueiros de Londres as impor-

tancias, que d'alli mandou vir, sem nada perder na compensação dos encargos d'estas duas especies de operações. Tudo isto se vê dos relatorios e documentos apresentados ás côrtes.

O ministerio, durante o qual se passaram os factos que acabo de apontar, saíu do poder antes do mez de abril de 1877. Um anno depois, tornava Fontes a ser chamado a formar governo, que organisou com quasi todos os ministros do seu ministerio anterior. Fui tambem convidado e acceitei. Foi esta a primeira vez que entrei no ministerio sem difficuldade nem reluctancia, e foi a unica vez em que não devia ter entrado, porque este gabinete era uma restauração ministerial, e estas restaurações são quasi sempre inconvenientes, além de pouco duradouras. E pouco duradoura foi esta, porque, passado um anno, o gabinete restaurado, de que eu fazia parte caíu, de novo.

Seguiu-se um ministerio, organisado por Anselmo Braamcamp, meu amigo pessoal, apesar de adversario politico, e depois outro, em que

foi presidente do conselho Antonio Rodrigues Sampaio.

Foi durante estes dois ministerios, de que não fiz parte, que escrevi e publiquei os meus dois livrecos *Alexandre Herculano e o seu tempo,* e *Questões de politica positiva.* Se algum dia publicar d'elles uma nova edição, terei de os refundir e acrescentar, porque foram escriptos sem grande estudo especial, e ao correr da penna.

Em dezembro de 1881 foi chamado ainda uma vez a formar gabinete Fontes Pereira de Mello, que conservou quasi todos os ministros do gabinete Sampaio, e me convidou para ministro dos negocios extrangeiros. Estava eu então em Paris, tratando de negociar um novo tratado de commercio, porque a França havia denunciado todos os seus tratados commerciaes anteriores. A minha primeira resposta ao convite de Fontes foi uma recusa absoluta. Porém ás suas novas instancias, e ás circumstancias de ordem politica, que allegava, respondi que

acceitava a pasta dos extrangeiros, com a condição expressa de que sairia na primeira occasião opportuna, ou quando tivesse de haver recomposição parcial do gabinete.

N'esse ministerio, e n'uma pasta ingrata, como é a dos extrangeiros n'um paiz pequeno e afastado, pela sua posição geographica, das mais graves questões de politica internacional, tratei de fazer alguma coisa util. Encontrei na secretaria um documento interessante, assignado pelo nosso ministro em Londres e meu amigo, o sr. Miguel d'Antas, ácerca da nossa velha questão com a Inglaterra sobre os territorios da emboccadura do Congo ou Zaire, onde aquella potencia tinha sempre recusado reconhecer os nossos direitos de soberania. Tratei de estudar a questão historica a fundo, sobretudo nas publicações do sabio visconde de Santarem e do marquez de Sá da Bandeira. E como o nosso ministro em Londres estava nas melhores relações politicas e particulares com sir Charles Dilke, que era então o *leader* do governo in-

glez na Camara dos communs, com grandissima influencia n'esse governo, e homem de idéas modernas e desempoeiradas — verdadeiro homem de estado — resolvi entabolar negociações officiaes para um tratado com a Inglaterra, em que esta potencia reconhecesse os nossos direitos no Congo. Sir Charles Dilke estava bem disposto, e as principaes bases do tratado foram combinadas. Deu-se, porém, então um facto, que começou a contrariar-nos. Sir Charles Dilke foi feito ministro de uma pasta secundaria, como ha muitas no governo inglez, deixando por isso de ser o *leader* do gabinete e de se occupar dos negocios importantes, politicos e diplomaticos. Por este motivo, e talvez por outras influencias e intrigas externas, o ministro dos negocios extrangeiros começou a recuar ácerca de algumas condições que pareciam estar combinadas, e a ser exigente, resultando d'aqui que o tratado, que aliás veiu a concluir-se e a ser assignado, não nos podia já ser tão largamente favoravel co-

mo a principio, e com toda a razão, eu tinha por certo.

D'aqui resultou que, quando se deu o caso de uma recomposição no nosso ministerio — que eu tinha combinado com Fontes que seria a occasião da minha saída do gabinete — saí com effeito, deixando, sem saudades, a pasta dos extrangeiros, e contribuindo para passar para ella o nosso collega e meu amigo Barboza du Bocage, que ultimou o tratado com a Inglaterra sobre o Congo, proseguindo nos termos em que eu o tinha deixado. É sabido que o governo inglez não ratificou este tratado, por causa da opposição formal da Allemanha, e creio tambem pelos manejos do rei dos Belgas, que já então pensava na famosa e abstrusa creação do Estado Livre do Congo, que havia de indemnisal-o das sommas importantes, que tinha dispendido com as explorações de Stanley no interior da Africa, e que se diz agora que vae liquidar, sem obter aquella indemnisação, como sempre previ e escrevi, sem ser

necessario ter olhos de lynce para assim o prever.

Pouco depois de sair do ministerio, fui incumbido pelo meu successor na pasta dos extrangeiros, incansavel, como poucos, na defesa dos interesses do nosso paiz, de ir a Pariz, a Berlim, á Haya e a Londres, tratar d'este assumpto do Congo, e, pouco depois, de representar o governo, juntamente com o nosso ministro em Berlim, na celebre conferencia diplomatica, que teve logar n'aquella cidade, desde novembro de 1884 até fevereiro de 1885, e que se ficou chamando a conferencia do Congo.

Ácerca do que alli se passou escrevi eu, ha dias, n'um jornal, a proposito da noticia, dada pelas folhas extrangeiras, de que se ia liquidar o famoso Estado Livre, ou a famosa colonia do rei dos belgas, o seguinte artigo:

«Stanley, tendo atravessado aventurosamente a Africa, como outros, entendeu que havia, nas regiões que atravessara, grandes riquezas a explorar, e que n'essas regiões se podia formar

um grande estado ou uma grande colonia, em que elle tinha os direitos de descobridor. E como precisava de capitaes para progredir na sua exploração, que a principio parecia só scientifica, dirigiu-se a um rico capitalista e homem intelligente, como é o rei dos belgas. Mas o estado ou colonia, que se formasse no interior, não tinha futuro sem uma saída para o mar, e esta estava indicado pela natureza que havia de ser a emboccadura do rio Congo, com as suas margens.

«Succedia, porém, que a emboccadura do Congo não se podia attribuir ás descobertas de Stanley, pois que estava descoberta, havia seculos, pelos portuguezes, e estes mantinham a sua antiga pretenção de serem senhores do territorio adjacente áquella emboccadura, apesar de lá não terem dominio effectivó, por causa da opposição que a esta pretensão lhe fazia a Inglaterra, a qual, todavia, á ultima hora, tinha finalmente assignado um tratado, em que reconhecia os nossos direitos. N'este aperto de

circumstancias, o rei dos belgas obteve do principe de Bismark, que era então quem *todo lo mandava,* e não sabemos com que condições, porque o principe de Bismark não dá ponto sem nó, obteve, dizemos, do principe de Bismark, que este obrigasse a Inglaterra a não ratificar o tratado, que acabava de fazer com Portugal, e convocasse para Berlim a celebre conferencia do Congo.

«N'essa conferencia, ao contrario do que muita gente pensa, não se tratou da creação do Estado Livre do Congo, nem dos direitos de soberania que alguma nação tivesse, ou deixasse de ter, nas margens do Congo ou em qualquer territorio interior. A conferencia esteve alguns mezes reunida, e fez um trabalho um pouco anodyno, em que se estabelece que, no vasto territorio que fórma a bacia do Congo, pertencesse elle a qualquer ou quaesquer das nações representadas na conferencia, haveria liberdade religiosa, liberdade de navegação no Congo e no Niger, exclusão do trafico da es-

cravatura, neutralidade do territorio em caso de guerra entre quaesquer d'aquellas nações, nada de direitos differenciaes de bandeira, e durante vinte annos, pelo menos, nada de direitos de entrada e de transito de mercadorias importadas. Estes ultimos dois pontos eram para fazer a bocca doce ás nações commerciaes, como a Inglaterra e a Hollanda.

«Mas para que serviu então a conferencia? Para, á sombra d'ella, e parallelamente, se estar negociando, com a connivencia official de Bismark, o reconhecimento do Estado Livre do Congo pelas nações da Europa representadas na conferencia. E o tal estado livre, depois de reconhecido, adheriu — como fôra estabelecido, que qualquer estado independente podia adherir — ao Acto Geral ou tratado internacional da conferencia de Berlim.

«Quando começou a conferencia, e, parallelamente, as negociações dos tratados entre as nações para o reconhecimento do Estado Livre do Congo, era opinião geral, posto que dita

ao ouvido, ou em conversas particulares, que a este estado seriam reconhecidas as duas margens do Congo desde a sua emboccadura, com preterição das nossas pretenções ou dos nossos direitos. Porém a França, que tambem tinha interesses na questão, não nos era desfavoravel. A Inglaterra tambem nos queria dar um bocadinho da margem esquerda, junto da emboccadura. E o principe de Bismark, que, quando se trata dos interesses do seu paiz, pode ser pouco escrupuloso, mas que, fóra d'esse caso, deseja ser correcto, e não se tornar odioso, nem ainda ás nações pequenas e de quem nada receia, poz um *basta* ás pretenções de Stanley, dos representantes dos Estados Unidos e do rei dos belgas, e para o Estado Livre do Congo ficou só a margem direita do Congo, menos Cabinda, e nós, além de Cabinda, ficámos com a margem esquerda até ao Ambriz no littoral, e no interior com muito mais do que nos queria reconhecer a Inglaterra.

«Quem tem alguma pratica, ou sequer al-

guma noticia de administração colonial, logo viu que o novo Estado do Congo, embora communicado com o mar por uma larga facha de terreno, e por um rio como o Zaire, e ainda que possuisse as duas margens, tendo renunciado ao direito de impor quaesquer taxas ás mercadorias importadas, e ainda que lh'as podesse impor, não podia, nos primeiros annos, nem nos primeiros decennios, nem talvez antes de meio seculo, tirar rasoavel receita liquida da administração d'este grande estado, na maxima parte selvagem, e necessitando de grandes despezas e de empregados praticos e de confiança para a sua exploração.

«Isto pode ser feito por uma nação, nunca por um só individuo, ainda que seja rei e muito rico.

«Eis ahi a razão porque, segundo diz o *Temps*, se vae estudar o melhor meio de liquidar o Estado do Congo. As despezas teem crescido enormemente, sem que as receitas tenham subido na mesma proporção. Pudéra! Era neces-

sario ser completamente ignorante do que são colonias, e colonias n'um paiz como a Africa, para imaginar o contrario. O rei dos belgas perde o dinheiro, que tem gasto com aquella phantasia, que o famoso Stanley lhe metteu na cabeça. Não temos pena nenhuma. As acções pouco generosas pagam-se, ás vezes, n'esta vida.»

Foi durante a conferencia do Congo, em Berlim, que me serviu um pouco o meu vicio de jornalista. Escrevi um grande numero de artigos, que consegui fazer publicar, como se fossem das respectivas redacções, em varios jornaes francezes de diversas côres politicas, ácerca do que se passava na conferencia. Um distincto jornalista francez, com grandes relações na imprensa do seu paiz, era o intermediario para estas publicações. Recebia, copiava e alterava, como julgava mais conveniente, os meus artigos, e creio que alguns d'elles, publicados em jornaes insuspeitos, tiveram influencia, para nós favoravel, n'alguns membros da conferen-

cia, que não eram dedicados á causa do rei dos belgas e de Stanley, ou *servi a mandatis* do principe de Bismark.

Quando regressei da conferencia de Berlim, durava ainda o ministerio Fontes, o ultimo que elle formou e presidiu. Sem lhe fazer opposição na Camara, discordei de alguns dos seus actos; não porque elles, em si e absolutamente, fossem maus ou censuraveis, mas porque me pareceram intempestivos ou inopportunos, entrando n'este numero a auctorisação para o contracto das obras do porto de Lisboa.

Em politica e administração a opportunidade é uma condição essencial. Em absoluto é excellente, é vantajoso, é optimo, construir estradas e caminhos de ferro, edificar pontes, crear portos artificiaes, e construir docas, caes, abrigos, e tudo o que se chama melhoramentos materiaes, cuja utilidade é incontestavel. Mas tudo isto se traduz em despeza publica, e quando esta excede, não direi no seu *quantum*, mas no seu juro, os recursos actuaes do paiz, e até os

recursos provaveis d'elle, na epocha em que aquelles melhoramentos houverem de produzir os seus beneficos resultados economicos, taes melhoramentos são excessivos, e portanto inopportunos, conduzindo, n'um futuro mais ou menos proximo, á perda do credito do estado e á banca-rota. Aquelle, systema, que desapprovei no que me pareceu tinha de excessivo, continuou, e com circumstancias aggravantes, ainda no ministerio que se seguiu ao de Fontes, e a perda do credito e a banca-rota chegaram mais tarde, como não podiam deixar de chegar. Não basta que uma coisa seja absolutamente boa e util, para ser conveniente; é necessario que não traga comsigo consequencias, que produzam males mais graves do que os bens de que foi causa.

Fontes Pereira de Mello falleceu pouco depois da queda do seu ultimo ministerio. Foi então que a maioria dos meus amigos politicos, antigos ministros, me designou para chefe do partigo regenerador, de que, havia trinta annos,

fazia parte. Designaram-me, de certo, por ser o mais antigo ministro do partido, e que, n'essa qualidade, despertava, menos do que qualquer outro, competencias e rivalidades. E eu acceitei unicamente, porque antevi que, se não acceitasse, o partido mais se fraccionava e dividia, e que n'aquella occasião seria prejudicial á causa publica, na presença de um governo forte a que todos faziamos opposição, por julgarmos errada a sua politica e muitos dos seus actos inconvenientes, para me não servir de phrase mais expressiva.

Se não fosse a circumstancia que acabo de mencionar, nunca teria acceitado uma posição, para a qual reconheço que tenho o maior defeito, que pode ter um chefe politico, que é o de desadorar o poder e o de detestar ser ministro.

Para este modo de sentir tenho as minhas razões, que são, além de uma conveniencia meramente particular, as duas seguintes:

Em primeiro logar diz-me a experiencia que

no nosso paiz, e creio que em alguns outros, menos na Inglaterra, os ministros, para desempenharem bem o seu officio, precisam absolutamente de occupar a maior parte do seu tempo em tratar e resolver negocios insignificantes. Confesso que não conheço nada mais aborrecido.

Em segundo logar, e isto é para mim da maxima importancia, ao ministro, no nosso paiz, não sobra tempo para se occupar senão dos negocios da politica e da administração, quer sejam dos insignificantes, como atraz fica dito, quer sejam dos de verdadeira importancia. Quem ama, sobre todas as coisas d'este mundo, a litteratura e a sciencia geral, quem, já longe das paixões da mocidade, tem por supremo prazer a leitura dos livros de historia, de memorias politicas, dos progressos da sciencia, das novas descobertas, das revistas litterarias e scientificas, das ultimas publicações dos escriptores mais acreditados, tem de deixar, querendo desempenhar regularmente o seu papel

de ministro, esta occupação agradavel. Eis o porque detesto ser ministro. E vou justificar este modo de sentir com o que me succedeu em tempo.

Quando fui, por perto de cinco annos consecutivos, ministro da Fazenda, tive de deixar as minhas costumadas, agradaveis e interessantes leituras. Mal me chegava o tempo para os variadissimos negocios d'aquella pasta. Com grande espanto meu, quando saí do ministerio, encontrei-me tão atrazado do movimento litterario e scientifico, ou, para melhor dizer, tão atrazado dos progressos do mundo, que vim encontrar duas sciencias novas, de que não fazia a menor idéa, e das de maior importancia do ultimo meio seculo, pelas suas consequencias futuras!

Uma d'ellas foi a sciencia, se assim se lhe pode chamar, ou o conhecimento dos factos prehistoricos, que para a historia do homem e da terra, para as sciencias que dizem respeito á humanidade e á geologia, para a anthropo-

logia, para a historia das raças, e, até certo ponto, para a sciencia a que deram o nome barbaro de sociologia, e de que quasi ainda não ha senão o nome, trouxe elementos e consequencias incalculaveis.

A outra sciencia nova, que vim encontrar, e de que não tinha a menor idéa, se tambem sciencia se lhe pode chamar, porque verdadeiramente não é uma sciencia, mas uma idéa scientifica que fez uma revolução em muitas sciencias, é a chamada hypothese de Darwin, que, mesmo sendo hypothese, transformou as sciencias naturaes. Os trabalhos, as longas investigações e as experiencias de Darwin e de outros naturalistas praticos, a idéa da variabilidade ou da não fixidez das especies botanicas e zoologicas, da selecção natural, da evolução progressiva, da continuidade ininterrompida do desenvolvimento da vida no globo, tudo isto fez uma revolução, não só nas sciencias naturaes, mas até nas sciencias moraes e sociaes, apesar da guerra que os velhos e seculares pre-

conceitos de toda a ordem ainda fazem a estas novas theorias.

Tudo isto eu ignorava, tudo isto vim encontrar de novo, só porque, durante alguns annos, deixei de ler as revistas e os livros que se iam publicando. Não desejo que isto outra vez me aconteça. E eis uma das razões porque detesto ser ministro.

Finalmente, em janeiro de 1890, tendo o ministerio, que estava no poder havia quatro annos, e que tinha maioria nas duas camaras, pedido a sua demissão, depois de ter acceitado o *ultimatum* da Inglaterra, na questão da soberania em territorios do interior da Africa Oriental, fui encarregado de formar gabinete. Não podia recusar, depois de ter acceitado o nome de chefe de um partido, que tinha feito opposição ao ministerio demissionario. Recusar o poder n'aquella triste occasião seria uma cobardia. Mas não me illudi. Depois da acceitação do *ultimatum* inglez, a missão ingrata do novo gabinete não podia ser senão negociar a fórma

de capitulação. Por isso aquelle ministerio e aquella situação duraram poucos mezes.

Eis aqui, meu caro Bulhão Pato, a minha autobiographia politica. Procurei fallar *quantum satis* de mim e o menos possivel dos outros, a fim de não ter de avaliar e criticar actos alheios. Por isso o que acabo de escrever, é de minimo interesse para o publico. Mas satisfiz ao que me pediste.

Sou um politico, e com razão, taxado de optimista, o que é uma nota discordante no meio do pessimismo, que é hoje muito vulgar. Tendo uma vida já longa, e tendo me sempre interessado no movimento politico, vejo que conquistámos a liberdade e a egualdade civil, que, ha sessenta annos, era ainda, em grande parte, um *desideratum,* e para muitos uma utopia. A geração de agora dá pouca importancia a esta vantagem, porque não viveu nos tempos em que ella não existia. Os costumes publicos teem melhorado e progredido consideravelmente; a tolerancia, esta virtude essencialmente

moderna, tem augmentado; a applicação da justiça tem-se aperfeiçoado; e até a criminalidade, apesar dos recentes attentados do anarchismo, que é uma loucura occasional, tem diminuido. Á questão propriamente politica succede agora a questão chamada social. Está esta nos seus principios, mas ha de afinal, depois das inevitaveis luctas, resolver-se, como, successivamente, todas as questões se resolvem n'um periodo mais ou menos largo. Em quanto aos progressos da sciencia, teem elles sido de tal ordem no nosso tempo, que esta só circumstancia é uma nota agradavel na vida moderna, para os que pensam. Eis porque sou optimista.

É certo que esta sciencia, que começa agora, e de que ha quem negue a existencia, chamada a sociologia, está ainda tão atrazada, que não é facil calcular, com sombras de exactidão, os principaes acontecimentos futuros na vida social do mundo. No entanto, e ainda antes de se fallar em tal sciencia e de se lhe ter dado um nome, quem meditava nos acontecimentos

historicos passados e nos que ia presenciando, predizia sem difficuldade, e sem pretender as honras de propheta, muitos acontecimentos, que se realisaram. Lembra-me que a um distincto cavalheiro francez, meu amigo, que, ha perto de trinta annos, esteve em Portugal, e com quem conversava ácerca do estado politico do seu paiz, muitas vezes disse que tinha a certeza de que se verificaria um certo facto, e que esperava que fosse ainda na minha vida. Era a queda do segundo imperio. Não me enganei, apesar de estar, n'aquella epocha, Napoleão III no auge da sua influencia e poderio.

Poder-se-hão agora fazer, a respeito da Europa ou de algumas das suas principaes nações, sem perigo de errar, algumas prophecias semelhantes? Creio que sim. Hoje atravessa a Europa uma situação difficil. No *struggle for life,* no combate pela vida, e no campo economico, está a Europa sendo combatida e vencida pela America. Em tempo a America mandava-nos os seus admiraveis productos naturaes de primeira ne-

cessidade, e a Europa, em troca, mandava-lhe os productos da sua industria. Hoje a America produz industrialmente e tão bem, e, dentro de pouco tempo, pode produzir tudo, como a Europa. N'este caso, a decadencia da Europa seria, ao que parece, inevitavel. Quaes são, n'esta lucta pela vida, as principaes vantagens da America? Uma d'ellas é não ter o peso das dividas publicas, que esmaga os contribuintes e os cidadãos activos de todas as nações da velha Europa. A outra, mais importante, é que estes são, além d'isto, ainda esmagados pelas despezas dos grandes exercitos permanentes, e, além das despezas, por estes absorverem as forças vivas dos estados, os milhões de mancebos na força da vida, que, em vez de trabalharem productivamente, fazem exercicios militares, e são portanto inuteis para a producção da riqueza publica. E d'aqui resulta tambem que uma parte dos outros braços, que podiam trabalhar, para fugirem aos encargos militares e ao peso das contribuições, filhas das grandes

despezas militares e dos encargos das dividas publicas dos estados, emigram para a America, onde ha menores encargos d'esta natureza, além de terem terrenos inexplorados, e portanto maior campo para o emprego de trabalho, com probabilidades de maior lucro. Esta situação da Europa é desagradavel.

Emquanto ás dividas publicas dos estados, as republicas americanas, começando pela mais importante e adeantada, vão seguindo os exemplos e os erros da velha Europa. Pelo que respeita, porém, ás despezas militares, conservam ainda uma grande vantagem sobre a Europa, emquanto esta não reduzir os seus grandes exercitos e as suas grandes despezas de guerra. Ora isto não se fará — e aqui vae a minha facil prophecia — emquanto a Alsacia e a Lorena não voltarem a fazer parte da França. A separação dos estados por nacionalidades é um dos factos predominantes do nosso seculo, tem sido a causa essencial ou o pretexto de todas as guerras internacionaes, que tem havido na Eu-

ropa, desde o fim do primeiro imperio francez, e só pode haver paz segura e definitiva n'esta parte do mundo, depois que cada nacionalidade constitua um estado independente. E quando dizemos nacionalidade, referimo-nos menos ás origens ethnicas, e ás questões de raça, a que a grande massa da população é indifferente, do que á vontade d'essa mesma população.

Houve tempo em que a Europa não podia desarmar por causa da questão do Oriente. Esta questão já perdeu, na maxima parte, a sua importancia. O imperio ottomano na Europa é hoje um cadaver. Se ainda o não enterraram, é porque ainda não existe accordo internacional sobre quem ha de ficar com o já pequeno territorio, que esse cadaver occupa. Hoje a questão, unica importante, que obriga a Europa a estar em pé de guerra, e a não poder cessar nas grandes despezas militares, que estão arruinando algumas nações, é a questão entre a França e a Allemanha, por causa da Alsacia e a Lorena. O equilibrio resultante da triplice

alliança, ou de qualquer outra combinação do mesmo genero, não é senão um equilibrio instavel. Paz segura, desarmamento geral, cessação das grandes despezas militares e da sequestração de innumeros braços, que faltam ao trabalho e á industria, e que estão sacrificando os interesses da Europa em frente da America, não podem vir senão quando se resolver a questão da Alsacia e da Lorena. Este resultado é que, provavelmente, já não virá na minha vida. Mas ha de vir, em futuro mais ou menos longo. Eis o que me diz o meu optimismo.

Em quanto ao nosso paiz, tambem divirjo dos pessimistas. Entendo, ao contrario de alguns d'estes, que a nacionalidade portugueza é das mais perfeitamente definidas, e que a sua missão historica se não pode dar por completamente terminada. Somos um povo expansivo e colonisador, apesar da pequenez da nossa população, e da pequenez do territorio que habitamos na Europa. E como, apesar d'isto, povoámos a maior parte das ilhas do Oceano